

João PEDRO MENDES

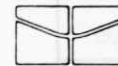
*Professor da Universidade de Brasília*

CONSTRUÇÃO E ARTE  
DAS  
BUCÓLICAS  
DE VIRGÍLIO

(com texto, tradução e notas)



**Instituto Nacional do Livro**



*Editora Universidade de Brasília*



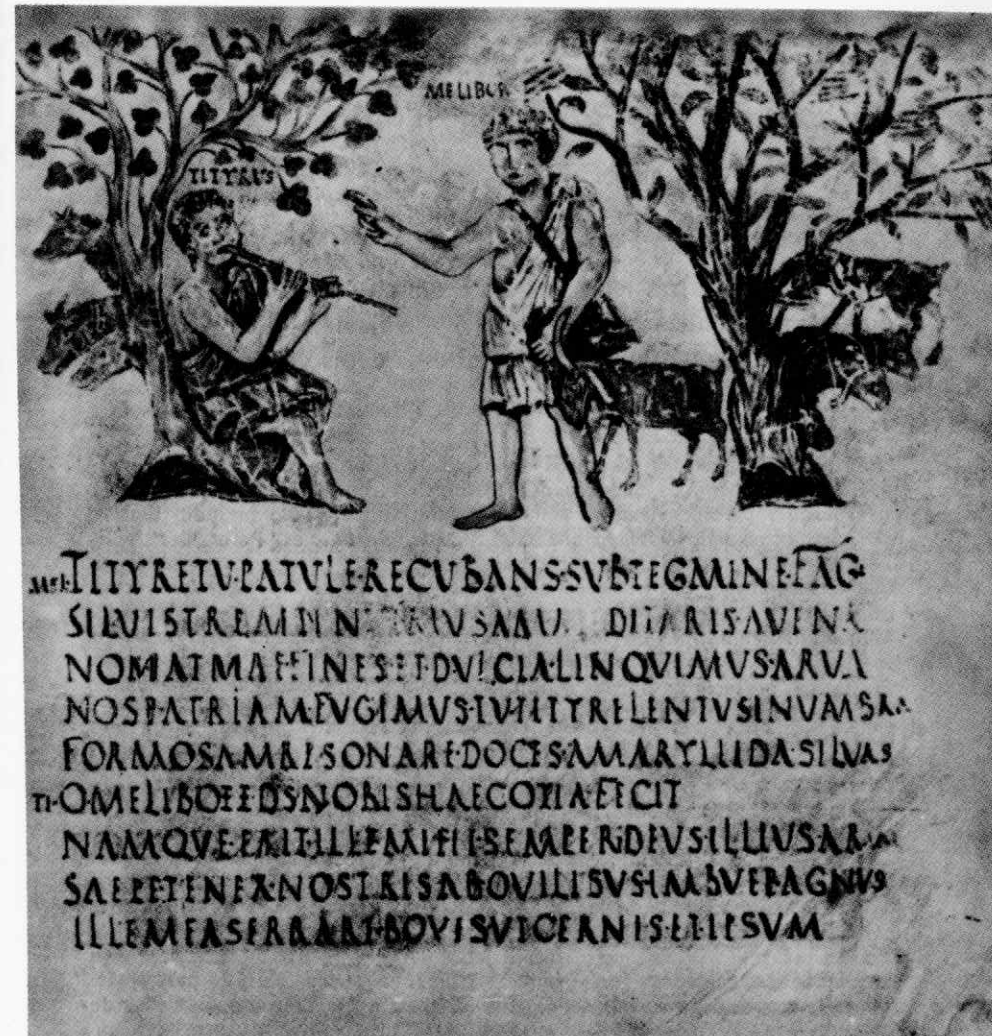
APOTEOSE DE AUGUSTO  
pormenor do cortejo dos sacrifícios  
mármore de ca. 40 d.C. — Museo di San Vitale, Ravenna

## APÊNDICE

### TEXTO, TRADUÇÃO, NOTAS E COMENTÁRIOS DAS BUCÓLICAS

### ARGUMENTO DA BUCÓLICA I

Diálogo de dois pastores, Títilo e Melibeu. Este deplora a situação de exilado, após sofrer espoliação de suas terras; aquele responde que deve sua vida tranqüila e feliz a um poderoso protetor de Roma, aonde se dirigiu a pedir e obter a liberdade (vv. 1-45). Melibeu felicita-o e pinta um delicioso quadro da boa estrela do companheiro, o qual expande seu indelével reconhecimento a esse deus, Otaviano. Quanto a si, apenas pode contrapor a tamanha ventura sua triste condição de desterrado (vv. 46-78). As sombras vão caindo e a noite se aproxima. Títilo convida o amigo a aceitar sua hospitalidade e a compartilhar o aconchego rústico de sua cabana (vv. 79-83).



Manuscrito do séc. V — Bibl. Vaticana (*Buc. I, 1-9*)

## BUCÓLICAS DE P. VIRGÍLIO MARO

### BUCÓLICA PRIMEIRA

MELIBEU

Ó Tíiro,<sup>1</sup> tu que estás recostado à sombra da copada faia,<sup>2</sup>  
modulas uma cantilena<sup>3</sup> rústica na delgada flauta;<sup>4</sup>  
nós<sup>5</sup> deixamos os territórios da pátria<sup>6</sup> e os doces campos;

<sup>1</sup> O primeiro dístico das *Bucólicas* delinea a largos traços o cenário sobre o qual se desenrolam os diálogos dos pastores. A repetição aliterante da oclusiva surda *t* parece evocar os sons da flauta rústica, como prelúdio musical do poema, segundo nota Saint-Denis, *Virgile, Bucoliques*. Paris, Les Belles Lettres, 1970, p. 101. O ambiente rústico e pastoril envolve os personagens, que se encontram em posições antitéticas: o pastor Tíiro desfruta o doce *otium* da vida tranqüila nos campos devolvidos ao seu legítimo proprietário; Melibeu lamenta o exílio forçado e a perda de um mundo cuja nostalgia assoma no contraste marcado por duas situações antinômicas: descanso, sombra fresca, prazeres da música e do canto, amores felizes, enquanto o rebanho vai pastando/angústia da espoliação, do desterro, de uma vida errante sem eira nem beira.

Sérvio, *Servii Grammatici Qui Feruntur in Vergilii Bucolica et Georgica Commentarii, ad Eclogam I*, 1, ed. de Georgius Thilo, Georg Olms. Verlagsbuchhandlung, Hildesheim, 1961, p. 4, diz que devemos tomar Virgílio "sub persona" de Tíiro, não em todos os casos, mas apenas onde e quando o sentido o reclamar. Porém, Léon Herrmann, ao longo de sua obra *Les Masques et les Visages dans les Bucoliques de Virgile*, Bruxelas, Éditions de la Revue de l'Université, 1930, tenta identificar com farta argumentação as verdadeiras personagens que se ocultam sob as máscaras virgilianas. E vai mais longe o erudito investigador: tais máscaras pertencem ao respectivo personagem, seja em que cena ou bucólica for. Assim, Virgílio reveste a máscara do pastor Menalcas; o poeta e gramático Q. Cecílio Epirota, a de Tíiro; e o "velho de Tarento" (da IV Geórgica) — o poeta Públio Valério Catão — a de Melibeu.

<sup>2</sup> Trata-se da *Fagus siluatica* (grego φηγός), árvore muito cultivada no centro e sul da Europa, por ser ornamental e dar sombra no verão. As suas folhas são ovadas, denticuladas na margem e prateadas na página inferior. Diz Sérvio, *op. laud.*, que estar deitado à sombra da faia é uma belíssima alegoria, como se dissesse à sombra de uma árvore glandífera; que os homens, antigamente, se alimentavam de glandes, e que por isso "fagus" se denomina assim από τοῦ φηγείν. Interessante etimologia a desafiar a argúcia de um Dumézil. O pastor Tíiro teria deste modo o perfeito lazer: sombra fresca, música, amor, paz, felicidade, campos próprios e... comida sem trabalho!

A expressão "lentos in umbra" constitui, segundo autores anônimos, uma alegoria para indicar a tutela do imperador.

## P. VERGILI MARONIS

### BUCOLICA I

MELIBOEVS

*Tityre, tu patulae recubans sub tegmine fagi  
siluestrem tenui musam meditaris auena;  
nos patriae finis et dulcia linquimus arua;*

<sup>3</sup> No texto, "Musam meditaris". No v. 8 da *Bucólica* VI, aparece "meditabor harundine Musam"; no v. 5, da *Bucólica* VIII, "Damonis Musam dicemus", repetindo o v. 1: "Pastorum Musam Damonis et Alpheisiboei". O termo significativa, metonimicamente, canto poético, poema, poesia, ária, cantilena, talento poético, estro, como aliás em Horácio, *Odes*, II, 1, 37: "Musa procax"; *Sát.*, II, 6, 17: "Musa pedestris"; Varrão, *apud Non.*, 6, 1: "Cum tot comoedias sine ulla fecerit Musa"; Marcial, 2, 39: "Musis et Apolline nullo".

"Meditar" equivale ao grego μελετεῖς, por metátese ("antistoechon"), segundo Sérvio, *op. laud.*, que aliás utiliza *ipsis litteris* o comentário de Emílio Asper (cf. Alfred Tomsin, *Étude sur le commentaire Virgilien d'Aemilius Asper*. Paris, Les Belles Lettres, 1952, p. 115). Este 2.º verso da *Bucólica* I é provavelmente inspirado por Lucrécio, *De Rerum Natura*, IV, 589; "Fistula siluestrem ne cesset fundere Musam".

<sup>4</sup> A flauta pastoril, ou flauta de Pã, era constituída por várias canas de calibre e comprimento desiguais, unidas por uma camada de cera (Ovídio, *Metam.*, 11, 154: "Et leue cero modulatur arundine carmen"). Plínio, I, 17 e I, 24, 11, discorre sobre os usos da "arundo", nomeadamente em medicina. Na poesia latina, além do nome de *auena*, aparecem também os de *calamus*, *cicuta*, *culmo*, *fistula*, *arundo* (ou *harundo*) e *tibia*, para designar o mesmo instrumento musical rústico.

<sup>5</sup> A justificação deste e doutros plurais a seguir, que têm dividido os intérpretes, parece-me residir no caráter de ambos os personagens como representantes de duas categorias de pastores-lavradores: os expropriados (Melibeu) e os que tiveram reintegração de posse das suas propriedades (Tíiro). O v. 72, adiante, afigura-se-me corroborar esta tese ao colocar o objeto direto ("agros") no plural. Contrariam tal interpretação alguns plurais, que poderia classificar "de modéstia", como o do v. 30, que logo cede ao singular no v. seguinte, onde, obviamente, as pastoras Amarilide e Galatéia estão na mesma relação gramatical com o objeto direto (Tíiro).

<sup>6</sup> A região de Mântua, onde muitas terras de lavoura foram confiscadas no ano 40 a. C. para satisfazer aos veteranos licenciados das guerras civis. Léon Herrmann, *op. laud.*, pp. 29 e 37, pretende demonstrar que o cenário não pode ser mantuano, mas da região de Tusculum, alegando razões de topografia e vegetação, conjugadas com a identificação de Melibeu (Velho de Tarento) e Tíiro (Q. Cecílio Epirota).

nós fugimos da pátria; tu, Títiro, estirado à sombra,  
ensinas os bosques a repetir o nome da formosa Amarílide<sup>7</sup>. 5

#### TÍTIRO

Ó Melibeu, um deus<sup>8</sup> nos concedeu estes ócios;  
com efeito, ele será sempre um deus para mim; um tenro  
cordeiro dos nossos redís muitas vezes ensangüentará o seu altar.  
Ele permitiu que as minhas vacas andassem livres,<sup>9</sup> como vês,  
e que eu próprio tocasse o que quisesse na flauta rústica. 10

#### MELIBEU

Em verdade, não te invejo, e sim admiro: a tal ponto reina  
a confusão<sup>10</sup> por todos os lados, em todos os campos! Eis que  
eu mesmo, triste, levo as cabrinhas na minha frente;  
esta até a conduzo com dificuldade, ó Títiro:

<sup>7</sup> Nome da pastora amada de Títiro. Este confessa a ligação amorosa no v. 30, declarando que Amarílide ocupa agora o lugar de Galatéia. A propósito deste último passo, há quem pretenda que Virgílio designa com o nome de Amarílide a cidade de Roma. Sérvio, em seu *Commentarius*, afirma que o poeta diz isto em sentido alegórico: "postquam relictá Mantua Romam me contuli: nam Galateam Mantuam uult esse, Romam Amaryllida", acrescentando que, como rústico, marca o tempo pelo corte da barba. Ângelo Policiano, I, 1, ep. 2, escreveu que Roma teve três nomes: *Roma* (nome vulgar), *Amarilis* (arcano) e *Anthusa* (segundo alguns, *Valentia*), em grego Ἀνθοῦσα. i. e., "florescente" (nome devido aos sacrifícios). Isto parece-me constituir extrapolação do quadro natural em que o diálogo se insere, tanto mais que seria Mântua (Galatéia) a deixar o pastor, o que não faria muito sentido, embora, no v. 31, Galatéia deva ser efetivamente representação alegórica de Mântua. A tese de Léon Herrmann encontra aqui um grande obstáculo, porquanto a mesma "máscara" caberia a dois personagens distintos. Por outro lado, no v. 36, Amarílide pode muito bem designar Roma (cf. nota 22, infra). Virgílio fala de Amarílide em I, 5, 30, 36; III, 77, 78, 101; e IX, 22; de Galatéia (Nereida) em VII, 37; e IX, 39; de Galatéia (donzela rústica) em I, 30, 31; e III 64, 72. Léon Herrmann, *op. laud.*, pp. 142-46, sustenta tratar-se de cortesãs da cidade "mascaradas" de pastoras.

"Ensinas os bosques a repetir..." (v. 5): o homem e a natureza encontram-se numa como que simbiose (cf. *Buc.*, VII, 1: "arguta ilice"; VIII, 22: "Maenalus argutumque nemus pinosque loquentis"; X, 59: "lucosque sonantis"; vd. nota n.º 36 à *Buc.* X).

<sup>8</sup> O imperador Otaviano recebeu oficialmente o título de *deus* no ano 29, quando lhe são consagrados os templos de "Diuus Iulius" em Roma e os de Pérgamo e Nicomédia, na Ásia. É nesse mesmo ano que Virgílio escreve as *Geórgicas*, por ocasião da execução da política agrária de Augusto. No ano 27, em Mitilene, é público o culto ao imperador, e em Roma é-lhe feita a dedicação do Panteão. Do ano 25 são os primeiros documentos que possuímos do culto imperial na Hispânia (célebre altar de Tarragona), sobre o qual temos uma tese recente com grande acervo de documentos epigráficos (R. Étienne, *Le culte impérial dans la péninsule Ibérique d'Auguste à Dioclétien*

*nos patriam fugimus; tu, Tityre, lentus in umbra,  
formosam resonare doces Amaryllida siluas.* 5

#### TITÝRVVS

*O Meliboee, deus nobis haec otia fecit;  
namque erit ille mihi semper deus; illius aram  
saepe tener nostris ab ouilibus imbuet agnus.  
Ille meas errare boues, ut cernis, et ipsum  
ludere quae uellem calamo permisit agresti.* 10

#### MELIBOEVS

*Non equidem inuideo, miror magis: undique totis  
usque adeo turbatur agris! En ipse capellas  
protinus aeger ago; hanc etiam uix, Tityre, duco:*

BEFAR, n.º 191, Paris, 1958). Sérvio frisa o advérbio *semper* como indicativo de que o sentimento do pastor é "post mortem et dum uiuit" o imperador.

A interpretação tradicional de que o *deus* desta Bucólica é Otaviano é rebatida por Léon Herrmann, *op. laud.*, p. 44, quando defende ser Júlio César o alvo do culto prestado por Títiro. A divinização do imperador e o seu respectivo culto poderão constituir preciosa indicação para estabelecer-se um termo *post quem* da composição das *Bucólicas*. O tom é aqui o da gratidão ao supremo benfeitor, à divindade tutelar, que fez jus ao próprio sacrifício ritual. É neste sentido que o termo *deus* é usado por Cícero, *Post reditum ad Quirites*, c. 5: "Lentulus parens, deus, salus nostrae uitae". Já no *De Oratore*, I, 23 e II, 42, bem como em *Attic.*, IV, 16, o Arpinate aplica a palavra ao que se distingue e é excelente nalguma coisa. Terêncio, *Adelf.*, IV 1, 19, emprega "deus" com o mesmo sentido: "facio te apud illum deum: uirtutes narro".

O culto imperial surgiu e desenvolveu-se na Ásia, devido às iniciativas de Pérgamo (cf. Paul Petit, *La Paix Romaine*. Paris, PUF, "Nouvelle Clio", n.º 9, 1971, p. 186) sob Augusto. Quatro vezes por ano, os libertos, nas províncias (em Roma, os *ingenui*), reunidos em colégio, sacrificam ao "numen Augusti" ou seu "genius". Informa Dião Cássio, LXXIV, 4-5, que aos imperadores é dedicada uma capela no templo dos "diui", e são instituídos jogos e cerimônias em sua honra, em decorrência da divinização após a concessão da apoteose pelo Senado romano.

<sup>9</sup> No texto, *errare*, termo característico do mundo pastoril. Significa "andar livre", "vaguear à toa", como em *Buc.* II, 21; no português vernáculo, temos "error", "errar", "erradio", com o mesmo sentido (cf. o título da obra de Ricardo Jorge, *Passadas de Erradio*). Jacques Perret, *Virgile*. Paris, 1965, p. 19, conclui, desta palavra, que o pastor Títiro possuía agora o direito de usufruir de pastagens livres, abertas, para seus rebanhos.

<sup>10</sup> O ambiente de confusão e tristeza foi produzido pela invasão e ocupação das terras pelos veteranos das guerras civis. A 3.ª p. sg. "turbatur" tem vigor expressivo maior que a 1.ª, que seria de esperar. Com efeito, a confusão foi geral, atingindo todos os cremonenses e alguns mantuanos expulsos dos seus domínios; "turbamur" teria sentido mais restrito, como bem nota Sérvio, *ad Eclog.* I, 12, *op. laud.*, p. 6.

pois aqui, entre as densas aveleiras<sup>11</sup> acabou de parir gêmeos — esperança do rebanho! — deixando-os na rocha nua.<sup>12</sup> Lembro-me de que os carvalhos atingidos do céu muitas vezes nos prediziam esta desgraça, se o nosso espírito não houvesse sido cego.<sup>13</sup> Mas entretanto, ó Títiro, dize-nos<sup>14</sup> quem é esse deus.

#### TÍTIRO

A cidade a que chamam Roma, ó Melibeu, em minha loucura imaginei-a semelhante a esta nossa,<sup>15</sup> para onde nós, pastores, muitas vezes costumamos conduzir as tenras crias apartadas<sup>16</sup> das ovelhas. Assim eu sabia os cachorrinhos semelhantes aos cães, os cabritos às mães; assim eu costumava comparar as coisas grandes às pequenas. Mas esta cidade ergueu tanto a cabeça entre as outras cidades quanto os ciprestes costumam erguê-la entre os vimes flexíveis.

#### MELIBEU

E que motivo tão grande tiveste para ver Roma?

<sup>11</sup> Arbusto ou árvore de pequeno porte, da família das betuláceas (*Corylus avelana*), das regiões temperadas do hemisfério norte. A sua folha macia é adequada para servir de cama aos animais. A avelã é muito apreciada, fazendo parte das especialidades de frutas secas da quadra natalina.

<sup>12</sup> Saint-Denis, *Virgile, Bucoliques*. Paris, Les Belles Lettres, 1970, p. 101, n. 4, situa o diálogo destes dois pastores no fim do verão, citando os vv. 15, 37, 55, 56, 78, 80 e 81 como abonadores. De todos estes versos, porém, apenas o 56 e o último podem servir a tal inferência. No clima europeu, na estação estival, a “rocha nua” (v. 15), os “frutos pendentes” (v. 37), a “queda no sono ao zumbido das abelhas” (v. 55), o “codesso florido e os amargos salgueiros” (v. 78), bem como, de novo, os “frutos maduros” e a “verde folhagem” (v. 80), podem ocorrer em qualquer fase do estio e até no outono. Digo que só os vv. 56 (do “podador” ou “colhedor de folhagem para o gado”, ou ainda, do “desfolhador”, se mantida a exegese excludente de “pombo-trocaz”, do cód. *Monacensis*) e 81 (“castanhas moles”, i. e., cozidas ou assadas) situam a cena no final do verão, porque a poda das árvores e os frutos maduros do castanheiro só ocorrem a partir do término dessa estação, ou melhor, em pleno outono. Por conseguinte, em minha opinião, o quadro é mais outonal. Por uma ilação de outra natureza (conjugação de dados atinentes à época de composição de outras Bucólicas), Léon Herrmann, *op. laud.*, p. 15, localiza a redação desta 1.<sup>a</sup> Bucólica entre 15 de outubro de 42 e 15 de outubro do ano seguinte (o outono começa em 23 de setembro).

<sup>13</sup> O carvalho é uma árvore da família das fagáceas, gênero *Quercus*, que produz uma bolota ou glande que serve de alimento aos animais, e boa madeira para construção, especialmente de carros e alfaias agrícolas, por ser muito dura, resistente aos insetos e ao atrito (cf. Hesíodo, *Os Trab. e os Dias*, vv. 427-29: φέρειν δὲ γῆν /.../ πρίνινον ὅς γάρ βουσὶν ἀροῦν ὄχρωτό τατός ἐστίν, e 436: /.../ δρυός ἐλυμα, γῆς πρίνου. Plínio, I, 16, 6 e 40, diz que o carvalho é tido como árvore sagrada de Júpiter e está sob a sua proteção. O mesmo diz Fedro, III, 17, e o seu fruto foi o primeiro alimento dos anti-

*hic inter densas corylos modo namque gemellos, spem gregis, a! silice in nuda conixa reliquit.* 15  
*Saepe malum hoc nobis, si mens non laeua fuisset, de caelo tactas memini praedicere quercus.*  
*Sed tamen iste deus qui sit, da, Tityre, nobis.*

#### TITYRVS

*Vrbem quam dicunt Romam, Meliboe, putauit stultus ego huic nostrae similem, quo saepe solemus pastores ouium teneros depellere fetus.* 20  
*Sic canibus catulos similis, sic matribus haedos noram, sic paruis componere magna solebam.*  
*Verum haec tantum alias inter caput extulit urbes quantum lenta solent inter uiburnd cupressi.* 25

#### MELIBOEVVS

*Et quae tanta fuit Romam tibi causa uidendi?*

gos. Virgílio, *Geórgica* III, 332, e *Enéida*, III, 680, também refere o carvalho como árvore de Júpiter. Sêneca, *Herc. Oetaeuus*, v. 1.474, chama-lhe “quercus fatidica”. Virg., *Enéida*, II, 54, emprega exatamente o mesmo hemistíquio, quando Enéias narra o veemente e inútil discurso de Laocoonte perante o cavalo de madeira.

A queda dos raios de Júpiter sobre a sua árvore sagrada seria uma predição manifesta de que os mantuanos perderiam seus campos; não obstante, a cegueira da mente não deixou que evitassem as conseqüências do mau preságio.

No episódio do cavalo de Tróia, o indício foi o tremular da lança cravada no bojo e o som lúgubre e cavo que a soturna “máquina” soltou. Na seqüência da narrativa, Laocoonte expia seu crime de haver ferido o “sacrum robur” com a ponta da lança (II, 230-31). Um novo indício — “quatro vezes (o cavalo) tropeçou na soleira da porta e quatro vezes as armas retiniram no bojo” — teria evitado a introdução do “monstrum infelix” na cidadela sagrada, se os troianos não insistissem, “immemores caecique furore” (II, 242-45).

<sup>14</sup> No texto, “da, Tityre, nobis”. Na linguagem coloquial, equivale a *dic*, imperativo de *dico*, como aparece em Terêncio, *Heautontimorumenos*, pról., 10: “Quamobrem has partes didicerim, paucis dabo”; Cícero, *Acad.*, I, 3: “Sed da mihi nunc, satis ne probas?”; Ovídio, *Fast.*, VI, 434: “Pius Aeneas eripuisse datur”; Estácio, *Theb.*, VII, 315: “Aesopos genuisse datur”.

<sup>15</sup> Mântua, cidade vizinha de Andes, hoje Pietola, na Gália Transpadana, às margens do Mincio. Outrora foi capital dos etruscos (*Enéida*, X, 201-3: “Mantua.../ipsa caput populis, Tusco de sanguine uires”).

<sup>16</sup> No texto, *deppelere*, que significa “levar separando à força”. A “uis” expressiva deste verbo traduz bem o ato brutal de apartar as crias de suas mães, ou efetuar o desmame, como acontece em *Buc.*, III, 82: “depulsis haedis”, e em Varrão, I, 2: “agnos a matribus deppelere”. Quando, na separação, não existe conotação de violência, o verbo usual é *deducere*, como em *Buc.*, VI, 71: “deducere montibus ornos”, e em *Enéida*, III, 71: “deducunt socii naues”.

A Liberdade<sup>17</sup> que, embora tardia, olhou-me, contudo, ocioso, depois que a barba caía cada vez mais branca, a mim que a cortava; todavia, olhou-me e veio após um longo tempo, depois que Amarílde nos possui, que Galatéia<sup>18</sup> nos deixou. 30  
Com efeito, confessá-lo-ei, enquanto Galatéia me prendia, nem existia esperança de liberdade, nem preocupação com pecúlio.<sup>19</sup> Embora muita vítima sáísse dos meus cercados,<sup>20</sup> e um gordo queijo fosse espremido para a cidade ingrata,<sup>21</sup> nunca a minha mão direita me voltava a casa cheia de dinheiro. 35

## MELIBEU

Eu me admirava por que triste, ó Amarílde, invocavas os deuses para quem deixavas pender os frutos em suas árvores: Títiro estava ausente daqui. Os próprios pinheiros, ó Títiro, as próprias fontes, estes mesmos arbustos te chamavam.<sup>22</sup>

<sup>17</sup> LIBERTAS QVAE SERA TAMEN — célebre divisa escolhida por Alvarenga Peixoto, em suas leituras de Virgílio, para figurar como legenda do triângulo maçônico da bandeira da Inconfidência e que persiste na do Estado de Minas Gerais (cf. Gustavo Barroso, *História Secreta do Brasil*, I parte, 2.ª ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1937, p. 165 sq.). A divisa do Acre ostenta hoje também essas quatro palavras latinas.

Na resposta de Títiro, está implícita a referência à Roma, aonde se dirigiu para obter a liberdade (imunidade dos campos; libertação da condição de escravo). Maurice Rat, *Virgile, Les Bucoliques, Les Géorgiques*. Paris, Garnier-Flammarion, 1967, p. 183, interpreta como alusão à deusa Libertas, cujo templo se erguia no Aventino. Tito Lívio, XVI, 1, 24, conta que esse templo foi erigido por um certo Graco, com dinheiro proveniente de multas. Cícero, *Pro Milone*, 22, Tácito, *Hist.*, I, 31, e o mesmo Lívio, I, 25, 7; I, 45, 15, referem-se ao vasto átrio desse templo. J. Liège, "Die Tityrusekloge", in *Hermes*, 1943, pp. 209-31, discorre sobre a situação jurídica da propriedade de Títiro, assim como sobre a sua condição social de liberto. O mesmo faz A. Deman, in *Latomus*, 1956, p. 373.

Na revista *Veja*, de 17 de jan. de 1979, Millôr Fernandes sustenta que o advérbio *tamen* não deveria integrar o lema dos conjurados mineiros porque o adjetivo *sera* já comporta o valor adversativo daquele advérbio. Mas que adianta polemizar agora sobre um fato irreversível?

Vinícius de Moraes ("Pátria Minha" — *Antologia Poética*, 1949), em versos deliciosos, evoca seus tempos escolares de moço pândego e irreverente:

"Mais que a mais garrida a minha pátria tem  
Uma quentura, um querer bem, um bem,  
Um *libertas quae sera tamen*  
Que um dia traduzi num exame escrito:

*Libertas, quae sera tamen respexit inertem,  
candidior postquam tondenti barba cadebat;  
respexit tamen, et longo post tempore uenit,  
postquam nos Amaryllis habet, Galatea reliquit. 30  
Namque, fatebor enim, dum me Galatea tenebat,  
nec spes libertatis erat, nec cura peculi.  
Quamuis multa meis exiret uictima saeptis,  
pinguis et ingratae premeretur caseus urbi,  
non umquam grauis aere domum mihi dextra redibat. 35*

## MELIBOEVVS

*Mirabar quid maesta deos, Amarylli, uocares,  
cui pendere sua patereris in arbore poma:  
Tityrus hinc aberat. Ipsae te, Tityre, pinus,  
ipsi te fontes, ipsa haec arbusta uocabant.*

'Liberta que serás também'  
E repito!"

(*apud* Paulo Rónai, *Não Perca o seu Latim*. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1980, p. 102)

<sup>18</sup> Galatéia, donzela rústica nas *Bucs*. I e III, é nome de ninfa marinha, filha de Nereu e Dóris, nas *Bucs*. VII e IX (vd. notas n.º 32, à *Buc*. I, n.º 19 à VII, e n.º 22 à IX).

Neste passo, Galatéia é uma camponesa modesta, ex-companheira de vida e condição de Títiro, ao qual impedirá de amealhar o suficiente para comprar a liberdade, por ser perdulária, frustrando o sonho mais ambicioso do pastor. Segundo a interpretação tradicional, Títiro confessa ter-se libertado de um amor demasiado absorvente.

<sup>19</sup> Sêrvio viu bem o nexo etimológico entre *peculium* e *pecus*, ao interpretar este verso como se o pastor dissesse que nem esperava a liberdade na cidade oprimida (Mântua), nem tinha zelo pelo patrimônio. Diz o comentador que a riqueza dos antigos consistia na posse do rebanho (*pecus*), donde provém *pecunia* (de *peculium*). Para um escravo, a constituição de um pecúlio podia valer-lhe a obtenção da alforria, por compra pessoal direta da liberdade.

<sup>20</sup> No texto, "meis septis"; os "saepta", ou "septa", eram propriamente dois locais no campo de Marte, divididos por meio de tábuas, à maneira dos estábulos das ovelhas ("oullia") e onde o povo romano aguardava o chamamento para votar, nos comícios. O adjetivo denota posse afetiva da propriedade adquirida com o seu pecúlio.

<sup>21</sup> "Ingrata" por receber a preço iníquo os produtos que o pastor lhe leva: leite, queijo e carne das ovelhas. Sêrvio anota que o rústico sustenta a cidade com seu trabalho e, ainda por cima, é objeto de escárnio e perde nas trocas. No pano de fundo, a eterna oposição da cidade e do campo.

Que havia de fazer? Nem me era lícito sair da escravidão, 40  
nem conhecer em outro lugar deuses tão propícios.<sup>23</sup> Lá<sup>24</sup>  
eu vi aquele jovem,<sup>25</sup> ó Melibeu, por quem todos os anos  
doze dias<sup>26</sup> os nossos altares fumegam. Ali ele me deu  
primeiro esta resposta, a mim que a pedia: “Apascentai  
os bois como antes, rapazes,<sup>27</sup> subjugai<sup>28</sup> os touros”. 45

## MELIBEU

Velho afortunado,<sup>29</sup> então os teus campos permanecerão  
teus! E são bastante grandes para ti, se bem que a pedra  
nua e um pântano cubra todas as pastagens de limoso  
junco;<sup>30</sup> pastos estranhos não tentarão as fêmeas prenhas,  
nem contágios malsãos do rebanho vizinho as contaminarão. 50

<sup>22</sup> Mais uma vez o *Commentarius* de Sêrvio insiste nas alusões a Roma. Aqui, os pinheiros seriam a própria cidade; as fontes, os senadores; e os arbustos (“arbuta fructeta”, aliás “fructeta”, segundo Forcellini, *Totius Latinitatis Lexicon*. Londres, Baldwin e Cradock, Paternoster-Row, e Gulielmi Pickering, Chancery-Lane, 1828, p. 807), os “scholastici” (?). O importante, para a economia deste ensaio, é a personificação da Natureza, bem patente neste passo.

<sup>23</sup> Títiro insiste no motivo que o levou a Roma. Na sua terra natal, chegara a uma situação aporética: por um lado, não conseguia o resgate da servidão; por outro, só Roma podia oferecer-lhe o dom mais precioso — a “libertas” —, por ser a residência dos “deuses”.

Os “praesentis diuos” designam hiperbolicamente Augusto e os protetores palacianos do poeta.

<sup>24</sup> Roma.

<sup>25</sup> “Illum iuuenem” é Otaviano. Segundo Léon Herrmann, *op. laud.*, p. 44n., “iuuenis” pode ainda ser aplicado a Júlio César no ano 49, se bem que, nessa altura, já conte cinqüenta anos feitos. Julgo, por minha parte, que o erudito pesquisador está forçando o texto para demolir todos os obstáculos à sua tese de desvelar as “máscaras” virgilianas.

Lembra Sêrvio que um decreto do Senado faz denominar o imperador de Otaviano Augusto a fim de que a majestade de tão alto poder não ficasse diminuída com a apelação de “puer”. Aliás, o poeta volta a chamá-lo assim em *Geórgicas*, I, 500.

<sup>26</sup> No original, “bis senos dies”. Recurso poético à perífrase por necessidades métricas.

Aos deuses Lares eram feitos sacrifícios anualmente, no mês de maio (cf. Ovídio, *Fastos*, V, 150). Porém, Augusto determinou que se cultuassem duas vezes no ano, segundo informa Suetônio, *Vidas*, 31. Informa também Sêrvio que o culto dos Lares se praticava no começo do mês, ou nos Idos de todos os meses. Filargírio (*Appendix Seruiana*, ed. Hermannus Hagen, Georg Olms, Verlagsbuchhandlung. Hildesheim, 1961, pp. 22-3) diz, num dos códices (Paris. 7960), que esse culto tinha lugar nas Calendas de todo o ano.

*Quid facerem? Neque seruitio me exire licebat,* 40  
*nec tam praesentis alibi cognoscere diuos.*  
*Hic illum uidi iuuenem, Meliboeae, quotannis*  
*bis senos cui nostra dies altaria fumant.*  
*Hic mihi responsum primus dedit ille petenti:*  
*“Pascite, ut ante, boues, pueri; submittite tauros.”* 45

## MELIBOEVS

*Fortunate senex, ergo tua rura manebunt!*  
*Et tibi magna satis, quamuis lapis omnia nudus*  
*limosoque palus obducat pascua iunco;*  
*non insueta grauis temptabunt pabula fetas,*  
*nec mala uicini pecoris contagia laedent.* 50

Os Lares eram deuses tutelares das casas e seus moradores. O local privilegiado para honrá-los era o *Lararium*, donde vem o port. “lareira”. O romano considerava-os presentes em todos os locais habitados: casas, campos, cidades. Sacrificava-lhes incenso, flores, farinha com sal (“mola salsa”), cereais, cordeiros, novilhos e suínos.

Títiro “promove” Augusto a divindade protetora de sua casa e, sobretudo, dos campos recuperados, com direito ao respectivo culto.

<sup>27</sup> Neste vocativo, toda uma carga de afeto e proteção, sendo extensivo a todos os pastores reintegrados na posse de seus domínios. Como se dissesse: “Apascentai, rapazes, os vossos rebanhos como antes!” O “pueri” não pode ser tomado ao pé da letra, porquanto o verso imediato qualifica o mesmo Títiro de “senex”, o tal cuja barba já encanecera (v. 28).

<sup>28</sup> “Submittite”, rigorosamente, é “ponde sob (o jugo)”, quer dizer, “amansai”. Saint-Denis, *op. laud.*, p. 103, diz que Sêrvio interpreta como “élever”, criar, e não “soumettre au joug”. Em nenhum dos códices daquele Comentador vemos tal. O códice serviano de *Pedro Daniel* é que explica a expressão: “exercete terram et sobolem”.

<sup>29</sup> Adverte o *Commentarius* de Sêrvio que “fortunate senex” (repetido no v. 51) não se refere à idade de Virgílio, e sim — termo pressago! — à fortuna vindoura do poeta. A repetição do possessivo, neste mesmo verso, é altamente expressiva: no primeiro caso, a notação de posse é dada pelo determinativo; no segundo, o pronome confere a *rura* um valor de terna possessão.

<sup>30</sup> Prefiro seguir a exegese de M. Desport, in *Revue Ét. Anc.*, 1943, p. 168, segundo a qual se trata de uma camada de lodo aluvial que cobre os campos, e não de uma orla de juncos, como opina Saint-Denis, *op. laud.*, p. 103. O valor do prefixo *ob* em “obducat” não é “falseado”, pois tem esse mesmo sentido por ex. em Plínio, I, 15, 14: “lanata mala lanugo obducit”; em Cícero, *De Nat. Deor.* II, 47: “obducuntur libro, aut cortice trunci, quo sint a frigibus et caloribus tutiores”.

Sêrvio e Filargírio fazem incidir seus comentários noutra ponto: na extensão e nos limites da propriedade de Títiro. Do que não resta dúvida é de que o poeta tinha em sua retina os campos à beira-rio do seu lugar de origem: Andes e o Míncio.



Velho afortunado, aqui, entre rios conhecidos<sup>31</sup>  
e fontes sagradas,<sup>32</sup> buscarás a fresca sombra. De um lado,  
a sebe que do limite vizinho é sempre sugada na flor do  
salgueiro<sup>33</sup> pelas abelhas do Hibla<sup>34</sup> te convidará com  
leve sussurro a cair no sono; de outro lado, ao pé  
de uma alta rocha, o podador<sup>35</sup> cantará aos ventos;  
entretanto, porém, nem as roucas pombas, teus cuidados,  
nem a rola deixarão de gemer do alto olmeiro.<sup>36</sup> 55

#### TÍTIRO

Por isso, os velozes cervos pastarão no céu,  
e os mares deixarão na praia os peixes em seco,<sup>37</sup> 60  
o Parto exilado beberá no Arar ou o Germano no Tigre,<sup>38</sup>  
desviados dos confins de ambos,

<sup>31</sup> "Flumina", a rigor, designa cursos de água permanentes. Os poetas, hiperbolicamente, dão este nome a qualquer fluxo de água abundante, seja de sangue (Lucrecio, II, 354), seja de nuvens portadoras de chuva (*idem*, VI, 255), seja de lágrimas (*Enéida*, I, 469), seja de pedras (Lucrecio, VI, 1062), seja até mesmo de palavras (Cícero, *Pro Marcello*, 2). Virgílio emprega às vezes *rius*, que é um curso de água menor que o *flumen*, e *torrens*, que é um rio temporário. *Ammis* e *fluuius*, também usados, são sinônimos de *flumen*.

Os "flumina nota" são o Mincio e o Pó.

<sup>32</sup> O caráter sagrado das fontes está sempre presente na linguagem poética, desde os gregos. Povoavam-nas as ninfas Napéias, às quais também eram consagrados os bosques e as cavernas. Columela, X, 264, distingue as Napéias ("in siluis agentes") das Dríades ("proprio in quercubus natae").

<sup>33</sup> Designação comum a várias espécies do gênero *Salix*, da família das salicáceas, de flores inconspícuas, dispostas em espigas cilíndricas. Sérvio liga a origem de "salictum" (*uirgultum*) a "salio", por brotar e crescer depressa. Festo considera ridícula esta interpretação.

Segundo especialistas em apicultura, apenas a espécie *Salix caprea* dá, na primavera, flores abundantes e ricas em néctar, que as abelhas procuram com avidez (cf. R. Billiard, *L'agriculture dans l'antiquité*. Paris, 1928, *apud* Saint-Denis, *op. laud.*, p. 103). Note-se a expressiva aliteração, sugerindo o zumbir do enxame: "saepe leui somnum suadebit inire susurro".

<sup>34</sup> Monte da Sicília, perto de Catânia (atual Calatagirone), cujo mel era famoso na antiguidade. A sua vegetação era composta de grandes extensões de alecrim, tomilho e flores silvestres, ideal para as abelhas de boa qualidade. Ovídio faz referências a este monte (*Ibis*, 201, e *Trist.*, V, 13, 22).

Sérvio coloca como alternativa a interpretação do Hibla como lugar da Ática, na Grécia, "ubi optimum mel nascitur". Acho não ser necessário recorrer a esta hipótese, por o Hibla siciliano, segundo parece, receber este nome dos colonos gregos da Sicília. Em *Buc.*, VII, 37, Coridão fala do tomilho do Hibla.

<sup>35</sup> Saint-Denis, *op. laud.*, pp. 103-04, dá notícia da controvérsia entre os que sustentam tratar-se de um pássaro e os que dizem tratar-se do podador ou desfolhador. Maurice Rat, *op. laud.*, p. 184, n. 20, *bis*, declara que "é difícil, se não impossível, pronunciá-lo". Ovídio, *Metam.*, XIV, 649, e Plínio, XVIII, 31, denominam assim apenas este último.

*Fortunate senex, hic inter flumina nota  
et fontis sacros frigus captabis opacum.  
Hinc tibi, quae semper, uicino ab limite saepes  
Hyblaeis apibus florem depasta salicti  
saepe leui somnum suadebit inire susurro; 55  
hinc alta sub rupe canet frondator ad auras;  
nec tamen interea raucae, tua cura, palumbes,  
nec gemere aeria cessabit turtur ab ulmo.*

#### TITYRVS

*Ante leues ergo pascentur in aethere cerui,  
et freta destituent nudos in litore piscis, 60  
ante pererratis amborum finibus exsul  
aut Ararim Parthus bibet aut Germania Tigrim.*

A interpretação de "frondator" como "pombo-trocaz", neste passo de Virgílio, parece ser descabida, se ponderadas as razões de ambas as partes daquela polêmica, alegadas e desenvolvidas na revista *Latomus* (n.ºs de 1960, 1961, 1962 e 1964).

Sérvio enumera três tipos de "frondator": o camponês que poda as árvores; o que faz molhos de forragem para dar aos animais como ração no inverno; e o que desparrama as folhas das videiras para abrir os cachos ao sol e assim facilitar a maturação das uvas.

<sup>36</sup> Este quadro de áurea felicidade no campo corresponde bem ao ideal epicurista de viver. A *ἀταραξία*, ou equilíbrio da psique, e a *ἀπονία*, ou equilíbrio do corpo, constituem os objetivos supremos da ética de Epicuro de Samos. O genuíno *ἡδονή* consiste na calma tranqüila, na serenidade imperturbável, na permanente igualdade a si próprio. De todos os vínculos e obrigações, o epicurista apenas aceita o da livre amizade. É essa quietude perfeita que se desprende do diálogo e do cenário, como frustração de Melibeu e usufruição de Títiro.

O olmeiro, olmo ou ulmo, é uma árvore própria do clima europeu, mediterrâneo, como as demais referidas nas *Bucólicas*, da família das ulmáceas (*Ulmus campestris*). A madeira é utilizada na construção, e as folhas, ripadas à mão, servem para sustento dos animais. Por ser árvore que atinge boa altura e de folhagem pouco cerrada, os vicultores empregam-na para nela enlevar as parreiras ditas de enforcado.

<sup>37</sup> Veemente *ἀδυναμία* para vincar bem o caráter indelével da gratidão de Títiro para com o imperador. É o mesmo que afirmar que mais depressa mudará a essência das coisas do que será esquecido o supremo benfeitor.

Este dístico (vv. 59-61) é apresentado pelo *Commentarius* atribuído a Probo, ao lado dos vv. de *Enéida*, I, 607-08 ("In freta dum fluuii current, dum montibus umbrae/Lustrabunt, conuexa polus dum sidera pascet"), como exemplo de interação dos gêneros bucólicos e épico. Em ambos os dísticos é visível a mesma autoria e argumentação pelo *ἀδύνατον*.

<sup>38</sup> Reforço da *ἀδυναμία* aristotélica anterior. A geografia pode mudar, de forma a que o habitante da Partia (Irã atual, por exemplo) se abasteça da água do Arar (rio da Gália, hoje Saône), ou o da Germânia se abasteça do Tigre; porém, a imagem do imperador jamais se apagará do coração do pastor. Observe-se o quiasmo perfeito: Parto/Arar — Germano/Tigre.

antes que o rosto daquele se apague do nosso coração.

#### MELIBEU

Mas nós iremos daqui, uns para junto dos sequiosos africanos,<sup>39</sup> outros para a Cítia,<sup>40</sup> e chegaremos ao veloz Oaxe<sup>41</sup> de greda e aos bretões<sup>42</sup> completamente separados de todo o mundo. Será que um dia, após longo tempo, reverei os territórios pátrios, o teto da minha pobre choupana coberto de colmo e, mais tarde, revendo os meus domínios, encontrarei, surpreso, algumas espigas?<sup>43</sup> Um soldado ímpio<sup>44</sup> possuirá estas terras tão cultivadas? Um bárbaro.<sup>45</sup> estas searas? Eis até onde a discórdia levou os cidadãos infelizes! Para esses nós semeamos os campos!<sup>46</sup> Agora, ó Melibeu, enxerta as pereiras, põe as videiras em linha! Ide, ide, minhas cabrinhas, outrora rebanho feliz: eu não vos verei de ora em diante, deitado numa gruta verdejante, suspensas em cima de uma rocha coberta de mato, ao longe; nenhuma canções cantarei; não tosareis, cabrinhas, apascentando-vos eu, o codesso<sup>47</sup> florido e os amargos salgueiros.<sup>48</sup>

<sup>39</sup> Sinédoque. O todo é tomado como parte. Sérvio diz que o poeta se refere à Líbia "ardente". Na imaginação do romano, como ainda hoje na do homem comum da Europa e das Américas, a África é considerada uma terra abrasada pelo calor e privada de água. Assinale-se igualmente a metonímia implícita na sinédoque.

<sup>40</sup> A Cítia, para os antigos, era a designação global das terras que ficavam ao norte, desde o Cáucaso até ao Mar Setentrional. Heródoto deixou-nos descrições notáveis dos Citas, e George Dumézil, em nossos dias, estudou a fundo os atuais descendentes deles, os primitivos Ossetas, que habitam a região do Cáucaso.

<sup>41</sup> Diz Sérvio que o Oaxes ou é rio da Mesopotâmia que se turva com a terra branca (greda) que arrebatava em seu curso veloz, ou da Cítia; em tempo, afirma que não é rio da ilha de Creta, contrariando Varrão (*Atacinus*).

Forcellini, *op. laud.*, verbete "Oaxes", informa que Harduino, em seu comentário a Plínio, VI, 18, dá nova interpretação para corroborar a localização deste rio na Cítia. Diz ele que Oaxe e Oxo são nomes do mesmo rio da Cítia asiática, correndo pela região Margiana, cujo étimo, ao que se crê, é *marga*, espécie de greda que fertiliza os campos. Acrescenta o célebre jesuíta francês que o rústico, induzido por Virgílio, como não conhecia a *marga*, falou em Oaxo de Creta por ignorância; e que fez menção desse lugar sobretudo por ainda estar fresca na memória a derrota de Crasso, quando os soldados romanos foram levados para lá como prisioneiros.

<sup>42</sup> Informa Sérvio que outrora a Bretanha estava unida ao continente. A *Britannia*, do nome do rei Britão, era antigamente denominada *Albion*, dos

*quam nostro illius labatur pectore uoltus.*

#### MELIBOEVS

*At nos hinc alii sitientis ibimus Afros,  
pars Scythiam et rapidum cretae uenimus Oaxen 65  
et penitus toto diuisos orbe Britannos.  
En unquam patrios longo post tempore finis,  
pauperis et tuguri congestum caespite culmen,  
post aliquot, mea regna uidens, mirabor aristas?  
Impius haec tam culta noualia miles habebit? 70  
Barbarus has segetes? En quo discordia ciuis  
produxit miseros! His nos consequimus agros!  
Insere nunc, Meliboe, puros, pone ordine uitis!  
Ite meae, felix quondam pecus, ite, capellae:  
non ego uos posthac, uiridi proiectus in antro, 75  
dumosa pendere procul de rupe uidebo;  
carmina nulla canam; non, me pascente, capellae,  
floretem cytisum et salices carpetis amaras.*

montes Albos, que do mar se avistavam primeiro (cf. Plínio, III, 16). Os bretões habitavam o extremo limite do mundo conhecido na época virgiliana.

<sup>43</sup> O expropriado, apesar do desalento, alberga no fundo do coração uma tênue esperança de recuperar seus campos. O "aliquot aristas" define bem esse fio de esperança.

<sup>44</sup> O veterano da guerra civil merece de Melibeu a acusação de "impium" por haver profanado os deuses Lares, protetores de habitação, e os antepassados.

<sup>45</sup> Nova objurgatória do pastor contra o ocupante dos seus domínios. Bárbaro, para os gregos, era todo o que não fosse heleno (Sérvio, *Comm. in Aen.*, II, 504).

Os romanos chamavam de bárbaros todos os que não eram latinos ou gregos. Mais tarde, passaram a receber esse apodo os que não eram súditos do império. Alguns dos ex-soldados beneficiários das terras confiscadas eram gauleses e germanos. Cícero, *De Nat. Deor.*, II, 4, chega a falar de bárbaros entre os próprios naturais da Itália, os lígures e os transalpinos por exemplo, por não estarem incluídos no império romano.

<sup>46</sup> Há uma ironia mordaz, perfeitamente compreensível, nesta exclamação e na seguinte.

<sup>47</sup> Columela, V, e Plínio, XIII, 24 falam muito deste arbusto da família das leguminosas (*Laburnum uulgare*), de flores amarelo-claras, dispostas em ramos pêndulos, que nasce nos campos e bosques e é procurado pelas ovelhas e cabras bem como pelas abelhas, que nele captam o néctar. Catão, *De Re Rust.*, 43, fala da sementeira do "cytisum", e Varrão, II, 2, chama-o de amigo e atribui-lhe propriedades medicinais.

<sup>48</sup> Amargos para o nosso gosto, doces para as cabras, esclarece Sérvio. Vd. nota n.º 33, *supra*.

Entretanto, poderias repousar esta noite aqui comigo sobre a verde folhagem. Temos frutos maduros, castanhas moles<sup>49</sup> e abundância de leite coalhado; e já, ao longe, fumegam os cumes dos tetos dos casais e as sombras caem e se alongam dos altos montes.<sup>50</sup>

80

<sup>49</sup> O fruto do castanheiro europeu (*Castanea vesca*), mais uma espécie da família das fagáceas. Em *Buc.*, II, 52, Coridão fala das “castaneasque nuces... quas Amaryllis amabat”. “Castaneae molles” são castanhas maduras (Sérvio e Filargírio). O povo europeu ainda hoje tem o costume de comê-las cozidas ou assadas. Seja como for, o mais natural é que *molles* não signifique “maduras”, porquanto, antes da maturação, o ouriço espinhoso é difícil de abrir. Ademais, antes do invólucro se abrir espontaneamente, a castanha, que na verdade é mole nessa fase, não presta para comer. Quando atinge a maturação, ela é bastante dura. Por serem “moles” apenas quando assadas ou cozidas é que optei por essa tradução.

Após a elaboração desta nota, tomei conhecimento do último capítulo da obra de L. Quicherat, *Mélanges de Philologie*. Paris, Librairie Hachette et Cie, 1879, pp. 344-65, intitulado “Trois passages de la Première Églogue de Virgile”. O primeiro desses passos é justamente o v. 81 (para ele 82): “castaneae molles...”, voltando ao adjetivo no segundo passo (“post aristas”, v. 69). Com farta argumentação, condena Quicherat a interpretação de Sérvio como “inaceitável”, incidindo sobre o rigoroso significado de “molles” na sua primeira acepção (“amolecidas” por cocção em água — preferível

*Hic tamen hanc mecum poteris requiescere noctem  
fronde super uiridi. Sunt nobis mitia poma,  
castaneae molles et pressi copia lactis;  
et iam summa procul uillarum culmina fumant,  
maioresque cadunt altis de montibus umbrae.*

80

devido às circunstâncias do convite do pastor ao amigo —, sob a cinza ou por assadura).

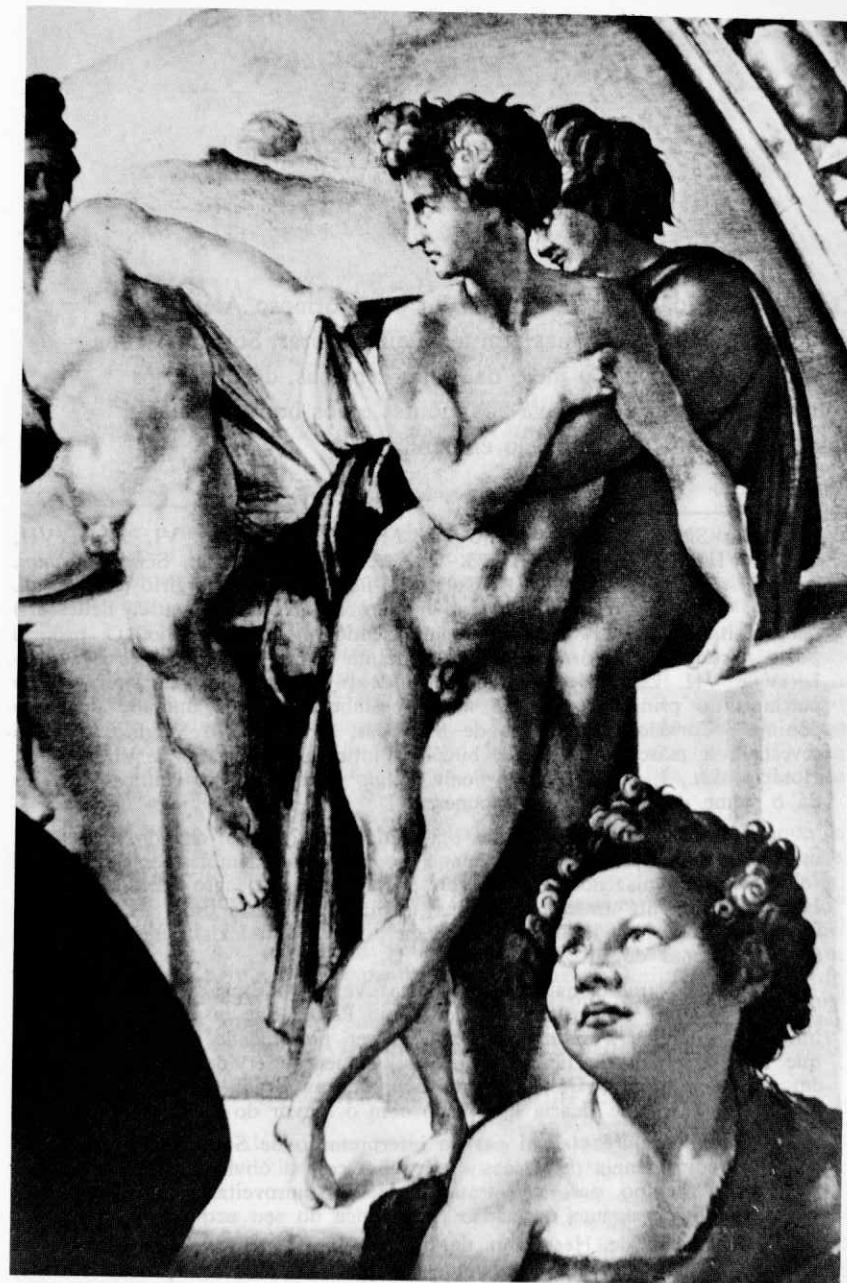
<sup>50</sup> Esta descrição encerra um mundo de emoções para quem foi nado e criado em ambiente rural na velha Europa. Quando o lavrador e o pastor retornam ao lar após longa jornada de trabalho nos campos e montes, de sol-a-sol, é indescritível a ansiedade que toma conta deles ao avistarem de longe, na quebrada de um caminho, os rolos de fumaça que se desprendem e sobem dos telhados. É a reunião com os filhos e a companheira. É o calor da lareira, a ceia quente, o aconchego do leito macio, o repouso do corpo lasso, um sono merecido e solto.

A queda das sombras dos corutos dos montes (“as trevas chegam primeiro aos vales das montanhas”, diz Filargírio) e seu alongamento à medida que o sol se põe (cf. *Buc.*, II, 67: “Et sol crescentis decendens duplicat umbras”) completam o quadro pintado a pinceladas de mestre. Há toda uma sugestão de fim de jornada e quietude de ambiente.

Como já disse na nota n.º 12, sou induzido a situar a cena desta Bucólica mais no outono do que no fim do verão, pelas razões aí aduzidas.

#### ARGUMENTO DA BUCÓLICA II

O pastor Coridão, enamorado do jovem Aléxis, escravo de outro senhor, queixa-se de sua indiferença (vv. 1-18) em acerbo monólogo. Na esperança de conquistar-lhe a afeição, apregoa suas riquezas, mestria no canto e beleza não desenhável (vv. 19-27). Se anuir em morar com ele, compartilhar sua vida de pastor, oferecer-lhe-á uma flauta e outros presentes rústicos (vv. 28-55). Coridão recai em si e condena o desvario que dele se apoderou, reconhecendo a loucura desse amor. Queixa-se de a sua paixão não lhe dar tréguas, quando os animais repousam e o próprio sol poente deixa de abraçar (vv. 56-68). De novo o pastor se auto-acusa de demência. Mas desperta para tarefas úteis, como evasão dos cuidados e acalento de novo amor (vv. 69-73).



Pormenor de *Madonna Doni*,  
pintura de Miguel Angelo. Florença, Uffizi.

## BUCÓLICA SEGUNDA

O pastor Coridão estava apaixonado pelo formoso Aléxis,<sup>1</sup> delícias de seu senhor,<sup>2</sup> mas sem ter o que esperar. Somente vinha com assiduidade para o meio das faias espessas, de umbrosos cumes; ali, solitário, lançava aos montes e aos bosques estas coisas desordenadas, com vão empenho:<sup>3</sup>

5

<sup>1</sup> Calpúrnio Sículo (*Éclogas*, IV, 64-65), Marcial (*Epigramas*, VI, 68, 5; VII, 29, 7; VIII, 56, 6, 12; VIII, 73, 10), Apuléo (*Apol.*, 10), Sérvio (*Comm. ad. Eclo.* II, 1; II, 15; VII, 21), Donato (*Vita*, 9), Júnio Filargírio (*Comm. ad. VII*, 1, 16, 22, 40) e alguns dos modernos (Cartault, Krause, Bellessort) não hesitam em ver Coridão como pseudônimo de Virgílio. O próprio poeta neroniano Calpúrnio adotou o mesmo pseudônimo em três peças — I, IV e VII. Léon Herrmann, *op. laud.*, p. 47, rebate essa interpretação partindo do princípio, por ele mesmo estabelecido, da “unidade de pseudônimo”. Coridão seria amigo de Menalcas, o verdadeiro Virgílio. Coridão revestiria a máscara do poeta bucólico intimamente ligado a Virgílio (cf. Horácio, *Sát.*, I, 10, 81-82) de nome Válgio Rufo. Teócrito (idílios IV e V) dá o nome de Coridão a camponeses.

Quanto a Aléxis, Saint-Denis, *op. laud.*, pp. 42 e 106, citando J. Hubaux, inclina-se a pensar que o Mantuano poderá muito simplesmente trabalhar sobre uma reminiscência literária do poeta grego Meleagro (*Ant. Pal.*, XII, 127), efetivamente uma das fontes inspiradoras desta *Buc.* II, que fala dos raios do sol e do olhar de um belo menino (Aléxis) que o inflamou com as chamas de Eros.

A exegese tradicional dos escoliastas vê em Aléxis o hipocorístico de Alexandre, nome de um escravo de Asínio Polião que inspirara em Virgílio um vivo interesse a ponto de com ele ser presenteado por seu anfitrião, que se apercebera do desejo do poeta. Comenta Sérvio que alguns viram em Aléxis o próprio César, “formoso em obras e em glória”; outros, um jovem de César, que ficaria lisonjeado com o louvor do poeta.

A minha preferência vai para a interpretação de Saint-Denis, por achar excessiva coincidência de nomes e situações com a óbvia fonte do discípulo do filósofo Menipo, para não tratar-se de um “aproveitamento” quase completo, adaptando apenas o quadro à dinâmica do seu pequeno drama.

A suposição de Herrmann de que o escravo pode muito bem ser o secretário Aléxis de Tito Pompônio Ático, ao qual Cícero dá hospitalidade, parece-me forçada e engenhosa demais: se a tese deste erudito postula, *in limine*, que todos os personagens são máscaras de indivíduos reais e bem definidos, como justificar a identidade do nome fictício e do verdadeiro? A justificação alegada de, no caso, tratar-se de escravo e não de liberto não convence de maneira nenhuma.

## BVCOLICA

### II

FORMOSVM pastor Corydon ardebat Alexim,  
delicias domini: nec quid speraret habebat.  
Tantum inter densas, umbrosa cacumina, fagos  
adsidue ueniebat; ibi haec incondita solus  
montibus et siluis studio iactabat inani:

5

Sobre o tema fulcral da “escabrosa” bucólica, nada pode ser entendido sem estarmos bem ajustados à perspectiva da época. Os amores masculinos, ao que parece, constituíram moda importada da Grécia — “graeculi mores”. Se o objeto desses amores fosse um escravo a sociedade romana nada tinha a reprovar; a intolerância só ocorria para com o amor dirigido a um jovem cidadão livre (cf. Pierre Grimal, *L'amour à Rome*, Paris, Les Belles Lettres, 1979, p. 6). Trata-se de uma sociedade da qual está ausente a concepção de pecado, que só o cristianismo lhe levou. O “casto” Virgílio (na Idade Média, houve quem pretendesse dar ao nome do poeta o étimo de *uirgo*...) não se exime da mentalidade comum do seu tempo. O que nele se distingue é a elevação e delicadeza com que fala desse tipo de amores. (Vd. nota seguinte)

<sup>2</sup> Marcial (VIII, 56, 12), Donato e Sérvio transmitem a fama de que o senhor de Alexandre seria o cônsul e célebre orador Asínio Polião. Diz Sérvio: “Tres dicitur amasse Virgilius, Alexandrum, quem donauit ei Pollio, et Ceбетem puerum cum Leria puella, quos a Maecenate dicitur accepisse” (*Comm. ad. v.* 15). Em comentário ao v. 1, esclarece que, tendo Virgílio sido convidado por seu amigo Polião para almoçar e encantando-se com a beleza do escravo no desempenho de seu mister, o anfitrião lho deu de presente. Mais adiante, refere que outros dizem que o jovem escravo era querido por seu amo, razão por que Virgílio o louvaria para ser agradável ao amigo que, na época, “transpadanam Italiae partem tenebat, et agris praecerat diuidendis”.

Por este e outros motivos, ficou a tradição de que o poeta “in pueros habuisse amorem”.

Em relação a Aléxis, “nec enim turpiter eum diligebat”. Diz Filargírio, na introdução à sua “Explanatio” das *Bucólicas*: “Neque minimae libidinis in pueros proprios, sed proni amoris, quorum alterum maxime dilexit Ceбетem et Alexandrum, quem secunda Bucolicorum ecloga Alexin appellat donatum sibi ab Asinio Pollione”.

<sup>3</sup> Coisas ditas sem nexos, de sopetão, devido à perturbação que tomou conta do apaixonado pastor. O monólogo de Coridão era para os montes e bosques, quer dizer, lançava palavras ao vento.

O composto *incondita* exprime bem esse estado de espírito de Coridão, jogado no labirinto de suas reflexões, desligado dos sons articulados que profere sem correspondência com sua mente distante.

“Ó cruel Aléxis,<sup>4</sup> não te importas com meus cantos? não tens compaixão de nós? acabarás me constringendo a morrer.<sup>5</sup> Agora também os rebanhos procuram as sombras e os lugares frescos; agora também os espinheirais escondem os lagartos de cor verde<sup>6</sup> e Testílis,<sup>7</sup> para os segadores extenuados pelo calor abrasante, macera alhos e serpão, ervas odorantes.<sup>8</sup> Comigo, porém, enquanto vou seguindo tuas pegadas, debaixo de um sol ardente, os bosques ressoam com as roucas cigarras. Acaso não foi melhor sofrer as tristes iras de Amarílde e seus soberbos desdêns? ou Menalcas, por negro que ele fosse, por alvo que fosses tu? Ó moço belo, não te fies demais na cor! Caem as brancas alfenas, colhem-se os negros jacintos.<sup>9</sup> De ti sou desprezado, nem queres saber, Aléxis, quem eu seja, quão rico em gado, qual a minha abundância de níveo leite.<sup>10</sup>

<sup>4</sup> A adjetivação e as evocações são bem as de Teócrito, nesta Bucólica de ambiente siciliano. As referências são mais diretas nos versos de n.º 6, 7, 9, 17, 19, 20, 24, 25, 28, 31, 40, 46, 56, 63, 69 e 73. O próprio nome de Coridão é tirado dos idílios do poeta alexandrino (IV e V), como atrás ficou dito.

A increpação de “cruel” é bem própria da linguagem do amor não correspondido. Sérvio admite uma segunda interpretação: Aléxis pode ser alegoricamente César, que não se verga aos escritos do poeta e não ordena a devolução dos campos que lhe foram arrebatados.

<sup>5</sup> O tema da morte assoma por vezes ao longo das obras de Virgílio (cf. A. Wankenne, “Le thème de la Mort chez Virgile”, in *Les Études Classiques*, t. XIX, n.ºs 2 e 3, 1951, pp. 230-34). Coridão insinua a sua determinação ao suicídio por amor não retribuído.

O “sonho de suicídio” do pastor é expresso numa imagem forte em Teócrito, quando a indiferença da amada Amarílde o leva a proferir a ameaça autoclastica de deixar-se comer pelos lobos (idílio III, 53: *καὶ τοὶ λύκοι ὄδε μ' ἔδονται*). Cf. adiante, p. 283, n. 13.

<sup>6</sup> O lagarto verde é muito comum na Itália e Provença (Pagnol, citado por Saint-Denis, *op. laud.*, p. 106, n. 7) e na Irlanda (Martyn, citado pelo arcediogo Wrangham, *Virgil. The Eclogues*. Nova York, Harper & Brothers, Publishers, 1848, p. 22, n. 9).

Acrescento que também em Portugal e Espanha ele é bastante frequente, refugiando-se nas moitas e nos troncos de árvores carcomidas em busca de calor.

<sup>7</sup> Serva que desempenhava a tarefa de preparar a comida para os trabalhadores do campo. Sérvio apresenta a alternativa de ser o nome da concubina de Coridão.

Este breve apontamento induzir-nos-ia a situar a composição da *Buc.* II no pino do verão. O canto do pastor começa no calor sufocante do dia e termina quando o sol declina (v. 67 sq.). Mas os fatos não permitem tanta simplicidade, porquanto, no v. 66, os bois estão voltando do trabalho. É claro que os poetas têm certas licenças, como a de condensar o tempo e deixá-lo correr ao sabor da imaginação galopante. O Mantuano, outrossim, é pródigo em indeterminações propositadas das realidades, o que empresta mais encanto e majestosidade aos quadros que delineia.

<sup>8</sup> Interessante a observação de Sérvio a propósito de “serpyllum”. Diz ele que, em muitos nomes aspirados no grego, o latim emprega “s” em vez

“O crudelis Alexi, nihil mea carmina curas?  
nil nostri miserere? mori me denique coges.  
Nunc etiam pecudes umbras et frigora captant;  
nunc uiridis etiam occultant spineta lacertos,  
Thestylis et rapido fessis messoribus aestu  
alia serpullumque herbas contundit olentis.  
At mecum raucis, tua dum uestigia lustru,  
sole sub ardenti resonant arbusta cicadis.  
Nonne fuit satius tristis Amaryllidis iras  
Atque superba pati fastidia? nonne Menalcan,  
quamuis ille niger, quamuis tu candidus esses?  
O formose puer, nimium ne crede colori!  
Alba ligustra cadunt, uaccinia nigra leguntur.  
Despectus tibi sum, nec qui sim quaeris, Alexi,  
quam diues pecoris, niuei quam lactis abundans.

da aspiração ausente, como em herpyllum/serpyllum, hex/sex, hepta/septem. Trata-se de um fenômeno bem conhecido dos especialistas em lingüística comparada, podendo multiplicar-se os exemplos.

O português possui três nomes para “serpyllum” — serpão, serpol e serpilho —, espécie de erva do gênero *Thymus*, da família das labiadas, que contém timol como principal componente de sua essência, com ação anti-séptica.

A serva preparava o *moretum*, tipo de salada muito apreciada pelos camponeses, feita à base de oito ingredientes; aipo, alho, arruda, azeite, cebola, coentro, queijo e vinagre. Um poeta ignorado, de nome Suévio e contemporâneo de Virgílio, escreveu uma pequena peça de 124 hexâmetros, precisamente intitulada *Moretum*, que é citada por Macróbio (*Saturn.*, III, 18, 11-12) e foi traduzida por Maurice Rat in *La fille d'auberge*, pp. 15 sq., col. Garnier. Ovídio faz menção do *moretum* em *Fast.*, IV, 367: “Non pudet herbosum, dixi, possuisse moretum/in dominae mensis?”

No *Appendix Vergiliana* é amplamente descrito.

<sup>9</sup> A alfena, ou alfenheiro (*Ligustrum vulgare*), é um arbusto da família das oleáceas, de flores brancas e bagas negras.

O jacinto (*Hyacinthus orientalis*), de bagas negras, é da família das liliáceas.

Pretendem alguns que o latim *uaccinium* significa “violeta”. Porém, em *Buc.*, X, 39, o poeta distingue: “et nigrae uiolae sunt et uaccinia nigra” (cf. J. André, *Lexique des termes de botanique en latin*. Paris, 1956). Sérvio afirma explicitamente que “uaccinia” são “uiolae”.

<sup>10</sup> Parece-me que Sérvio não tem razão ao preferir o qualificativo “niuei” para “pecoris”, embora referindo que muitos, segundo a expressão homérica *καὶ γάλα λευκόν*, lêem “niuei quam lactis”. O comentador funda-se no preço maior para as ovelhas de lã branca, de acordo com *Geórg.*, III, 386 e 391. A minha opção baseia-se mais na construção rítmica do que propriamente na expressão de Homero, a qual, aliás, encontra respaldo na associação espontânea da cor do objeto, i.e., ao leite.

Teócrito, XI, 34 sq., põe na boca do ciclope Polifemo a confissão de sua fealdade, mas dizendo, ao mesmo tempo, ser possuidor de rebanhos e abundância de leite:

Ἄλλ' αὐτὸς τοιοῦτος εἶν βεβαίως χίλια βόσκη,  
κῆκ τούτων τὸ κράτιστον ἀμειλίχων γάλα πίνο.

Mil cordeiras minhas erram pelos montes da Sicília;<sup>11</sup> não me falta 20  
 leite fresco no verão, nem no tempo frio. Canto o que costumava  
 cantar Anfião de Dirceu no Aracinto acteu,<sup>12</sup> quando chamava 25  
 o gado. E não sou tão disforme assim: há pouco me vi na praia,  
 quando o mar estava sereno de ventos.<sup>13</sup> não, eu não temerei  
 a Dáfnis,<sup>14</sup> sendo tu o juiz, se a imagem nunca engana.  
 “Oh se apenas te aprouvesse habitar comigo os campos  
 sórdidos e as humildes cabanas,<sup>15</sup> e flechar os cervos e tocar um  
 rebanho de cabritos para o verde malvaíscos!<sup>16</sup> Junto comigo, 30  
 nos bosques, cantando imitarás a Pã. Pã foi o primeiro que  
 ensinou a unir diversas canas com cera;

<sup>11</sup> “Errar” é termo característico da linguagem dos pastores, como em *Buc.*, I, 9 (vd. nota n.º 9 à *Buc.* I). Significa vaguear solto pelos pastos, em total segurança e liberdade (falando de animais).

O poeta não esconde o cenário siciliano dos seus pastores. Afinal, o grande cultor do gênero foi o alexandrino Teócrito, que utilizou os campos da Trinácia como pano de fundo das suas *βουκόλικά ἐπη*, na expressão do Suídas. Manuel Odorico Mendes, *Virgílio Brasileiro*, R. de Janeiro/Paris, H. Garnier, s.d., p.61, diz que *in Siculis montis* ou se deve ao fato de a cena ser na Sicília ou constitui uma alusão aos bons pastos da ilha afamada entre os romanos por sua fertilidade (ela foi para Roma um autêntico celeiro de trigo).

O Mantuano deveria ter debaixo dos olhos o modelo teocritiano, pois quase traduz ao pé da letra *βοτὰ χίλια βόσκω* (cf. nota anterior).

<sup>12</sup> O rei Anfião, filho de Júpiter e Antíopa, foi criado entre pastores. Dado à música, tirava da lira de Apolo acordes tão melódiosos que espontaneamente as pedras rolavam alinhadas para erguerem os muros de Tebas, junto à fonte de Dirceu.

O Aracinto é um monte que se levanta de permeio à Ática e Beócia. Tem o apelativo de “acteu” devido ao antigo nome da Ática. Virgílio não segue aqui a versão mais antiga, que situa o Aracinto na costa sudoeste da Etólia, cerca de Pleuron, e por vezes na Acarnânia. Plínio (IV, 2) localiza-o nesta última região, e Sérvio (*ad Buc.*, II, 24) na Beócia.

<sup>13</sup> O idílio VI de Teócrito, vv. 34 sq., que nos transporta para um mundo ideal, coloca na boca de Dametas, que encarna a figura do ciclope Polifemo, a confissão de que, afinal de contas, não é tão feio como dizem, pois se mirou no espelho da água marinha em dia calmo e sua barba ia-lhe muito bem, assim como o único olho; quanto aos deuses, a imagem refletida *λευκοτέρην αὐγὰν Παριάς υπέρρανε λίθοιο* (v. 38). Para que o brilho e encanto o não estonteassem, esconjurou o malefício cuspidando três vezes sobre o peito!

Virgílio tem na frente o cenário criado por Teócrito, mas por certo não “exila” da retina o ambiente natural dos campos à beira do Mincio. A água cristalina e quieta do lago da sua terra é o espelho que reflete as imagens das árvores, do céu e dos pastores. Por isso, Sérvio não tem a razão toda quando nega “per rerum naturam posse fieri” a cena no litoral, por o mar jamais estar tão sereno para refletir um rosto. O devaneio poético escapa sempre a uma análise objetiva e materialista das coisas.

<sup>14</sup> Dáfnis — o interlocutor de Dametas no idílio referido na nota anterior — é um semideus nascido na Sicília, filho de Mercúrio e de uma ninfa. Sua beleza é exaltada nos textos antigos. Era exímio na siringe, ou flauta

*Mille meae Siculis errant in montibus agnae;  
 lac mihi non aestate nouom, non frigore defit.  
 Canto, quae solitus, si quando armenta uocabat,  
 Amphion Dircaeus in Actaeo Aracyntho.  
 Nec sum adeo informis: nuper me in litore uidi,  
 cum placidum uentis staret mare; non ego Daphnim,  
 iudice te, metuam, si numquam fallit imago.  
 “O tantum libeat mecum tibi sordida rura  
 atque humilis habitare casas, et figere ceruus  
 haedorumque gregem uiridi compellere hibisco!  
 Mecum una in siluis imitabere Pana canendo.  
 Pan primus calamos cera coniungere pluris* 25 30

de Pã, vivendo longe do convívio dos homens e apascentando suas vacas nos pendores do Etna. Por ter muitas manadas de vacas recebeu o epíteto de *βουκόλος*. Inventou a poesia e a música bucólicas. As paixões que suscitava em ninfas, deusas e mulheres estão na base de grande número de lendas, cujo tema comum é o do mortal que desperta o amor de uma personagem sobrenatural. Esta impõe-lhe como condição ser fiel e guardar segredo absoluto, que o belo mortal não consegue honrar. Em consequência, vem o castigo. O do pas or Dáfnis teria sido ficar cego, ser convertido em rochedo, etc., ao sabor da fantasia dos intérpretes e das versões.

Em seu estudo da V Ecloga, A. Cartault, *Étude sur les Bucoliques de Virgile*. Paris, Armand Colin et Cie, 1897, pp. 166-79, analisa a figura de Dáfnis, as lendas e seus avatares, sobretudo o tratamento dado por Teócrito.

Em notas à Bucólica “central”, voltarei ao tema do “divino pastor” (vd. notas n.ºs 2, 7, 11, 14, 21, 23, 29, 30, 35).

<sup>15</sup> No idílio XI, intitulado “Ciclope”, o poeta siciliano põe como tema central o canto de Polifemo, monstro cruel e sangüinário, convertido em sofredor apaixonado a expandir seus queixumes de mal-amado cultivando as Musas. Aliás, o poeta inicia o idílio afirmando não haver nenhum remédio contra o amor além do trato com as Piérides (vv. 1-3). Ora, o gigante convida a sua amada Galatéia a guardar o gado, mungir o leite e fazer queijo em sua companhia. Porém, não convida a amada a cantar, imitando a Pã, embora pouco antes lhe diga que sabe tocar a siringe como nenhum dos Ciclopes (vv. 38-9). Coridão convida Aléxis a partilhar com ele sua vida de pastor, cantando e tocando a flauta rústica, o que lhe serve de pretexto para falar da invenção da flauta de Pã.

<sup>16</sup> O malvaíscos, ou malvaíscos, de *malva* e *hibisco*, é uma planta da família das malváceas, com propriedades medicinais (*Althaea officinalis*). Também é chamada de *altéia*. A sua haste principal servia para fazer objetos rústicos e cajados de pastor, por ser muito alta e flexível. Em *Buc.*, X, 71, o poeta diz às “diuae Pierides” que lhe bastará haver cantado estes versos “*dum sedet et gracili fiscellam textit hibisco*”.

Esta é a opinião dos que fazem de *hibisco* um ablativo instrumental. No entanto, como nota E. de Saint-Denis, *op. laud.*, p. 108, o malvaíscos não cresce tanto a ponto de fornecer hastes e cajados; por isso, *compellere* não significa “ajuntar o rebanho”, como em *Buc.*, VII, 2, e sim “levar os animais em conjunto para o pasto”.

Com Odorico Mendes, *op. laud.*, p. 62, acho que o adjetivo *uiridi* faz supor tratar-se de uma erva da pastagem, espontaneamente procurada pelos rebanhos “como um purgativo”.

Pã tem cuidado das ovelhas e dos pastores das ovelhas.<sup>17</sup> E não  
 te arrependas de ter oprimido o lábio delicado com a cana: para 35  
 saber estas mesmas coisas, o que não faria Amintas?<sup>18</sup> Tenho uma  
 flauta, composta de sete canudos desiguais, que Dametas<sup>19</sup> um dia  
 me deu de presente, dizendo ao morrer: 'Esta te tem agora por  
 segundo'. Disse Dametas; o estulto Amintas ficou com inveja.  
 Além disso, tenho dois cabritinhos, por mim encontrados 40  
 num vale pouco seguro, com as peles ainda malhadas de  
 branco:<sup>20</sup> por dia esgotam dois úberes de ovelha; para ti  
 os reservo; há já muito tempo que Testílis me pede para  
 levá-los; e o fará, pois os nossos presentes te repugnam.  
 "Vem aqui, formoso rapaz: eis que as Ninfas trazem para 45  
 ti lírios em cestinhos<sup>21</sup> cheios; para ti, a alva Náiaide,<sup>22</sup>  
 colhendo as pálidas violetas e as mais altas papoulas,  
 ajunta o narciso e a flor do endro que cheira bem;  
 então, entrelaçando-as com a casia e outras plantas suaves,

<sup>17</sup> É interessante a nota de Sérvio, que passo a traduzir do latim: "Pã é um deus rústico formado à semelhança da natureza, pelo que é chamado de Pã, isto é, tudo: com efeito, possui chifres à maneira dos raios do sol e dos cornos da lua; sua face enrubesce à imitação do éter; tem no peito uma pele de cabrito constelada à imagem das estrelas; sua parte inferior é ericada por causa das árvores, das ramagens, dos animais bravios; tem pés de cabra, para indicar a solidez da terra; tem uma flauta de sete canas, por causa da harmonia do céu, na qual há sete sons, como dissemos na *Enéida* (VI, 646), sete diferenças de vozes (=sete cordas da lira); tem *καλαύροπα*, isto é, um cajado, por causa do ano, que retorna sobre si mesmo. Este, por ser deus de toda a natureza, é tido pelos poetas como havendo lutado com o Amor e por ele sido vencido, porque, segundo lemos em X, 69, o amor vence tudo. Por conseguinte, de acordo com as fábulas, diz-se que amou a ninfa Siringa: como a perseguisse, ela, tendo implorado o auxílio da Terra, foi convertida em cana, que Pã cortou para consolo do amor, e fez para si uma flauta (...). Daí o nome "siringe" (grego *σύριγγις*).

Esta divindade greco-latina está presente nas literaturas clássicas e modernas. Vale a pena respigar mais algumas informações.

Cícero, *De Nat. Deor.*, III, 22, diz que Pã é filho de Mercúrio e Penélope. Outros dizem-no filho de Apolo, Baco, Éter e de Juno. Por ser dado à criação e guarda de rebanhos, os Arcades cultuaram-no como deus do gado. Conta Higino, na fábula 296, que todos os deuses, com medo de Trifão, fugiram certa feita para o Egito. Por conselho de Pã, a fim de enganarem o perseguidor, transformaram-se em animais selvagens. Quanto a ele, converteu-se em cabra; por isso, o signo zodiacal que lhe corresponde é o de Capricórnio. Diz Virgílio, em *Geórg.*, III, 392-93, que Pã, deus da Arcádia, seduziu a Lua, chamando-a para o fundo da mata ("E tu, ó Lua, não te fizeste rogada").

Além de deus da natureza, é tido como deus das guerras, por incutir, com sua voz aguda e horrenda, vãos receios aos soldados e pastores, quando tentam de noite roubar gado. Essa a origem do "panicus terror". De acordo com outra versão, Pã teria sido general no exército de Baco. Certa vez, ante um número bem maior de inimigos, ordenou aos seus poucos soldados

*instituit; Pan curat ouis ouiumque magistros.*  
*Nec te paeniteat calamo triuisse labellum:*  
*haec eadem ut sciret, quid non faciebat Amyntas?* 35  
*Est mihi disparibus septem compacta cicutis*  
*fistula, Damoetas dono mihi quam dedit olim,*  
*et dixit moriens: "Te nunc habet ista secundum."*  
*Dixit Damoetas; inuidit stultus Amyntas.*  
*Praeterea duo, nec tuta mihi ualle reperti,* 40  
*capreoli, sparsis etiam nunc pellibus albo:*  
*bina die siccant ouis ubera; quos tibi seruo.*  
*Iam pridem a me illos abducere Thestylis orat;*  
*et faciet, quoniam sordent tibi munera nostra.*  
 "Huc ades, o formose puer: tibi lilia plenis 45  
*ecce ferunt Nymphae calathis; tibi candida Nais,*  
*pallentis uiollas et summa papauera carpens,*  
*narcissum et florem iungit bene olentis anethi;*  
*tum, casia atque aliis intexens suauibus herbis,*

que soltasse grande grita, que retumbou pelos montes circunvizinhos. Perante o alarido, o exército inimigo teria debandado, julgando tratar-se de uma força muito superior. Daí a lenda da amizade entre Pã e Eco, e o adjetivo *πανικός* para "terror".

<sup>18</sup> Nome de pastor, que reaparece nas *Bucs.* III e IV.

<sup>19</sup> Mais um nome de pastor, por sinal o que maior número de vezes figura nas *Bucólicas*: III, V, IX e X. Segundo a tese da unidade dos personagens, de Léon Herrmann, representaria o próprio Virgílio.

<sup>20</sup> Os cabritos, ao nascer, têm normalmente malhas brancas no pêlo, as quais desaparecem ao completarem meio ano de vida.

<sup>21</sup> Os vv. 45-8 são apresentados pelo comentário às *Bucólicas* e *Geórgicas* dito de Probo (edição de Georgius Thilo. Hildesheim, Georg Olms — Verlagsbuchhandlung, 1961, p. 327) como podendo ajustar-se ao poema heróico por seu estilo sublime, embora de "rustico sensu".

"Cestinho" parece-me traduzir aqui o *calathus* do texto, transliteração do *κάλαθος* grego. Virgílio, tanto em *Buc.*, V, 71, como em *Geórg.*, III, 402, usa o termo significando "vaso". Garante Saint-Denis, *op. laud.*, p. 109, que se trata de objetos com a mesma forma, embora obviamente se destinem a usos diversos.

Em nota ao v. 402 de *Geórg.* III, o mesmo autor, in *Virgile, Géorgiques*. Paris, Les Belles Lettres, 1968, p. 108, esclarece que o termo *calathus* designa ora um vaso em forma de cestinha (*Buc.*, V, 71), ora um cesto usado na vindima (Calpúrnio, X, 40-1) ou para escorrer o leite coalhado (Calpúrnio, II, 77; IX, 34; Columela, VII, 8).

Sérvio dá a tradução latina para *κάλαθος*: *quasillum*.

<sup>22</sup> As Náiaides são ninfas dos rios e das fontes, por vezes confundidas pelos poetas com as Hamadriades e Nereidas. A origem do nome pode estar relacionada com *ναίω*, morar, residir, ou *ναίω*, correr, fluir.

O viajante e naturalista alemão Carl Friedrich Phillipp von Martius (1794-1868), em três anos de estudos locais, dividiu a flora brasileira em cinco grandes regiões geobotânicas e denominou a cálida-úmida como "Região das Náiaides" (cf. sua monumental *Flora Brasiliensis*, 1.829 sq., concluída por Eichler, o qual estudou sobretudo a morfologia dos órgãos florais).



matiza os delicados jacintos com a maravilha amarela. 50  
 Eu próprio colherei pomos brancos de lanugem macia,  
 e castanhas, que a minha Amarílida apreciava;  
 ajuntarei ameixas cor-de-cera; também este fruto  
 terá realce; e a vós, loureiros, vos colherei; e a ti, vizinha 55  
 murta, que assim dispostos misturareis os suaves aromas.<sup>23</sup>  
 “És um rústico, ó Coridão: Aléxis não se importa  
 com presentes e, se lutares com presentes, Iolas  
 não cederá. Ai de mim! que fui querer, infeliz?  
 Perdido de amor, às flores lancei o Austro,  
 e às fontes límpidas os javalis.<sup>24</sup> Ah! louco, de quem foges? 60  
 Os deuses também habitaram os bosques, e o dardânio  
 Páris.<sup>25</sup> More a própria Palas<sup>26</sup> nas cidadelas que  
 fundou; a nós, agradem-nos os bosques, acima de tudo.  
 A leoa de olhar ameaçador segue o lobo; o mesmo lobo  
 segue a cabra; ao codesso florido segue a cabra  
 brincalhona; a ti, ó Aléxis, Coridão te segue: a cada um 65  
 arrasta seu prazer.<sup>27</sup> Vê, os novilhos vão levando os  
 arados suspensos do jugo,<sup>28</sup> e o sol declinando  
 duplica as sombras crescentes;<sup>29</sup>

<sup>23</sup> Flores e frutos de modo geral bem identificados. O *endro* pertence à família das umbelíferas. A *casia* é um nome genérico de várias plantas (grego *κασία*, “loureiro-caneleiro”). Odorico Mendes, *op. laud.*, p. 62, diz tratar-se aqui do alecrim ou alfazema, no que não deve ter razão o erudito classicista brasileiro, pois o termo designa mesmo um gênero de loureiro odorífero.

Os “pomos de lanugem macia” são os “mala Cydonea”, i.e. os *marmelos*. As “cerea pruna”, ameixas cor-de-cera, eram as mais apreciadas pelos romanos. Estes conheciam vários gêneros, consoante a origem ou a cor: as pruna armenia, aegyptia, damascena, onychina, praecoqua, purpurea, siluestria, uersicoloria, hordearia, nigra, asinina, cereola, etc., segundo Columela, Plínio, Ovídio e Paládio.

<sup>24</sup> Por ser o Austro vento do sul, que faz murchar, ressecar e desfolhar as pétalas das flores; e por o javali, “porcus siluester”, “aper” (por viver em lugares “ásperos”, segundo Varrão, I, 4), conspurcar as águas límpidas dos lagos e ribeiros.

<sup>25</sup> Páris, também chamado Alexander, filho de Príamo e Hécuba, descende de Dardanos, antepassado dos reis de Tróia. Sua mãe, durante a gravidez, sonhou que dava à luz uma tocha ardente. Responderam-lhe os adivinhos da corte que ela carregava em seu ventre quem viria a incendiar Tróia. Decidiu Príamo, por isso, expor a criança logo que esta nasceu, entregando-a ao servo Arquelaus. Mas Hécuba, em segredo, diligenciou para que o filho fosse criado entre os pastores do monte Ida.

Anos mais tarde, o jovem foi procurado como árbitro para julgar qual das três deusas — Juno, Minerva e Vênus — era a mais bela. Escolheu a

*mollia luteola pingit uaccinia calta.* 50  
*Ipse ego cana legam tenera lanugine mala,*  
*castaneasque nuces, mea quas Amaryllis amabat;*  
*addam cerea pruna; honos erit huic quoque pomo;*  
*et uos, o lauri, carpam, et te, proxima myrte,*  
*sic positae quoniam suavis miscetis odores.* 55  
 “Rusticus es, Corydon: nec munera curat Alexis,  
 nec, si muneribus certes, concedat Iollas.  
 Eheu! quid uolui misero mihi? Floribus Austrum  
 perditus et liquidis immisi fontibus apros.  
 Quem fugis, a! demens? Habitarunt di quoque siluas, 60  
 Dardaniusque Paris. Pallas quas condidit arcis  
 ipsa colat; nobis placeant ante omnia siluae.  
 Torua leaena lupum sequitur, lupus ipse capellam;  
 florentem cytisum sequitur lasciuia capella,  
 te Corydon, o Alexi: trahit sua quemque uoluptas. 65  
 Aspice, aratra iugo referunt suspensa iuueni,  
 et sol crescentis decedens duplicat umbras;

última, incorrendo assim no ódio e malquerença das outras duas. Após violento combate, deu-se o reconhecimento entre Páris e seu irmão Heitor. Enviado à Grécia, veio a raptar Helena, esposa de Menelau, dando origem à guerra.

Em traços gerais, esta a lenda utilizada na poesia como causa do incêndio e devastação de Tróia.

<sup>26</sup> A deusa Palas-Atena fundou na Ática a cidade de Atenas. Todas as cidades fortificadas eram postas sob a sua proteção.

<sup>27</sup> Nesta Bucólica, como já foi dito, é viva a presença do poeta siciliano. No idílio X, vv. 30-1, Teócrito faz cantar a Boucaios, sonhador e sentimental: “O lobo persegue a cabra; a cabra, o codesso; o grou segue o arado; eu fiquei louco por ti”.

Note-se a redundância virgiliana, à guisa de síntese: “trahit sua quemque uoluptas” (v. 65).

<sup>28</sup> Ainda hoje contemplamos este quadro, nas aldeias mais remotas da região nordestina de Trás-os-Montes, em Portugal. Na deslocação de e para os campos, o lavrador suspende do jugo ou canga dos bois ou mulos o arado com a relha invertida e o timão roçando o solo. Não é prática exclusiva do tempo dos romanos, conforme deixam supor os modernos comentadores (u. g. Maurice Rat, *op. laud.*, p. 186; E. de Saint-Denis, *op. laud.*, p. 110, que cita o Epodo II de Horácio). Revi esse quadro em 1981, nas faldas da serra de Nogueira.

<sup>29</sup> O tema das sombras se alongando (*Buc.*, I, 83) é retomado aqui, com o sol descendo para o ocaso. Há um jogo antitético entre o esmaecer do sol e o ardor abrasante do amor que caustica o peito de Coridão.

a mim, todavia, o amor me está queimando; que limite, com efeito, pode o amor ter?

“Ah! Coridão, Coridão, que loucura se apossou de ti?

Meio podada tens no frondoso olmeiro a tua vide.<sup>30</sup>

Por que antes não procuras ao menos tecer, com vimes e junco flexível,<sup>31</sup> algum objeto dos que têm utilidade?

Um outro Aléxis<sup>32</sup> acharás, se este de ti desdenha.”

70

*me tamen urit amor; quis enim modus adsit amori?*

“A! Corydon, Corydon, quae te dementia cepit?

*Semiputata tibi frondosa uitis in ulmo est.*

*Quin tu aliquid saltem potius, quorum indiget usus, uiminibus mollique paras detexere iunco?*

*Inuenies alium, si te hic fastidit, Alexim.”*

70

<sup>30</sup> A propósito da loucura de Coridão, Filargírio I, *ad Buc.*, II, 70: FRONDOSA VITIS, *id est de qua si quis biberit furit. Sic Varus: Et frondosam inquit et semiputatam queritur uitem.* Ora, para que uma interpretação tão rebuscada, se é muito mais simples entender o óbvio: o amor enlouquece a mente do pastor; por isso, descara a poda da vinha na época certa, daí resultando menor rendimento na próxima vindima?

O comentarista Asper, uma fonte importante de Sérvio, foi bem mais realista e objetivo. Diz o mesmo Filargírio I, *ibid.*: *Asper tarditatem queritur, inquit, quia statim post uindemiam putant uites*, o que aliás não é bem a realidade, porquanto os viticultores sempre deixam amarelecer e cair as folhas das videiras após a vindima, para depois procederem à poda, medeando pelo menos um mês entre as duas operações.

Parece natural não supor-se a loucura de Coridão associada à embriaguez do vinho. Trata-se, preferentemente, de uma notação magistral do poeta, recortando o estado de espírito do pastor ébrio de paixão, suspenso entre a realidade (poda inacabada) e o sonho do seu amor inatingível (fuga do ser amado).

<sup>31</sup> Teócrito (Idílio XI, 72 sq.) faz o Ciclope se autoflagelar por haver perdido o juízo. Se fosse tecer cestinhas e colher talos para levar às cordeiras, seria bem mais sensato!

<sup>32</sup> Polifemo (*ibid.*, v. 76) confôrta-se por seguir em vão o seu amor que lhe foge: “*Ἐθρησεῖς Γαλάτειαν ἴσως καὶ καλλίον’ ἄλλον!*”

### ARGUMENTO DA BUCÓLICA III

Dois pastores rivais, Menalcas e Dametas, trocam injúrias (vv. 1-27). Desafiam-se para um duelo de canto. O primeiro aposta uma novilha, valorizando-a ao máximo; o segundo oferece como prêmio duas taças artisticamente lavradas (vv. 28-48). Convidam para juiz do pleito um vizinho pastor, Palemão (vv. 49-59). Cantam suas paixões amorosas em versos amebus, ou dísticos alternados (vv. 60-107). Palemão considera-se incapaz de atribuir a vitória, em virtude de ambos os pastores fazerem jus ao prêmio (vv. 108-111).



MENALCAS / DAMETAS / PALAMON /  
MEN DICAM / HEDAM / QETACUM / PECUSAN / AVILBOPI /  
PALAMON / VIRV / EGONIS / NVTE / REXIBIT / ANDEBIT / AEGON /  
MENIN / FELIX / SEXALL / ROVES / PECUS / SITS / INEAE / RAM /  
DUM / FOVI / EAGNE / AFELBIT / RAE / FERATIL / LEVERE / TVR /  
TICALI / ENVS / OALIS / CUSTOS / BIS / AVLGETI / N / EIORA /  
ET / SVCUS / ECOM / EIL / ARES / VEDUC / IVR / AGNIS /  
DAMI / ARCISE / STAVR / ESTAM / ENOBICI / ENDAM / TEAM / ENIO /  
NOVI / AVS / ET / QVIT / HER / ANSVERS / ATVENTI / BV / SECUR / GUS /  
E / LOVSE / IFACILE / S / NYM / IHAERI / S / ERES / ACILLO /

"Romanus" — Vat. lat. 3867 (Buc., III, 1-9), f 6. Frontispício.

## BUCÓLICA TERCEIRA

MENALCAS<sup>1</sup>

Dize-me, Dametas, de quem é o rebanho?<sup>2</sup> Acaso de Melibeu?

DAMETAS

Não, é de Egão: há pouco Egão mo confiou.<sup>3</sup>

MENALCAS

Sempre, ó ovelhas, sois um gado desditoso! Enquanto acaricia Neera e teme que ela a si me prefira, esse guardador estranho<sup>4</sup> ordenha as ovelhas duas vezes por hora;<sup>5</sup> subtrai o suco ao rebanho e o leite aos cordeiros.

<sup>1</sup> Esta Bucólica foi escrita "dramatico caractere", no dizer de Sérvio, pois o poeta — continua o comentador — não fala em parte alguma, mas tão-somente os personagens, "ut est in comoediis et tragediis" (*Comm. ad. Ecl. III*). O Comentário dito de Probo *In Vergilii Bucolica et Georgica*, p. 329 da ed. de Georgius Thilo, distingue três "characteres" num poema, seguindo a divisão de Sérvio: *dramaticon*, no qual apenas falam os personagens; *diegematicon*, quando fala só o poeta; *miction*, quando falam o poeta e o personagem.

Tanto na forma como no conteúdo, esta Bucólica difere das demais. Parece antes um mimo representado na "scena" do que o canto de dois pastores, aos quais vem juntar-se um terceiro como juiz.

Quanto ao fundo, os pastores rivais não disputam sobre o amor, nem trocam confidências de paixões desajustadas. Injuriam-se e partem para um desafio de canto em versos amebus (vd. nota n.º 15, *infra*). Cantam seus amores, elogiam Polião e satirizam os poetas rivais Mévio e Bávio, descrevendo cenas da vida rústica e propondo adivinhas um ao outro. E tudo sem preâmbulos narrativos ou quaisquer intervenções do poeta Virgílio.

As fontes literárias da *Buc. III* encontram-se, como não podia deixar de ser, nos idílios de Teócrito (IV, V e VIII).

<sup>2</sup> Na expressão "cuium pecus" viu Sérvio ironia, visto que, com tal forma de dizer, quer Menalcas apresentar o seu rival como simples mercenário. Ele, Menalcas, pastoreia um rebanho de seu pai (v. 33).

## BVCOLICA

III

MENALCAS

*Dic mihi, Damoeta, cuium pecus? An Meliboei?*

DAMOETAS

*Non, uerum Aegonis: nuper mihi tradidit Aegon.*

MENALCAS

*Infelix o semper, oues, pecus! Ipse Neaeram  
dum fouet, ac, ne me sibi praeferat illa, ueretur,  
hic alienus ouis custos bis mulget in hora;  
et sucus pecori, et lac subducitur agnis.*

Quanto à forma "cuium", o mesmo comentador observa tratar-se de arcaísmo, para evitar homeoteluton. Os antigos, assim como diziam "meus, mea, meum", diziam "cuius, cuia, cuium", donde provém a forma do português "cujo", e não diretamente do genitivo do pronome relativo, como afirmam algumas gramáticas.

<sup>3</sup> No idílio IV de Teócrito, os dois pastores, Batos e Coridão, começam o diálogo como nesta Bucólica Menalcas e Dametas:

B. — Εἰπέ μοι, ὦ Κορύδων, τίνος αἱ βόες;

K. — Οὐκ, ἀλλ' Αἰγῶνος βόσκειν δέ μοι αὐτάς ἔδωκεν.

Mais adiante, v. 13, exclama Batos:

— Δαίλαιαί γ' ἄρτι, τὸν βουκόλον ὡς κακὸν εἶπον.

O "infelix o semper, oues, pecus!" (v. 3) de Menalcas denuncia bem que Virgílio tinha diante dos olhos o seu modelo.

<sup>4</sup> "Estranho" por guardar as ovelhas por conta doutro. Como prefere a companhia da amada, com medo de perdê-la para o rival, a cumprir o dever do seu cargo, Dametas é apodado de "alienus". Em *Geórg.*, III, 400, Virgílio elogia, segundo Sérvio (*ad Buc. III, 5*), a prática de ordenhar as ovelhas duas vezes ao dia, citando o texto. Ora, o poeta não faz isso, limitando-se tão-somente a indicar o melhor destino para o leite quando tirado ao nascer do sol e durante o dia, ou quando tirado ao escurecer.

<sup>5</sup> Exagero irônico. O normal seria mungir as ovelhas duas vezes por dia, no máximo.

DAMETAS

Lembra-te, contudo, de que, a homens, essas coisas devem ser reprovadas com mais comedimento.<sup>6</sup> Bem sabemos quem te... , com os bodes olhando de través, e em que recinto sagrado... , mas as Ninfas indulgentes riram...<sup>7</sup>

MENALCAS

Quando, creio, me viram cortar com uma foice malfazeja o arvoredado e as videiras novas de Micão.<sup>8</sup> 10

DAMETAS

Ou aqui, perto das velhas faias, quando quebraste o arco e as flechas de Dáfnis;<sup>9</sup> perverso Menalcas, quando viste serem dados a um menino, sofras e, se não o tivesse prejudicado de algum modo, ficarias morto [de inveja]. 15

MENALCAS

Que podem fazer os amos, quando ladrões ousam tais coisas? Eu não te vi, malvado, furtar com ciladas o bode de Damão,<sup>10</sup> enquanto Licisca<sup>11</sup> ladrava muito? E como eu gritasse: "Para onde se escapa agora ele? Ó Títilo, recolhe o gado", tu te ocultavas atrás das tabuas.<sup>12</sup> 20

<sup>6</sup> Dametas chama a atenção de Menalcas para o fato de ser mais velho e merecer, por isso, mais respeito da parte do jovem irreverente.

<sup>7</sup> Nestas reticências assoma o espírito delicado de Virgílio. O próprio Sêrvio anota que Teócrito seria bem mais explícito, e o nosso poeta calou a boca de Dametas por pudor.

A alusão ao bode está carregada de sugestões, porquanto esse animal passa por ter atitudes lascivas (cf. Plínio, I, 37, 4; "foedissimum animalium"). Varrão, *De L. L.*, I, 4, 19, explica que os sabinos diziam *fircus* em vez de *hircus*, por ser um animal *fétido*, o que não passa de etimologia fantástica, dado o tratamento fonético do som inicial bem conhecido dos filólogos.

<sup>8</sup> Ironia de Menalcas na esquivada à resposta direta. Assume a maléfica ação praticada por Dametas.

Cortar arvoredado e videiras novas "mala falce" constitui crime da maior gravidade para um rústico.

DAMOETAS

*Parcius ista uiris tamen obicienda memento.  
Nouimus et qui te, transuersa tuentibus hircis,  
et quo (sed faciles Nymphae risere) sacello...*

MENALCAS

*Tum, credo, cum me arbustum uidere Miconis  
atque mala uitis incidere falce nouellas.* 10

DAMOETAS

*Aut hic ad ueteres fagos cum Daphnidis arcum  
fregisti et calamos; quae tu, peruerse Menalca,  
et, cum uidisti puero donata, dolebas,  
et, si non aliqua nocuisses, mortuus esses.* 15

MENALCAS

*Quid domini faciant, audent cum talia fures?  
Non ego te uidi Damonis, pessime, caprum  
excipere insidiis, multum latrante Lycisca?  
Et cum clamarem: "Quo nunc se proripit ille?  
Tityre, coge pecus", tu post carecta latebas.* 20

<sup>9</sup> Dáfnis é aqui um outro pastor conhecido de ambos. O boiadeiro africano, segundo Virgílio em *Geórg.*, III, 345, quando se desloca, leva consigo a casa, o deus Lar, as *armas*, e o cão de Amicleu. As armas eram para defesa pessoal e do gado contra as feras e os ladrões, bem como para caçar.

<sup>10</sup> Amo de Títilo; pastor e cantor na *Buc.* VIII.

<sup>11</sup> Nome da cadela de Títilo. O mesmo em Ovídio, *Metam.*, III, 220. Derivaria de *λύκος*, quer por ter semelhança com o lobo, quer por ser híbrido de lobo e cão.

Por curiosidade, registre-se que esse era o nome da meretriz que acolhia Messalina, esposa do imperador Cláudio (Juvenal, *Sát.* VI, 123).

<sup>12</sup> No texto, "carecta", lugares onde crescem tabuas. A tabua (variantes: "taboa" e "tabu") é uma erva muito alta, que pode atingir 3 metros, da família das tifáceas (*Typha domingensis*) e que vive em charcos rasos, em cujo fundo lamacento se finca por meio de um rizoma comestível. As folhas servem para tecer esteiras e cestos.

## DAMETAS

Porventura, vencido no canto, não deveria ele devolver-me o bode que minha flauta merecera com suas árias? Se não sabes, esse bode foi meu; e o próprio Damão o reconhecia, mas dizia que não podia devolver-mo.

## MENALCAS

No canto, tu a ele? ou alguma vez possuíste uma flauta unida com cera? Não costumavas tu, néscio, desperdiçar nas encruzilhadas<sup>13</sup> um triste canto na flauta<sup>14</sup> estridente? 25

## DAMETAS

Queres então que provemos entre nós, alternadamente,<sup>15</sup> aquilo de que cada um é capaz? Eu aposto esta novilha (para que eventualmente não recuses, ela vem duas vezes ao tarro, alimenta duas crias com seu úbere:<sup>16</sup> dize tu com que penhor contendes comigo. 30

<sup>13</sup> Nos "triuia" costumavam os rústicos ulular e cantar em honra de Proserpina para imitarem Ceres reclamando a devolução da filha raptada. Em *Enéida*, IV, 609, Virgílio alude a essa prática: "nocturnisque Hecate triuiis ululata per urbis", como lembra Sérvio.

<sup>14</sup> Há intenção no emprego de "fistula cera iuncta" (v. 25), em contraposição a "stridenti stipula", como bem observa Saint-Denis, *op. laud.*, p. 111. A "fistula" é a "siringe" de Pã, constituída por tubos unidos com cera (cf. *Buc.*, II, 32-3); a "estípula" é a flauta de um só tubo.

<sup>15</sup> Isto é, em canto amebeu. O termo vem do grego ἀμειβιός do verbo ἀμειβω, que significa "comutar", "permutar", "alternar". Explicam Festo e Sérvio que, no *carne amebeu*, os dois personagens cantam em número igual de versos, respondendo um ao outro. É o processo popular, *mutatis mutandis*, das chamadas "cantigas ao desafio", "desgarradas", que são uma espécie de duelo em versos improvisados e geralmente acompanhados à viola e rabeça no Nordeste, e à sanfona e ao violão no Sul do Brasil. No romance *Fruta do Mato*, cuja ação decorre num "recanto bárbaro de uma terra ignota", Afrânio Peixoto (Rio de Janeiro, F. Alves, 1920, pp. 160-61 e 164) põe os caboclos Tião e Salvina cantando ao desafio, acompanhados à viola, "versos bravios e deliciosos, rimas imprevistas e bizarras, conceitos extravagantes e humorísticos, que pela novidade da forma, pela ironia do sentido, pela facilidade de improvisação comunicavam entusiasmo à assistência e dariam belo espetáculo aos mais exigentes". E afirma o autor, logo a seguir: "Não imagino torneio literário mais formoso, nem mais espontâneo."

Nesta *Buc.* III, há 12 grupos constituídos de 2 dísticos, ou seja, 24

## DAMOETAS

An mihi, cantando uictus, non redderet ille quem mea carminibus meruisset fistula caprum? Si nescis, meus ille caper fuit; et mihi Damon ipse fatebatur, sed reddere posse negabat.

## MENALCAS

Cantando tu illum? aut umquam tibi fistula cera iuncta fuit? Non tu in triuiis, indocte, solebas stridenti miserum stipula disperdere carmen? 25

## DAMOETAS

Vis ergo inter nos quid possit uterque uicissim experiamur? Ego hanc uitulam (ne forte recuses, bis uenit ad nulctram, binos alit ubere fetus) depono: tu dic' mecum quo pignore certes. 30

parelhas (48 versos), seguindo um esquema geometricamente traçado, de modo que nos temas abordados haja um paralelismo simétrico perfeito.

O "duelo" principia no v. 60, sua resposta no 62: os dois dísticos constituem a invocação aos deuses; vem depois o 2.º grupo (vv. 64-7), em que os contendedores evocam suas paixões amorosas; os dois dísticos seguintes (vv. 68-71) falam dos presentes a oferecer aos respectivos amores; vêm depois os lamentos de amor (vv. 72-5); desejo e saudade (vv. 76-9); analogias dos malefícios da natureza e das iras do amor (vv. 80-3); menção e reconhecimento a Polião (vv. 84-7); alusões ao círculo literário em torno de Polião (vv. 88-91); conselhos e alerta contra os perigos (vv. 92-5); advertências no trato do rebanho (vv. 96-9); o amor faz emagrecer o gado e é fatal ao pastor do mesmo (vv. 100-03); encerramento do duelo com adivinhas populares (vv. 104-07).

<sup>16</sup> É uma aposta irrecusável: Dametas oferece duas excelentes vantagens no que arrisca: uma bezerra, animal jovem, com boa produção de leite e já mãe sustentando duas crias (cf. Teócrito, I, 25-7:

αἴγα τέ τοι δώσω διδυματόκοον ἐς τρίς ἀμελῆαι,  
ἃ δὲ ἔχουσ' ἐρίφως ποταμέλγεται ἐς δύο πέλλας.

Só que está apostando o que não lhe pertence, já que, no v. 2, confessou ser o rebanho de Egão. Menalcas continua ironizando o seu interlocutor. Ele vai pôr em jogo duas taças cinzeladas e bordejadas com folhas de hera.

Também nesta cena da aposta o Mantuano segue de perto a Teócrito, tanto ao descrever as taças (idílio I, 27 sq.) como ao comparar os objetos apostados (idílio VIII, 18-24).

Do meu rebanho nada ousaria apostar contigo: pois tenho em casa um pai, tenho uma injusta madrasta;<sup>17</sup> e ambos contam o gado duas vezes ao dia, e um deles os cabritos. Mas, o que tu próprio confessarás ser de muito valor (pois que te apraz cometer uma loucura), apostarei taças de faia, trabalho cinzelado do divino Alcimedonte;<sup>18</sup> às quais uma vide flexível aplicada em cima (depois de polidas) pelo torno ágil<sup>19</sup> reveste cachos derramados de hera pálida. No meio duas efígies, Conão,<sup>20</sup> e... quem foi o outro,<sup>21</sup> que traçou para as gentes o ciclo inteiro com a varinha,<sup>22</sup> as estações que deveria ter o segador, o lavrador encurvado? Ainda delas não aproximei os lábios, mas conservo-as de reserva.

## DAMETAS

Também para mim o mesmo Alcimedonte fez dois copos, e com o flexível acanto<sup>23</sup> abraçou ao redor suas ansas; no meio

<sup>17</sup> A "iniusta nouerca" é "saeua" em *Geórg.*, II, 128, e "mala" em *Geórg.*, III, 282. Ovídio qualifica-a de "scelerata" (*Fast.*, III, 853) e "dira" (*Metam.*, I, 147); Valério Flaco, I, 3, 506, de "terribilis".

Um fragmento dos *Scholia Veronensia*, ad *Buc.* III, 33, refere que alguns dizem ser a "nouerca" também chamada de "iniusta" (ed. de G. Thilo, p. 394).

A literatura latina está repleta de alusões desprimorosas à figura da madrasta. Porém, reputo a frase de Plauto que se tornou proverbial: "Apud nouercam queri" (*Pseud.* I, 3, 80), como a mais significativa caracterização da madrasta, em termos do conceito social de que ela gozava para um romano comum. O provérbio pode ter dois sentidos: ir queixar-se a quem nada pode ajudar, ou a quem ainda vai regozijar-se com o mal do queixoso.

<sup>18</sup> Escultor desconhecido, citado novamente no v. 44. O adjetivo "alcimedonteo" ficou a significar "feito com suma arte".

<sup>19</sup> Marouzeau, no artigo "Qu'est-ce que le 'tornus' de Virgile?", in *Revue d'Études Latines*, 1934, pp. 46-7, argumenta que não se trata, neste passo, do "torno". Os já citados *Scholia Veronensia* apresentam: "TORNO FACI [LI idest] sculptura", indicando tratar-se da verruma ou pua de furar. Não vejo razão para forçar o sentido normal de "tornus" (cf. Plínio, I, 7, 56; *Geórg.*, II, 449-50, onde é bem clara a distinção entre "tornear" a tília e o buxo e "escavá-los" com o ferro aguçado).

<sup>20</sup> Conão Sânio Astrólogo foi geômetra e astrólogo, natural da ilha de Samos e cujos sete livros sobre astrologia se perderam. Sérvio confunde-o com um homônimo, que foi general ateniense derrotado por Lisandro, general lacedemônio.

*De grege non ausim quicquam deponere tecum:  
est mihi namque domi pater, est iniusta nouerca;  
bisque die numerant ambo pecus, alter et haedos.  
Verum, id quod multo tute ipse fatebere maius,  
(insanire libet quoniam tibi), pocula ponam  
fagina, caelatum diuini opus Alcimedontis;  
lenta quibus torno facili superaddita uitis  
diffusos hedera uestit pallente corymbos.  
In medio duo signa, Conon, et... quis fuit alter,  
descripsit radio totum qui gentibus orbem,  
tempora quae messor, quae curuus arator haberet?  
Necdum illis labra admoui, sed condita seruo.*

## DAMOETAS

*Et nobis idem Alcimedon duo pocula fecit,  
et molli circum est ansas amplexus acantho;*

Vivendo na corte de Ptolomeu I Evergeta (séc. III a.C.), escreveu um dia que os louros cabelos de Berenice, esposa do rei alexandrino, por esta consagrados aos deuses e depositados no templo, a fim de obter o feliz regresso do marido que fazia a guerra na Síria, haviam se transformado em constelação, que os astrônomos egípcios acabavam de descobrir. O poeta Calímaco fez um poema sobre a cabeleira, o qual inspirou Catulo no célebre carne LXVI, "De Coma Berenices", por alguns considerado mera tradução (cf. Heinrich A. W. Bunsen, *O Carmen LXVI de Catulo — De Coma Berenices*. Porto Alegre, 1950, policopiado, sobretudo pp. 26 sq.).

Desse poema de Calímaco restam escassos fragmentos, acrescidos de outros mutilados do papiro de Oxirinto 1796.

De Teócrito possuímos um fragmento de 5 versos, *Ἐκ τῆς Βερενικῆς*, mas é impossível determinar de que Berenice se tratava: a mãe de Filadelfo, ou a esposa de Ptolomeu?

<sup>21</sup> Sérvio diz que o "outro" é Arato ou Ptolomeu ou Eudoxo. Os *Escólios de Verona* levantam mais hipóteses: além de Eudoxo e Arato, dizem que alguns interpretam como sendo Arquimedes, outros Hiparco ou Euctemonão ou Euclides. Por seu lado, acham conveniente apontar Hesíodo.

<sup>22</sup> É o "radius", a varinha dos geômetras, matemáticos e astrônomos, que a utilizavam na agrimensura e para desenhar figuras geométricas na areia.

Comenta Sérvio que os antigos a inventaram por necessidade de dividir os campos inundados periodicamente pelo Nilo, que derrubava os marcos ao sair do leito. Por extensão, os filósofos, astrônomos, geômetras, etc., adotaram-na para seus cálculos no mar, no céu e nos espaços do éter.

<sup>23</sup> O acanto é uma planta espinhosa da família das acantáceas (*Acanthus spinosus*), mediterrânica, cujas folhas serviam de modelo aos escultores, para ornamentações, sobretudo estilizadas nos capitéis da ordem coríntia.

colocou Orfeu e as florestas que o seguem.<sup>24</sup> Ainda deles não aproximei os lábios, mas conservo-os de reserva. Se pões os olhos na novilha, não há razão para que elogies os copos.

#### MENALCAS

Tu hoje não mais fugirás; irei para onde me chamares. Ouça somente estas coisas. . . por exemplo Palemão,<sup>25</sup> o qual eis que se aproxima. Farei que de ora em diante não provoques a ninguém com o canto. 50

#### DAMETAS

Pois então vamos, se tens o que dizer; em mim não haverá detença alguma, nem fujo de ninguém: apenas, vizinho Palemão, coloca isto no fundo dos sentidos — a coisa não é de somenos. 55

#### PALEMÃO

Cantai, pois que nos sentamos na erva macia. E agora todo campo, agora toda árvore abrolha, agora os bosques se cobrem de folhas, agora o ano está lindíssimo.<sup>26</sup> Começa, Dametas; tu, Menalcas, logo prosseguirás.<sup>27</sup> Cantareis alternadamente: as Camenas<sup>28</sup> gostam dos versos alternados.

<sup>24</sup> Conta o mito que Orfeu, tendo recebido a lira de seu pai Apolo, tanto nela se exercitou que arrastava com seus melodiosos acentos as pedras e os montes, detinha o curso dos rios, amansava os mais ferozes animais das florestas. Certa feita, desceu aos reinos de Plutão, onde o som da lira convenceu o deus dos infernos e Prosérpina a que lhe devolvessem Eurídice. Teria sido morto pelas Mênades quando se recusou a tocar um dia nos sacrifícios de Baco. Sua cabeça e a lira foram atiradas ao rio Hebro, tendo ido parar nas costas da ilha de Lesbos, onde os habitantes deram sepultura à cabeça, e as Musas levaram a lira para os céus.

Sobre o efeito maravilhoso do canto poético, cf. *Buc.*, VI, 27 sq., 71 e 86, e *Buc.*, VIII, 2 sq. e nota n.º 3.

<sup>25</sup> Os *Escólios de Verona* vêem Augusto sob o disfarce de Polemão. Num quadro tão singelo de pastores, nada mais natural que fosse bem-vindo um árbitro neutro — um vizinho pastor — para dirimir o pleito poético.

*Orpheaue in medio posuit, siluasque sequentis.  
Necdum illis labra admoui, sed condita seruo.  
Si ad uitulam spectas, nihil est quod pocula laudes.*

#### MENALCAS

*Numquam hodie effugies; ueniam quocumque uocaris.  
Audiat haec tantum uel qui uenit ecce Palaemon. 50  
Efficiam posthac ne quemquam uoce lacessas.*

#### DAMOETAS

*Quin age, si quid habes; in me mora non erit ulla,  
nec quemquam fugio: tantum, uicine Palaemon,  
sensibus haec imis (res est non parua) reponas.*

#### PALAEMON

*Dicite, quandoquidem in molli consedimus herba. 55  
Et nunc omnis ager, nunc omnis parturit arbos,  
nunc frondent siluae, nunc formosissimus annus.  
Incipe, Damoeta; tu deinde sequere, Menalca.  
Alternis dicetis: amant alterna Camenae.*

<sup>26</sup> Bem caracterizada a estação da primavera. As árvores frutíferas produzem gemas; as matas cobrem-se de folhagem; os campos, de boninas; toda a natureza se veste de galas e louçanias.

Júlio Filargírio chama a atenção para a sinédoque "formosissimus annus" em lugar de primavera.

<sup>27</sup> O árbitro do canto ao desafio dá a partida. Não hesita em indicar Dametas para começar. Naturalmente, pois foi ele o desafiante. Ademais, já foi dito (v. 7) que era o mais velho, dado importante no mundo dos camponeses.

<sup>28</sup> Divindades da Itália antiga que receberam culto público a partir do segundo rei de Roma, Numa Pompílio, que lhes consagrou um bosque (cf. Tito Lívio, I, 1, 21). Mais tarde, passaram a ser consideradas patronas dos pastores e das letras, confundindo-se com as nove Musas. Festo, Sérvio e Macrôbio vão ao ponto de indicar o étimo: *canendo, cantu*, ao que se opõe Varrão em *De Ling. Lat.*, I, 5, 8, dizendo que foi o contrário: *camena* é que daria o verbo *canere*. Penso tratar-se de mais uma etimologia popular, fantasista.



## DAMETAS

Começemos por Júpiter,<sup>29</sup> ó Musas: de Júpiter tudo está repleto;<sup>30</sup> 60  
ele trata das terras, a seu cuidado estão os meus cantos.

## MENALCAS

E Febo me ama; para Febo, os seus dons estão sempre  
perto de mim, os loureiros e o jacinto<sup>31</sup> de vermelho suave.

## DAMETAS

Galatéia<sup>32</sup> me atira u'a maçã — menina galhofeira — e foge 65  
para os salgueiros e deseja ser vista primeiro.<sup>33</sup>

## MENALCAS

Porém Amintas,<sup>34</sup> minha chama, a mim se oferece espontaneamente,  
de tal modo que Délia<sup>35</sup> já não é mais conhecida de nossos cães.<sup>36</sup>

<sup>29</sup> O idílio XVII de Teócrito começa: Ἐκ Διὸς ἀρχόμεσθα καὶ ἐς Δία λήγετε Μοῖσαι. Observa o escoliasta que assim começam também os *Fenômenos* de Arato.

Deve tratar-se de fórmula generalizada, semelhante à introdução cristã dos textos medievais: "Em nome de Deus..."

<sup>30</sup> Júpiter preenche tudo. Este conceito de "alma do mundo", derivado da filosofia platônica, constitui o fulcro do panteísmo ou imanentismo dos estóicos. O fogo racional é a lei imanente do cosmos, constituindo os *λόγοι σπερματικοί*, ou razões seminais de tudo quanto existe.

Virgílio conhecia a profunda filosofia da *στοὰ ποικίλη* de Atenas, como revela noutros passos de sua obra (cf. *Geórg.*, IV, 220: "as abelhas contêm uma parcela da mente divina"; *Enéida*, VI, 724 sq.: exposição de Anquises ao filho, na qual lhe revela a natureza da "infusa mens" que "igneus est ollis uigor et caelestis origo/seminibus").

<sup>31</sup> Tanto o loureiro como o jacinto eram consagrados a Febo, porque Dafne (= loureiro, em grego) e Hiacinto, suas paixões, foram metamorfoseados: ela em planta, ele em flor, conforme narra Ovídio (*Metam.*, I, 452 sq.; X, 1962 sq.).

O loureiro, árvore de folha perene, cujas espécies estão enumeradas e descritas em Plínio, I, 15, teve uma presença notável na história e literatura romanas. Desde coroas de vencedores de guerras e torneios poéticos, a empregos para esconjurar tempestades e raios e fazer vaticínios, para tudo servia, até para comer.

Diz Marcial, V, epigr. 4, que o loureiro era indicado para dissipar os efeitos da embriaguez: "Fetere multo Myrtale solet uino/Sed fallat ut nos, folia deuorat lauri". Passava por ser árvore de paz, além de triunfo. Talvez por isso, era costume suspender um ramo à entrada das casas. Virá daí, quiçá, a prática ainda hoje adotada no Norte de Portugal e na Galiza de

## DAMOETAS

*Ab Ioue principium, Musae: Iouis omnia plena;* 60  
*ille colit terras, illi mea carmina curae.*

## MENALCAS

*Et me Phoebus amat; Phoebos sua semper apud me*  
*munera sunt, lauri et suaue rubens hyacinthus.*

## DAMOETAS

*Malo me Galatea petit, lasciuu puella,*  
*et fugit ad salices et se cupit ante uideri.* 65

## MENALCAS

*At mihi sese offert ultro meus ignis, Amyntas,*  
*notior ut iam sit canibus non Delia nostris.*

encimar as portas das tabernas com um ramo dessa árvore. As populações locais pensam tratar-se de indicação da existência de vinho à venda, mas ninguém sabe dizer a origem do uso.

<sup>32</sup> Nome de pastora, não da ninfa de *Buc.* VII, 37 (vd. nota n.º 19) e de *Buc.*, IX, 39 (vd. nota n.º 22).

Sobre Galatéia, donzela rústica, vd. nota n.º 18 à *Buc.* I.

<sup>33</sup> A maçã era consagrada à deusa do amor.

A psicologia feminina é aqui retratada em dois traços de mestre. O abade François Richard (séc. XIX), na descrição de suas viagens pela Itália, comenta assim: "Les femmes de Bologne sont encore telles que Virgile les dépeint: *Et fugit ad salices, et se cupit ante uideri*", apud M. Raymond Chevalier, "Lecture de Virgile par un scientifique du XVIII<sup>e</sup> s.: J. de Lalande dans son voyage d'un françois en Italie fait dans les années 1765 et 1766, Venise, 1769" (in *Présence de Virgile*. Paris, Les Belles Lettres, 1978, p. 404).

<sup>34</sup> Nome de pastor, conforme se vê adiante (v. 75), tendo já aparecido na *Buc.* II e voltando a figurar na V.

<sup>35</sup> Epíteto de Diana, por haver nascido na ilha de Delos, junto com o irmão Febo. Também pode ser simplesmente nome de mulher das relações do pastor.

Em Tibulo, I, eleg. 1, é nome de namorada. Opto pela primeira interpretação porque, no dístico anterior (v. 62), Menalcas repete o nome de Febo e, na sua mente, pode muito bem subsistir a natural associação com o irmão gêmeo de Diana.

<sup>36</sup> Imagem para significar total desinteresse, alheamento. Os cães já não ladram à lua, não reconhecem a deusa da caça ou, caso julgemos Délia nome de uma ex-namorada de Menalcas, os cães já não conhecem quem era tão familiar.

DAMETAS

Presentes para a minha Vênus<sup>37</sup> foram preparados: pois eu mesmo marquei onde as aéreas pombas-trocazes<sup>38</sup> fizeram ninho.

MENALCAS

O que pude enviei-o ao meu moço:<sup>39</sup> dez maçãs de ouro colhidas de uma árvore silvestre; amanhã enviarei outras dez.<sup>40</sup> 70

DAMETAS

Ó quantas vezes e que coisas Galatéia me falou!  
Ó ventos, levai alguma parte aos ouvidos dos deuses!

MENALCAS

Que aproveita, Amintas, que tu próprio não me desprezes em teu espírito, se, enquanto persegues os javalis, eu guardo as redes?<sup>41</sup> 75

DAMETAS

Envia-me Fílide, Iolas,<sup>42</sup> é o meu aniversário; quando eu fizer sacrifício com uma novilha pelas colheitas,<sup>43</sup> vem tu próprio.

MENALCAS

Amo Fílide mais que as outras; pois chorou de eu partir e disse um longo "Adeus, adeus, formoso Iolas".

<sup>37</sup> Quer dizer: à minha amada Galatéia.

<sup>38</sup> Tanto Sêrvio como Filargírio explicam "aeriae" como sendo "aerii ("aerei) coloris", o que a métrica não autoriza.

A pomba-trocaz, trocal ou pedrês pertence à família dos columbídeos, sendo muito comum na Europa e América do Sul. No Nordeste do Brasil é bastante popular, vivendo em bandos e recebendo o nome poético de asa-branca.

<sup>39</sup> Amintas. Há certa ironia na escolha do verbo: enquanto Dametas diz "*parta* (=praeparata) *sunt munera*", Menalcas responde "*aurea mala decem misi*". Um mostra intenção; o outro, ação.

<sup>40</sup> No idílio III, 10, de Teócrito, o pastor de cabras apresenta à sua querida Amarílde seis maçãs, para recuperar seu amor.

<sup>41</sup> Ficar cuidando das redes é tarefa passiva, sem o principal atrativo de uma caçada: a emoção de perseguir os animais bravios e ferozes, como o javali.

DAMOETAS

*Parta meae Veneri sunt munera: namque notaui ipse locum, aeriae quo congessere palumbes.*

MENALCAS

*Quod potui, puero, siluestri ex arbore lecta aurea mala decem misi; cras altera mittam.* 70

DAMOETAS

*O quotiens et quae nobis Galatea locuta est! partem aliquam, uenti, diuom referatis ad auris!*

MENALCAS

*Quid prodest, quod me ipse animo non spernis. Amynta, si, dum tu sectaris apros, ego retia seruo?* 75

DAMOETAS

*Phyllida mitte mihi, meus est natalis, Iolla; cum faciam uitula pro frugibus, ipse uenito.*

MENALCAS

*Phyllida amo ante alias; nam me discedere fleuit, et longum "Formose, uale, uale" inquit "Iolla".*

<sup>42</sup> Fílide é escrava de Iolas, o qual, por sua vez, é uma espécie de transmutação poética de Menalcas.

<sup>43</sup> O comentário de Sêrvio ajuda-nos a entender melhor o significado deste dístico. No dia do aniversário, era lícito entregar-se aos prazeres do sexo durante o rito sacrificial; nos demais sacrifícios, havia que guardar-se abstinência, como nos rituais ditos "ambaruales", de *amb+arua*, "que anda em redor dos campos", tal como "amburuale", "que anda em volta da cidade". Eram as festas "ambarválías", nas quais era imolada a "ambarualis hostia", após ser levada em cortejo em roda dos campos, em homenagem à deusa Ceres, pelos frutos da terra (cf. *Buc.*, V, 75: "cum lustrabimus agros", e *Geórg.*, I, 345: "terque nouas circum felix eat hostia fruges").

A definição é dada por Festo e repetida por Macróbio. Tibulo, II, eleg. 1, dá uma bela descrição do sacrifício, em que os sacerdotes — *Fratres Aruales* — conduziam o cortejo festivo.

## DAMETAS

O lobo é coisa funesta para os estábulos, os aguaceiros para as searas maduras, os ventos para as árvores, as iras de Amarílde para mim. 80

## MENALCAS

A água é coisa doce para as sementeiras, o medronheiro<sup>44</sup> para os cabritos desmamados, os salgueiros flexíveis para as ovelhas prenhes, só Amintas para mim.

## DAMETAS

Polião<sup>45</sup> ama a nossa Musa, apesar de ser rústica: Piérides,<sup>46</sup> apascentai uma novilha para o vosso leitor.<sup>47</sup> 85

## MENALCAS

Polião também faz ele próprio versos novos:<sup>48</sup> apascentai um touro que já arremeta com o chifre e espalhe areia com as patas.

## DAMETAS

Quem te ama, Polião, venha para onde se regozija que também tu tenhas vindo; para ele flua o mel, e a áspera sarça produza o amomo.<sup>49</sup>

<sup>44</sup> O medronheiro (*arbutus* ou *unedo* em latim — Plínio, XXIII, 8) é uma planta da família das ericáceas, que dá frutos parecidos com o morango, de sabor muito característico, em pleno outono e começo do inverno europeus. Fermentado, produz uma aguardante muito alcoólica e aromática.

<sup>45</sup> Virgílio tem fortes razões para estar grato a Polião, que foi governador da Cisalpina e seu introdutor no círculo privilegiado dos amigos de Augusto e Mecenas. Aqui o poeta coloca na boca dos pastores o elogio do talento literário de seu protetor.

A *Buc.* VIII evoca esse patrocínio, e a IV é-lhe dedicada.

<sup>46</sup> Assim chamadas por se dizerem nascidas na Piéria, Macedônia, ou no monte Piério da Tessália, confins da Macedônia. Eram filhas de Zeus e Mnemosine. Outra versão considera-as filhas de Piério, filho de Apolo (cf. *Comment.* de Sérvio ad *Ecl.* VII, 21).

O termo é comumente empregado como sinônimo de Musas. Hesíodo começa os *Ἔργα καὶ Ἡμέραι*, invocando as Piérides, e a *Ἑορῶνία*, as Musas do Helicão.

<sup>47</sup> Filargírio diz: "lectori idest amatori". Claro que esse "lector" amador das Musas é Polião.

## DAMOETAS

*Triste lupus stabulis, maturis frugibus imbres, arboribus uenti, nobis Amaryllidis irae.* 80

## MENALCAS

*Dulce satis umor, depulsis arbutus haedis, lenta salix feto pecori, mihi solus Amyntas.*

## DAMOETAS

*Pollio amat nostram, quamuis est rustica, Musam: Pierides, uitulam lectori pascite uestro.* 85

## MENALCAS

*Pollio et ipse f.:cit noua carmina: pascite taurum, iam cornu petat et pedibus qui spargat harenam.*

## DAMOETAS

*Qui te, Pollio, amat, ueniat quo te quoque gaudet; mella fluant illi, ferat et rubus asper amomum.*

A novilha é o prêmio que Dametas oferece a Menalcas, se este vencer o pleito.

Asíno Polião era dado às Musas, tanto de si próprio quanto do círculo dos *poetae noui* que o Mantuano integrava.

Vd. nota seguinte.

<sup>48</sup> Alusão clara ao novo gosto literário da escola dos *νεότεροι* em que pontificavam Horácio e Virgílio. A ênfase dada pelo *et ipse* parece implicar uma co-participação de idéias e produções literárias na mesma escola, por parte do nosso poeta e de Polião.

<sup>49</sup> O amomo (*cissus uitiginea*) é uma planta originária da Assíria (cf. *Buc.*, IV, 25: "Assyrium uolgo nascetur amomum") ou da Índia (Plínio, XII, 48: "Amomi una in usu est (ex) Indica uite labrusca..."), dá-se bem na Armênia, na Média e no Ponto, Id., *ibid.*, 49: "Nascitur et in Armenia parte quae uocatur Otene et in Media et in Ponto"), de intenso perfume, que produz um fruto semelhante à uva, e um unguento muito apreciado na antiguidade para embalsamar cadáveres. É plausível que tenha dado origem à palavra "múmia" (cf. ingl. *mummy*, que significa "amomo" e também "múmia").

MENALCAS

Quem não odeia a Bávio ame teus versos, ó Mévio,<sup>50</sup> 90  
e o mesmo junja raposas e ordene bodes.<sup>51</sup>

DAMETAS

Vós, ó moços, que colheis flores e morangos que nascem  
no chão, fugi daqui: uma fria serpente<sup>52</sup> se oculta na erva.

MENALCAS

Evitai, ovelhas, avançar longe demais: não é de fiar muito  
na ribanceira; o próprio carneiro enxuga ainda agora os velos.<sup>53</sup> 95

DAMETAS

Títiro, afasta do rio as cabras que pascem; eu mesmo,  
quando for tempo, as banharei a todas na fonte.

MENALCAS

Reuni as ovelhas, ó moços; se o calor vier a estancar o leite,<sup>54</sup>  
como há pouco, de balde apertaremos as tetas com as mãos.

DAMETAS

Ai, ai! como tenho magro o touro em gordo pasto! O mesmo 100  
amor é uma desgraça para o rebanho e o pastor do rebanho.<sup>55</sup>

<sup>50</sup> Bávio e Mévio eram poetas da velha escola (*ueteres poetae*), inimigos de Virgílio e Horácio, que escreveu contra Mévio o X Epodo, onde o apoda de "fedorento" (*olentem Maeuium*) e formula o desejo de que os ventos e o mar lhe causem todo tipo de desgraças, inclusive a morte, e nem lhe poupem o cadáver!

Quanto a Bávio, temos a informação de São Jerônimo de que seria um tal de Vávio, morto em 35 a.C., na Capadócia.

Ambos ousaram repreender Virgílio (cf. nota n.º 17 à Buc. V).

<sup>51</sup> O *ἀδύνατον* para dizer quão absurdo é não odiar tais poetas e seus versos de má qualidade.

<sup>52</sup> Segundo Sérvio, é clara a analogia da serpente oculta com a situação dos mantuanos, a contas com a violência das expropriações.

MENALCAS

*Qui Bauium non odit, amet tua carmina, Maeui,* 90  
*atque idem iungat uolpis et mulgeat hircos.*

DAMOETAS

*Qui legitis flores et humi nascentia fraga,*  
*frigidus, o pueri, fugite hinc, latet anguis in herba.*

MENALCAS

*Parcite, oues, nimium procedere: non bene ripae*  
*creditur: ipse aries etiam nunc uellera siccet.* 95

DAMOETAS

*Tityre, pascentis a flumine reice capellas;*  
*ipse, ubi tempus erit, omnis in fonte lauabo.*

MENALCAS

*Cogite ouis, pueri; si lac praeceperit aestus,*  
*ut nuper, frustra pressabimus ubera palmis.*

DAMOETAS

*Heu, heu! quam pingui macer est mihi taurus in eruo!* 100  
*Idem amor exitium est pecori pecorisque magistro.*

A expressão *frigidus anguis* traduz bem a *ψυκρὸν ὄψιν* de Teócrito, XV, 58.

<sup>53</sup> Mais uma alegoria para significar a situação dos proprietários que, mesmo reintegrados na posse de suas terras, ainda corriam o risco de ser mortos pelos veteranos que já se julgavam donos definitivos das mesmas.

<sup>54</sup> Os pastores conhecem empiricamente o fenômeno. Com a força do calor, o úbere entumesce e o leite entra em fermentação, convertendo-se numa espécie de pasta que obstrui os canais lactíferos.

<sup>55</sup> O rebanho sofre indiretamente as conseqüências de o pastor mal-amado não andar feliz: não pode ter os cuidados de quem anda em "cuidados" de amor. Não obstante o pasto rico, o gado vai definhando.

Para estas decerto que o amor não é a causa; só têm pele e ossos; não sei que mau-olhado fascina<sup>56</sup> os meus tenros cordeiros.

## DAMETAS

Dize em que terras — e serás para mim o grande Apolo<sup>57</sup>  
— o espaço do céu não se estende além de três braços.<sup>58</sup> 105

## MENALCAS

Dize em que terras nascem flores que têm escritos  
nomes de reis<sup>59</sup>, e Filide será só tua.

## PALEMÃO

Não nos cabe dirimir tão grandes disputas  
entre vós. Tu és digno da novilha e ele também, e quem  
receie os doces amores ou experimente os amargos<sup>60</sup>. Fechai os 110  
rios, moços, assaz beberam os prados<sup>61</sup>.

<sup>56</sup> No texto, "oculus... fascinat". É o verbo que transfere ao substantivo toda a carga supersticiosa. Os romanos atribuíam tal poder maléfico ("fascinum") a determinado olhar, que a vítima ficava como que encantada, sem liberdade para agir ou pensar, chegando a sofrer no corpo extrema fraqueza, num processo de definhamento.

Plínio, VII, 2, diz que todas as mulheres que tenham pupilas duplas espalham feitiço em volta com seus olhos ("mulieres omnes, quae duplices habent pupillas, oculis fascinum circum ferunt"). O carme VII de Catulo, dedicado à sua amada Lésbia, diz nos vv. 11-2: "Quae [basia] nec pernumerare curiosi/possint nec mala fascinare lingua".

O termo "fascinum" também significou membro viril, por os antigos acharem que neutralizava o quebranto ou mau-olhado. Daí a prática de colocar ao pescoço das crianças, como amuleto, o símbolo fálico (cf. Varão, *De Ling. Lat.*, VI, 5).

<sup>57</sup> O duelo está indeciso. Só a decifração dum enigma irá achar o vencedor. Apolo é considerado o inventor de quatro artes: atirar setas, curar, fazer poesia acompanhada à lira e vaticinar. Esta última arte é corroborada pelos inúmeros oráculos, sobretudo em Delfos (cf. Horácio, *Sát.*, II, 5, 60: "diuinare etenim magnus mihi donat Apollo").

<sup>58</sup> A "ulna" (contração do grego *ὀλένη*) é propriamente a cana do braço, o antebraço. Em Plínio, Horácio e Virgílio, designa "braça", medida de comprimento dada pela distância dos dois braços estendidos.

Quanto à decifração do enigma, diversas opiniões foram aventadas. Sérvio apresenta três; Júnio Filargírio mais do dobro, sendo a mais interessante delas a que refere ter Ascônio Pediano ouvido do próprio Virgílio que este quis torturar os futuros gramáticos; mas refere igualmente que Cornuto também ouviu do poeta ter este intenção de atingir um tal Célio Mantuano que, sendo rico e perdulário, apenas ficou com três braças de terra para a sua sepultura.

*His certe — neque amor causa est — uix ossibus haerent:  
nescio quis teneros oculus mihi fascinat agnos.*

## DAMOETAS

*Dic quibus in terris, et eris mihi magnus Apollo,  
tris pateat caeli spatium non amplius ulnas.* 105

## MENALCAS

*Dic quibus in terris inscripti nomina regum  
nascantur flores, et Phyllida solus habeto.*

## PALAEMON

*Non nostrum inter uos tantas componere litis.  
Et uitula tu dignus et hic, et quisquis amores  
aut metuet dulcis aut experietur amarus.* 110  
*Claudite iam riuos, pueri, sat prata biberunt.*

Prefiro ficar com a interpretação privilegiada por Sérvio, por nenhuma das outras "convir a um rústico": a solução do enigma é simplesmente o poço, porquanto, se alguém nele descer, somente vê do fundo uma nesga de céu.

Afrânio Peixoto, *op. laud.*, p. 161, ao falar da temática das cantigas ao desafio dos caboclos nordestinos, cita os enigmas populares que deixam o interlocutor embaraçado: "quantos peixes tem o mar?", "quantas estrelas, o céu?", "por que as galinhas pretas põem ovos brancos?", "por que banha se derrete ao sol" e nele "o melado se endurece?". E remata: "...enfim, porção de questões em que a sabedoria e o tino popular se revelam na graça das cantigas".

<sup>59</sup> O enigma proposto por Menalcas harmoniza-se com a interpretação mais simples do enigma de Dametas. É o mundo rústico e pitoresco das adivinhas populares.

É sabido — diz Sérvio — que estes enigmas, em sua maioria, não têm uma solução clara. Os antigos imaginavam ver nas pétalas do jacinto as iniciais AI do rei Ajax, filho de Telamão (cujo sangue derramado produziu aquela flor, como reza a lenda); alguns viam a maiúscula Y, inicial de *Υάκινθος*, filho do rei Amilcos da Lacedemônia (cf. idílio X, 28, de Teócrito: *α γραπτά υάκινθος*).

<sup>60</sup> Não há vencedor nem vencido, proclama o juiz. Nem Menalcas (que temia as doçuras do amor), nem Dametas (que experimentava suas amarguras) podem perder a tão cobiçada novilha. Tudo fizeram para merecê-la.

<sup>61</sup> O último verso da *Buc.* III pode ter dois sentidos: o real e o figurado. O juiz Palemão estaria acompanhado por servos, aos quais ordena que fechem as valas de irrigação, pois os campos já foram devidamente regados enquanto se desenrolava o canto amebou. Ou então, falando alegoricamente, Palemão dá por encerrado o pleito dos pastores, convidando-os a parar e reconhecendo estar satisfeito com tudo o que ouviu.

#### ARGUMENTO DA BUCÓLICA IV

O poeta dirige-se ao cônsul Polião, anunciando o nascimento, em seu consulado, de um menino sob cujo comando irá ressurgir a idade de ouro, depois de recomeçar uma nova série de séculos (vv. 1-17). Durante a infância e adolescência do menino, a terra se desentranhará espontaneamente em flores e frutos, as feras amansarão e a condição humana irá melhorar (vv. 18-30). Subsistirão, contudo, alguns resquícios da antiga maldade, que originarão novas guerras sangrentas no mar e em terra (vv. 31-36). Quando o menino atingir a maturidade, a paz e harmonia serão gerais na terra inteira (vv. 37-47). O jovem estará então na idade de ascender às magistraturas públicas, e o poeta convida-o a contemplar a emoção universal, desejando para si próprio vida longa, a fim de poder celebrar as façanhas do grande chefe (vv. 48-59). Nos últimos versos, o tom quase épico desce à escala lírica de uma cena comovente da vida familiar (vv. 60-63).



SIBILA DE CUMAS

(Miguel Ângelo)

Capela Sistina, Roma

## BUCÓLICA QUARTA

Musas da Sicília<sup>1</sup>, cantemos coisas um pouco mais alevantadas<sup>2</sup>;  
os arbustos e as humildes tamargueiras<sup>3</sup> não agradam a todos:  
se cantamos os bosques, os bosques sejam dignos de um cônsul<sup>4</sup>.  
Já chegou a última idade da profecia de Cumas<sup>5</sup>;  
a grande série de séculos recomeça<sup>6</sup>.

5

<sup>1</sup> Difícilmente poderemos ver nesta Bucólica as imitações e reminiscências poéticas presentes nas demais. Não obstante, a invocação às Musas da Sicília talvez tenha sido sugerida ao poeta pelos idílios de Mosco, III, refrão: "Ἀρχετε Σικελικαὶ τῷ πένθεος ἄρχετε Μοῦσαι.

O toponímico "sicelides", do grego, em lugar do latim "sicilienses", levamos à terra natal do criador da poesia bucólica — o siracusano Teócrito.

<sup>2</sup> Na expressão "paulo maiora canamus" vislumbramos "uma exigente necessidade de superação" (J. Heurgon, "Virgile, la poésie et la vérité", in *Information Littéraire*, março-abril de 1958, p. 69.)

O poeta dá a entender que o gênero bucólico não se coaduna perfeitamente com o assunto que agora se propõe cantar. Confessa a exigência de um estilo mais elevado, para enaltecer a pessoa de Polião.

Aflora em toda a Bucólica um tom próximo ao da epopéia.

<sup>3</sup> No latim *myrice*, do grego *μυρική*. É uma planta arbustiva descrita em Plín., XIII, 21, e XXIV, 9. Também era chamada de *tamarix* ou *tamaricius*, donde o português "tamarindo". No Brasil recebe ainda a designação nativa de "jubaf". Ovídio, *De Ar. Am.*, III, 691, qualifica-a de "fragilis", e *Metam.*, X, 97, de "tenuis". Virgílio, *Buc.*, VIII, 54, volta a mencioná-la no canto de Damão como exemplo de *ἀδύνατον*: "pinguia corticibus sudent electra myricae".

Quanto aos *arbusta*, eram principalmente destinados a servir de esteio às videiras, conforme se vê em Plín., XVII, 11 e 23, onde diz que os mais nobres vinhos são justamente os de uvas produzidas nos "arbusta".

Sobre o olmo usado para isto, cf. nota n.º 36 à *Buc. I*.

A tamargueira era consagrada a Apolo, assim como o loureiro, conquanto em escala honorífica mais baixa do que este.

<sup>4</sup> Desde a mais remota antiguidade, esta IV *Buc.* foi intitulada "Polião". Diz Donato, repetido pelo Escoliasta de Berna, na edição de Hagen in *Jahrb. fur class. Phil.*, Supplementband IV, 1867, pp. 673-1.014: "quarta dicitur Pollio" (p. 744).

Polião é expressamente nomeado no v. 12 (os esforços de C. Schaper para corrigir este verso substituindo o nome por "orbis" são mera conjectura fantasista e levantaram uma onda de protestos por parte dos eruditos, segundo refere A. Cartault, *op. laud.*, p. 232, notas 1 e 2).

Tal tentativa, se coroada de êxito, mudaria em definitivo a data de composição da IV *Buc.*, já que se trataria do filho, tão ansiosamente esperado por Otaviano do casamento de Cláudio Marcelo, filho de Otávia, com Júlia,

## BVCOLICA

### IV.

*Sicelides Musae, paulo maiora canamus:*  
*non omnis arbusta iuuant humilesque myricae:*  
*si canimus siluas, siluae sint consule dignae.*  
*Vltima Cumaei uenit iam carminis aetas;*  
*magnus ab integro saeculorum nascitur ordo.*

5

filha do imperador. Porém, "corrigir Virgílio não é explicá-lo" (Id., *ibid.*).

Sem entrar nas longas discussões para datar a redação desta *Buc.*, da sua leitura simples ressalta com evidência haver sido escrita numa atmosfera de alegria e esperança que envolvia Roma e seu mundo. Ora, esse clima de otimismo que seduziu os melhores espíritos foi criado na Itália pela paz de Brindisi (out. do ano 40 a.C.).

<sup>5</sup> O *Commentarius* dito de Probo fala da hesitação entre Cumas, da Sibila, na Campânia, e o poema *cumeu*, de Cymê, na Eólida, onde habitava o pai de Hesíodo antes de emigrar para a Beócia.

A Sibila cantou a "noua generatio" que viria "post quattuor saecula" (ed. de Thilo, p. 331).

Hesíodo, em seu poema "Ἔργα καὶ Ἡμέραι", vv. 106-201, expõe a seu irmão Perses o mito das raças, ou das quatro/cinco idades. Jerôme Carcopino, *Virgile et le mystère de la IV Églogue*. Paris, L'Artisan du Livre. 1930, pp. 37-8, afirma que, no foro íntimo de Virgílio, as duas interpretações são conciliáveis, marcando "a concordância de ambas as tradições, a uma da Itália e da Ásia, o alcance universal da verdade absoluta que anuncia". E prossegue: "Ele [o poeta] cultivou na *Enéida* e nas *Geórgicas* [...] a anfibiaologia concertada como processo de secreta e profunda conciliação entre os dados que o homem comum, em sua ignorância, julgava contraditórios".

A antiguidade clássica refere nada menos que dez Sibilas: Pérsica, Líbica, Delfica, Cumeia, Eritreia (Babilônica), Sâmia, Cumana (Amalteia, Demófila, Herófila), Helespôntica, Frígia e Tiburtina.

A mais célebre foi a Eritreia. Cerca de mil versos dos "carmina" desta Sibila foram trazidos para Roma por embaixadores expressamente designados para tal missão. Porém, a que mais nos interessa é a do texto, a Cumeia, da qual nos falamos Névio e Pisão. Os livros que passavam por conter suas profecias eram secretamente guardados pelos romanos e só podiam ser vistos pelos seus guardiões: duúnviros, instituídos por Tarquínio Soberbo, mais tarde decênviros e quindecênviros.

Sempre que acontecesse algum prodígio, estes guardiões, que eram sacerdotes denominados "sibilinos", abriam os livros, interpretavam-nos e ofereciam banquetes solenes ("lectisternia") aos deuses para aplacá-los e assim esconjurar as ameaças, conforme amplamente narram Tito Lívio e Cícero, em diversos passos de suas obras.

Conta a lenda que a Sibila de Cumas, instada por Apolo, seu amante, a pedir o que lhe aprouvesse, teria exigido tantos anos de vida quantos

Já também retorna a virgem<sup>7</sup>, voltam os reinos de Saturno; do alto céu já é enviada uma nova geração<sup>8</sup>. Tu somente, casta Lucina<sup>9</sup>, favorece ao menino que nasce, sob o qual<sup>10</sup> primeiramente desaparecerá a raça de ferro e surgirá no mundo inteiro a raça de ouro, já reina o teu Apolo. 10 E esta honra do tempo começará e os grandes meses<sup>11</sup>

os grãos de areia que apanhasse em sua mão. Foi através dela que Enéias desceu aos infernos, na célebre catábase, a falar com o pai Anquises (*Enéida*, VI, 106 sq.).

Outra lenda diz que a Sibila teria levado nove livros de predições ao rei Tarquínio Prisco, pedindo como pagamento trezentos áureos. O rei achou que era uma quantia exorbitante. Então ela queimou três livros na presença do rei atônito e reclamou o mesmo preço pelos seis restantes. Tarquínio não teve dúvidas sobre a insanidade mental da mulher. Esta queimou outros três livros, insistindo naquela mesma quantia. O rei não quis perder tudo e pagou o que ela exigia, agora só pelos três que sobravam.

<sup>6</sup> A "prima aetas", pela construção do discurso poético, só pode ser os "Saturnia regna" (v. 6), correspondendo à Idade de Ouro, ao passo que a "ultima aetas" é a do reino de Apolo (v. 10: *tuus iam regnat Apollo*), correspondendo à Idade de Ferro.

Este primeiro *saeculum* (de 100 anos, segundo uns; de 110, segundo outros, como se vê em Sêrvio) sucederá ao derradeiro, num movimento circular de eterno retorno.

O esquema insere-se na concepção da *στοιὰ ποικίλη* ateniense. Segundo o estoicismo, nada é deixado à mercê do acaso. Nada acontece de imprevisto ou desordenado. Tudo é organicidade perfeita e subordinação exemplar. O universo será destruído (*ἐκπίρωσις*) pelo seu núcleo plasmador e ordenador — o fogo. O grande Ano fecha seu ciclo para se reiniciar em eterno *continuum*, um número infinito de vezes (v. 5).

Virgílio, além do estoicismo, conhecia a filosofia pitagórica e neopitagórica dos ciclos dos astros, que passam e voltam sempre ao ponto inicial, impelidos pelo mesmo movimento.

As doutrinas astrológicas e divinatórias dos etruscos tinham igualmente por base este esquema de revolução circular em dez idades, ou "saecula". <sup>7</sup> Não é propriamente a Justiça, conforme Sêrvio diz na abertura do seu comentário a este verso, servindo de base a Filargírio e aos comentaristas subsequentes, inclusive aos modernos (apenas os escoliastas interpretaram astronômicamente o termo "Virgo").

É tal a unanimidade no erro que esse fato levou J. Carcopino, *op. laud.*, p. 134, a dizer hiperbolicamente que bastaria isso "para tirar todo valor ao argumento do consenso universal"! É manifesto não existir lógica em pensar que o poeta estava falando da Justiça, se vem dizendo que é a Idade de Ouro que virá implantá-la na humanidade. Mas acho exagerada a crítica radicalizante de Carcopino a estudiosos como Benoist, Goelzer, Cartault, Plessis e Lejay. Na mente de Virgílio poderia muito bem haver uma associação natural entre a volta dos "saturnia regna" (= Idade de Ouro) e a da Virgem (constelação), que ele menciona no mesmo verso 6 com o mesmo verbo em parataxe.

A *Virgo* pode ser Astréia ou *Δίκη*, que habitava na terra durante a Idade Áurea e voltou ao céu na Idade Férrea (Brônzea, diz Arato), tomando então o seu lugar entre as constelações do Zodíaco. Se Carcopino insiste na interpretação exclusivamente astronômica do verso ("Voici que revient la

*Iam redit et Virgo, redeunt Saturnia regna;  
iam noua progenies caelo demittitur alto.  
Tu modo nascenti puero, quo ferrea primum  
desinet ac toto surget gens aurea mundo,  
casta, faue, Lucina: tuus iam regnat Apollo. 10  
Teque adeo decus hoc aevi, te consule, inibit,*

Vierge' doit signifier 'Voici que la Vierge réapparaît'", *op. laud.*, p. 139) e mantém sua tese (cf. *Rev. des Études Lat.*, 1931, pp. 231-32), forçoso é admitir que "redeunt saturnia regna" significa o reaparecimento do planeta Saturno, o que obviamente não era intenção do poeta.

A Virgem Astréia ou a Justiça — *Δίκη* para os gregos — era filha do titã Astreu e da Aurora ou, segundo outra versão, de Júpiter e de Témis. No reinado de Saturno, ela desceu à terra e mofoou com os homens; porém, no reinado de Apolo, a humanidade foi decaindo em crimes hediondos, que tiveram por conseqüência: "Et Virgo caede madentes/ultima Caelestum terras Astraea reliquit" ("E, derradeira dos deuses celestes, abandonou as terras ensangüentadas de chacinhas" — Ovídio, *Metam.*, I, 149).

De volta ao céu, a Virgem passou a ocupar seu assento entre as constelações.

<sup>8</sup> A "noua progenies" (v. 7) é a dos homens da Idade de Ouro ("gens aurea", v. 9), não se referindo apenas a "nascenti puero" (v. 8), como defende G. Stegen, *Étude sur cinq Bucoliques de Virgile*, I. Namür, 1955, pp. 50 e 65.

<sup>9</sup> A deusa Lucina Genitalis, que presidia ao parto (cf. *Geörg.*, III, 60, e IV, 339), era invocada pelas mães (cf. Catulo, XXXIV, 13-14), tendo sidó confundida com a Luna, ou Diana, e também chamada de Juno Lucina (cf. Terêncio, *Adelf.*, III, 5, 41; Plauto, *Aulul.*, IV, 7, 11) e Diana Lucina. De *luce*-veio *Lucina*-, e daqui *Luna*, por síncope. A associação popular com a Lua deveu-se à influência das fases do planeta sobre a gestação e os partos.

Quanto à vinculação com Juno, sabe-se que os supercilios estavam sob a proteção desta deusa; daí, naturalmente, a relação com a luz que os olhos nos permitem ver.

Falta o apelativo Diana. Apolo era o deus da luz; por isso, é normal associá-los.

<sup>10</sup> É muito importante para a interpretação da *Buc.* IV a tradução deste "quo" (v. 8). Quando tem como antecedente um nome de pessoa, o pronome relativo não pode ser complemento agente da passiva. Desempenha na frase a função de adjunto adverbial de tempo durante o qual. Quer dizer que a *μετακόσμησις*, a mudança de ordem das coisas, será executada no tempo do menino, e não por seu comando; ele não será o agente de transformação do mundo, e sim coetâneo dela. Os ablativos absolutos dos vv. 11-12 esclarecem: "te consule" e "te duce" denotam uma relação de concomitância, e não de causa e efeito.

<sup>11</sup> H. Goelzer (*Virgile, Bucoliques*. Paris, Les Belles Lettres, 1924, p. 42) traduziu assim a expressão "et incipiente magni procedere menses" (v. 12): "e os meses do Grande Ano inaugurarão seus cursos". Sêrvio não interpretou corretamente "magni menses" e divagou para explicar que o poeta se refere à mudança de nome dos meses do calendário de "quintilis" e "sextilis" para "julho" e "agosto", em honra de César e Augusto, respectivamente. Filargírio, por sua vez, diz que a alusão é à reforma do calendário que alterou o número de meses de dez para doze.

Na verdade, a tradução de Goelzer capta o sentido profundo de meses do Grande Ano, que recebeu *ipso facto* a grandeza da nova e providencial Idade de Ouro.



começarão a suceder-se precisamente sob o teu consulado, ó Polião, sob o teu comando. Se alguns traços do nosso delito<sup>12</sup> permanecem, apagados livrarão as terras de um medo perpétuo. 15  
 Ele terá parte na vida dos deuses e verá os heróis misturados aos deuses, e ele próprio será visto entre eles<sup>13</sup> e, com as virtudes ancestrais<sup>14</sup>, regerá o orbe pacificado. Entretanto, menino, a terra produzirá para ti sem nenhum cultivo, como primeiras dádivas, as heras errantes por aqui e por 20 ali com o nardo e as colocásias misturadas ao ridente acanto.<sup>15</sup> As cabras, por si mesmas, trarão a casa os úberes cheios de leite, os rebanhos não temerão os enormes leões; o próprio berço produzirá para ti flores acariciantes<sup>16</sup>. E perecerá a serpente, e a erva enganadora do veneno perecerá; 25 por toda a parte nascerá o amomo assírio<sup>17</sup>. Mas quando já puderes ler os louvores dos heróis e os feitos do teu pai e conhecer o que é o valor, a campina aos poucos enlourecerá com a espiga ondulante, e a uva vermelha penderá dos espinhos incultos, e os duros 30 carvalhos destilarão mel em forma de orvalho.

<sup>12</sup> Os "sceleris uestigia nostri" (v. 13) são as guerras civis, no dizer de Sêrvio: "uestigia autem scelerum dicit bella ciuilia", que persistiam, embora houvesse todos os indícios de que o "grande incêndio" estava em extinção. A paz de Brindisi não podia acabar de vez com todo o cortejo de devastações e mortandade, tanto mais que Pompeu foi dela excluído e continuava sua luta pelo poder.

<sup>13</sup> Na Idade de Ouro os homens viviam em perfeita comunidade com os deuses, como eles: *ὡς τε θεοί δ' ἔζων ἀκηδέα θυμὸν ἔχοντες* (Hesíodo, *Trab. e Dias*, 112); e recebiam suas visitas domiciliares em pessoa e nas reuniões públicas, pois os mortais ainda não desprezavam a piedade:

*Praesentes namque ante domos inuisere castas  
 Heroum et sese mortali ostendere coetu  
 Caelicolae nondum spreta pietate solebant.*

(Catulo, LXIV, 384-6)

A subsequente descrição do modo de vida dos mortais na Idade de Ouro coincide, em traços gerais, com as de Hesíodo (*Trab. e Dias*, 109 sq.), Arato (*Fenôm.*, 104 sq.), Tibulo (I, eleg. 3, 35 sq.) e Ovídio (*Metam.*, I, 89 sq.).

<sup>14</sup> O herói desta *Buc.* não será o agente pacificador, mas sua vida irá decorrer num envolvimento com o "saeculum" de paz (vd. nota n.º 10, *supra*). Sabemos do papel desempenhado por Asínio Polião, ao lado de Mecenas e de Nerva, nas negociações que levaram à paz de Brindisi. O grande sonho do romano comum anunciava-se como realização imediata. Haveria finalmente a tão ansiada pacificação geral. E o filho esperado do cônsul Polião regerá o "pacatum orbem" pelas virtudes de seu pai (v. 17).

*Pollio, et incipient magni procedere menses  
 te duce. Si qua manent sceleris uestigia nostri,  
 inrita perpetua soluent formidine terras.  
 Ille deum uitam accipiet diuisque uidebit 15  
 permixtos heroas et ipse uidebitur illis  
 pacatumque reget patriis uirtutibus orbem.*

*At tibi prima, puer, nullo munuscula cultu  
 errantis hederas passim cum baccare tellus  
 mixtaque ridenti colocasia fundet acantho. 20  
 Ipsae lacte domum referent distenta capellae  
 ubera, nec magnos metuent armenta leones;  
 ipsa tibi blandos fundent cunabula flores.  
 Occidet et serpens, et fallax herba ueneni  
 occidet; Assyrium uolgo nascetur amomum. 25  
 At simul heroum laudes et facta parentis  
 iam legere et quae sit poteris cognoscere uirtus,  
 molli paulatim flauescet campus arista,  
 incultisque rubens pendebit sentibus uua,  
 et durae quercus sudabunt roscida mella. 30*

<sup>15</sup> A hera é uma planta trepadeira da família das araliáceas. Por ter folhas sempre verdes, foi consagrada a Baco, diz Festo; outros diziam que por prender-se a tudo em seu caminho, tal como Baco prende as mentes dos homens. A coroa, o tirso e o carro do deus eram ornados com heras, assim como todos os seus pertences. As Musas, os poetas e os heróis também tinham heras em suas coroas, ou por analogia do estado de inspiração com a embriaguez, ou, como a hera sempre virente, merecerem a eternidade com seus poemas e seus feitos, diz Sêrvio no comentário a *Buc.*, VII, 25.

Há certa imprecisão em identificar o *baccar*. Plínio, XII, 12, diz: "baccaris uocatur nardum rusticum". Mas em XXI, 6, afirma existir uma outra erva que os gregos chamam "asarum", a qual pode ser designada de "nardo rústico" com mais rigor que a primeira. Seja como for, parece tratar-se de uma planta herbácea da família das valerianáceas, de raiz intensamente odorífera, que os antigos empregavam para fazer unguentos, narcóticos e antídotos de feitiços (cf. *Buc.*, VII, 27-8). Seu perfume é parecido com o da caneleira.

A colocásia, inhamo ou fava do Egito, também tinha o nome latino de "cyamus", do grego *κύαμος*. É uma erva da família das aráceas, muito comum no Brasil, sobretudo as espécies dos gêneros *Alocasia* e *Colocasia*, caracterizadas por darem tubérculos comestíveis, muito nutritivos e saborosos. Das folhas bem entrelaçadas costumavam os egípcios fazer taças para beber, segundo narra Plínio no livro XXI, cap. 15.

Sobre o acanto, vd. nota n.º 23 à *Buc.* III.

<sup>16</sup> "Acariciantes" por sinestesia de cor, perfume e contato aveludado.

<sup>17</sup> Vd. nota n.º 49 à *Buc.* III.

Contudo, uns poucos vestígios da antiga malícia<sup>18</sup> subsistirão, os quais obrigarão a afrontar Tétis<sup>19</sup> com navios, a rodear as cidadelas de muralhas, a abrir sulcos na terra. Haverá então um segundo Tífis, e uma segunda Argo<sup>20</sup>, que transportará heróis escolhidos; haverá também 35 outras guerras e de novo o grande Aquiles será enviado contra Tróia. Em seguida, quando a idade já robusta tiver feito de ti um homem, até o próprio navegante se retirará do mar, e a nau de pinho não fará troca de mercadorias; toda a terra produzirá de tudo. 40 A gleba não suportará mais os ancinhos, a vinha a foice; também o robusto lavrador soltará então os touros dos jugos<sup>21</sup>; a lã não aprenderá mais a fingir cores diversas<sup>22</sup>, mas o próprio carneiro, nos prados, tomará em seus velos ora a cor suavemente púrpura do múrex, ora a amarela do açafraão; o escarlate 45 vestirá espontaneamente os cordeiros no pasto.

“Correi fiando tais séculos” — disseram aos seus fusos as Parcas<sup>23</sup> concordes com a vontade imutável dos fados. Ó querido rebento dos deuses, grande prolongamento de Júpiter<sup>24</sup>,

<sup>18</sup> Este verso e os seguintes intrigaram muito os comentadores. A permanência de alguns traços da antiga malícia (v. 31) e a eclosão de novas guerras (v. 35) integram-se no processo lento e gradual do retorno à Idade de Ouro. É a ἀποκατάστασις, lembrada por Sérvio, ou recondução ao lugar primitivo, especialmente dos astros em suas revoluções (caldeus), ou do doente ao estado original de saúde e bem-estar (gregos).

Os atrasos e até mesmo recuos na transformação das idades eram como que acidentes inevitáveis de percurso.

<sup>19</sup> Tétis é filha do Céu e de Vesta, irmã de Saturno, esposa do Oceano, mãe dos rios e das ninfas. Alguns mitólogos vêem Tétis como ninfa do mar, filha de Nereu e Dóris, casada com Peleu e mãe do herói Aquiles. Designa aqui metonimicamente o mar, como por exemplo em Catulo, LXVI, 70, Lucano, I, 413, e *Geórg.*, I, 31. Afrontar o oceano era violar a natureza em busca de vitórias bélicas e de riquezas (cf. *Geórg.*, II, 503).

<sup>20</sup> A nau Argo, construída na Tessália e pilotada por Tífis, conduziu Jasão e os “delectos heroas” à Cólquida para a conquista do Velo de ouro. Ajudado por Medeia, Jasão voltou para a Grécia trazendo o tão cobiçado troféu.

A deusa Minerva, inspiradora do feito, transferiu então a nau Argo para o céu, sob a forma de constelação (Higino, fábula XIV), por ter sido a primeira embarcação a enfrentar o mar proceloso. Quando desaparece, no 10.º dia das Calendas de outubro, seu ocaso significa o início das tempestades e da chuva (Columela, *De Re Rust.*, XI, 2). É uma constelação austral, habitualmente chamada de Navio ou Barca, e dividida em quatro sub-regiões: Carina (Proa), Puppis (Popa), Vela e Pyxis Náutica (Bússola).

É muito curiosa a explicação etimológica do Comentário dito de Probo a este v. 34 (p. 331 do *Appendix Seruiana*, ed. Hermanus Hagen, 1961). Diz ele que a nau Argo se denomina assim por causa da velocidade, pois Homero escreveu κίναξ ἄργος, i.e., “cães velozes”. Daí — prossegue o comentador

*Pauca tamen suberunt priscae uestigia fraudis,  
quae temptare Thetim ratibus, quae cingere muris  
oppida, quae iubeant telluri infindere sulcos.  
Alter erit tum Tiphys, et altera quae uehat Argo  
delectos heroas; erunt etiam altera bella,* 35  
*atque iterum ad Troiam magnus mittetur Achilles.*

*Hinc, ubi iam firmata uirum te fecerit aetas,  
cedet et ipse mari uector, nec nautica pinus  
mutabit merces; omnis feret omnia tellus.  
Non rastros patietur humus, non uinea falcem;* 40  
*robustus quoque iam tauris iuga soluet arator;  
nec uarios discet mentiri lana colores,  
ipse sed in pratis aries iam suaue rubenti  
murice, iam croceo mutabit uellera luto;* 45  
*sponte sua sandyx pascentis uestiet agnos.*

*“Talia saecla” suis dixerunt “currite” fusis  
concordes stabili fatorum numine Parcae.  
Adgredere o magnos (aderit iam tempus) honores,*

— o termo “arguti” para os que falam muito e velozmente, como em *Geórg.*, I, 337: *arguta hirundo*, “gárrula andorinha”.

<sup>21</sup> Lucrécio, *De Rer. Nat.*, v. 930: “Nec robustus erat curui moderator aratri”. Virgílio imita o poeta epicúreo, mas numa perspectiva oposta. Numa Idade de Ouro que há muito passou, Lucrécio nega o que o Mantuano afirma ir acontecer na Idade de Ouro anunciada.

<sup>22</sup> A lã não mais enganará, pois, quando tingida, adquire tons e cores que não são os seus naturais.

<sup>23</sup> Cf. Catulo, LXIV, 327-8: “Sed uos, quae fata secuntur/currite ducentes sub tegmina, currite, fusi”, e Horácio, *Carmen Saeculare*, 25: “uosque ueraces cecinisse Parcae, /quod semel dictum stabilis per aeuum /terminus seruet, bona iam peractis/iungite fata”.

As três Parcas — Cloto, Láquesis e Atropos — são filhas de Herebo e da Noite (Cícero, *De Nat. Deor.*, III, 17). Também são chamadas de “Fata” (*Moipai*). Destino. Presidiam à vida dos mortais, desde o nascimento. Cloto fiava o fio da vida, Láquesis estabelecia a sorte e a forma de vida de cada homem, e Atropos cortava o fio. A primeira assistia ao parto, a segunda ao curso da vida, e a terceira à morte.

Sérvio, em seu comentário a *Enéida*, I, 22, dá outra interpretação de suas tarefas: “uma fala, outra escreve e a última fia” (ed. de Thilo, vol. I, p. 20), acrescentando, na p. 21: “dictae sunt parcae κατά ἀντίφρασιν, quod nulli parcant...”

<sup>24</sup> Segundo J. Carcopino, *op. laud.*, pp. 87-92, “cara deum soboles, magnum Iouis incrementum” (v. 49) denuncia a concepção pitagórica de divindade que impregna todo o poema. Uma nova geração vai descer do céu à terra (“Iam noua progenies caelo demittitur alto”, v. 7, traduzido e inserido por Dante na Divina Comédia, *Purg.*, XXII, 72: “E progenie discende dal ciel nuoua”). Ela traz a centelha divina que irá derramar-se pela terra dos homens.

ascende (já será tempo) às grandes honras<sup>25</sup>!  
 Olha o mundo que balança com sua massa convexa<sup>26</sup> 50  
 e as terras e as extensões marinhas e o céu profundo; olha  
 como todas as coisas se alegram com o século que está chegando.  
 Oh! que então a última parte de uma longa vida se prolongue  
 para mim, e o alento me seja suficiente para dizer teus feitos<sup>27</sup>!  
 Não me venceria com seus cantos nem o trácio Orfeu, nem 55  
 Lino<sup>28</sup>, embora a mãe assista àquele e o pai  
 a este, Calíope a Orfeu, a Lino o formoso Apolo.  
 Até mesmo Pã, se me desafiasse, com a Arcádia por juiz<sup>29</sup>,  
 o próprio Pã se declararia vencido, sendo juiz a Arcádia.

Nesse sentido, o poeta elaborou o verso espondáico (49) carregando-o de solenidade para saudar o menino, filho de um cônsul, que anuncia a nova Idade.

<sup>25</sup> As "grandes honras" são as do "cursus honorum": pretura, questura, edilidade e consulado. O menino nasce, cresce, atinge a maturidade de homem público.

<sup>26</sup> Os comentadores antigos e os estudiosos modernos têm aventado algumas hipóteses de interpretação deste v. 50. *A priori*, o poeta parece reportar-se à mecânica celeste mais considerada pelos doutores de sua época, ou melhor, aos dois sistemas cosmológicos mais creditados: o pitagórico e o platônico.

Ensinava o primeiro que o universo está submetido a um movimento eterno regular e contínuo; de acordo com o segundo, que foi ilustrado por Arquimedes, a mecânica celeste segue as leis do movimento da esfera girando continuamente sobre si mesma. Carcopino, *op. laud.*, pp. 45, 48 e 49, defende a presença, neste passo da *Buc.*, da primeira concepção. Esse verso 50, "que tanto desconcertou os escoliastas e que não cessa de embarçar os filólogos modernos", supõe e anuncia o movimento perpétuo dos astros que sempre retornam ao ponto de partida (*ἀποκατάστασις*). "Virgílio apropriou-se dela [da cosmologia pitagórica de Filolau], como mais tarde Ovídio a atribuirá ao próprio Pitágoras, quer no discurso, inspirado nos escritos da seita, que lhe atribui no Livro XV das *Metamorfoses*:"

*Omnia mutantur, nihil interit: errat et illinc  
 Huc uenit, hinc illuc et quoslibet occupat artus  
 Spiritus...  
 ... cum sint huc forsitan illa  
 Haec translata illuc, summa tamen omnia constant  
 ... sic ad ferrum uenistis ab auro  
 Saecula...;*

quer no elogio que ele compôs do Mestre, como do Super-homem que, num esvoaçar de seu pensamento, alcançou os deuses e revelou a seus discípulos os mistérios do mundo, o que é Deus, o que é a Natureza, e a lei em virtude da qual os astros vão e vêm no céu:

*Mente deos adiit et quae natura negabat  
 Vsibus humanis oculis ea pectoris hausit  
 Et rerum causas et quid natura docebat,  
 Quid Deus...;*

*Quid quateret terras, qua sidera lege mearent.  
 (Ovídio, *Metam.*, XV, 165-7; 63-4; 68-9; 71)*

*cara deum soboles, magnus Iouis incrementum!  
 Aspice conuexo nutantem pondere mundum, 50  
 terrasque tractusque maris caelumque profundum;  
 aspice uenturo laetantur ut omnia saeclo.  
 O mihi tum longae maneat pars ultima uitae,  
 spiritus et quantum sat erit tua dicere facta!  
 Non me carminibus uincat nec Thracius Orpheus, 55  
 nec Linus mater quamuis atque huic pater adsit,  
 Orphei Calliopea, Lino formosus Apollo.  
 Pan etiam Arcadia mecum si iudice certet,  
 Pan etiam Arcadia dicat se iudice uictum.*

O nascimento da criança predestinada a reger o orbe pacificado coincidiria com aquele momento exato de inversão de sentido da revolução da esfera.

Não obstante, o significado preciso de "mutantem" não se coaduna com a idéia de "estabilidade no movimento" que ambas as concepções, sobretudo a pitagórica, pressupõem. "Nuto" é um verbo iterativo do desusado "nuo", que tem em Plauto (*Asin.*, IV, 1, 39; *Mil.*, II, 2, 52) e Horácio (*Sát.*, I, 9, 64) a significação de "acessar com a cabeça" (daí a expressão "ad nutum" e o verbo português "anuir", que o *Novo Dicionário Aurélio* diz provir de *annuere*, o que não é exato. A idéia básica é a de "balançar", "vacilar", "agitar-se", muito embora em Tácito signifique, na expressão "nutans machinamentum" (*Hist.*, IV, 30B), "máquina em posição de equilíbrio".

A proposta de Saint-Denis, *op. laud.*, pp. 119-20, parece a solução mais simples, retornar a Sêrvio: "O mundo vacila sob os males presentes, rejubila com os bens vindouros", corrigindo-o. "No momento crítico (nascimento do menino), o mundo está em suspenso, trepidante na expectativa, que logo dá lugar à exultação (*laetantur*, v. 52)."

<sup>27</sup> Clara reminiscência hesiódica:

*Μηκέτ'ἔπειτ'ὠφέλλον ἐγὼ πέμπτοισι μετεῖναι  
 ἀνδράσιν, ἀλλ'ἢ πρόσθε θανεῖν ἢ ἔπειτα γενέσθαι.*

Hesíodo é pessimista. Não deseja viver na quinta raça: preferia ter morrido antes ou nascido depois. Virgílio quer viver o máximo para cantar as façanhas do seu herói, e vê o futuro imbuído de esperança e confiança na era de paz e harmonia universais.

<sup>28</sup> Lino é filho de Apolo e Terpsícore, e foi um genial tocador de lira. Teve como discípulos, entre outros, Orfeu, Tamira e Hércules. Este matou-o com a cítara e o plectro, quando de uma admoestação mais severa do mestre.

Outra versão diz que Lino é filho de Mercúrio e da Musa Urânia, nascido em Tebas, poeta que escreveu sobre a origem do mundo, o curso do sol e da lua, a geração dos animais e das plantas. Teria sido imitado por Anaxágoras na teoria de que todos os seres nasceram ao mesmo tempo (fixismo). Morreu na ilha de Eubéia, traspassado por uma seta de Apolo.

Há ainda outra versão, dando-o como introdutor na Grécia do alfabeto fenício.

Sobre Orfeu, filho de Apolo e Calíope, vd. nota n.º 24 à *Buc.* III.

Começa, menininho, a conhecer a mãe por seu sorriso (à tua mãe, dez meses trouxeram longos enjôos)<sup>30</sup>; começa, menininho: aquele a quem os pais não sorriram, nem um deus o julgou digno de sua mesa, nem uma deusa, de seu leito<sup>31</sup>.

*Incipe, parue puer, risu cognoscere matrem  
(matri longa decem tulerunt fastidia menses);  
incipe, parue puer: cui non risere parentes,  
nec deus hunc mensa, dea nec dignata cubili est.*

<sup>29</sup> Os árcades, habitantes de Arcádia no Peloponeso, dedicavam-se à pastorícia e, por isso, cultuavam a Pã, deus dos rebanhos e pastores originário dessa região. O poeta, eufórico, sente-se capaz de sustentar e vencer qualquer desafio, até mesmo se o juiz fosse "da casa", isto é, suspeito de parcialidade contra ele.

<sup>30</sup> O poeta vai encerrar seu canto em honra do descendente de Polião que virá com o dealbar de uma nova era. Asínio Polião governou a Dalmácia residindo em Salona, cidade romanizada. Entretanto, nascia-lhe em Roma um filho, ao qual foi dado o cognome de Salonino. Talvez por isso o poeta mencione apenas a mãe e sua gravidez de dez meses (siderais, de 27 dias e meio cada um — O. Neugebauer, "Decem tulerunt...", in *American Jour-*

*nal of Philology*, 1963, pp. 64-5; dez meses lunares, equivalentes a 280 dias solares — J. Perret, *op. laud.*, p. 55).

<sup>31</sup> Alusão a Vulcano, rejeitado por seus pais, Júpiter e Juno, por causa de sua deformidade. O pai precipitou-o do Olimpo para a ilha de Lemnos. Ali teria sido acolhido e alimentado pelos sítios; porém, como se dedicasse à arte de ferreiro e fabricasse os raios para Júpiter, não foi admitido à mesa dos deuses. Minerva também o desprezou, não o admitindo em seu leito; repellido, veio a casar com Vênus.

O poeta deve ter presente, entre outros, o caso de Ganimedes, escanção de Zeus, bem como o de Anquises, recebido por Afrodite em seu tálamo.

#### ARGUMENTO DA BUCÓLICA V

Mais um diálogo de pastores. Menalcas e Mopso trocam elogios sobre arte poética e vão demonstrar esse talento cantando seus versos no recôncavo engalanado de verde de uma gruta (vv. 1-19). Enquanto os cabritos vão nascendo, canta Mopso, em longo trecho, a morte de Dáfnis e a comoção da natureza emudecida e paralisada (vv. 20-44). Menalcas felicita o companheiro e enaltece Dáfnis até aos astros, associando-se à dor universal (vv. 45-55). É a vez deste pastor responder com um trecho da mesma extensão, cantando a apoteose de Dáfnis e o júbilo por ela causado (vv. 56-80). Mopso retribui as felicitações do amigo por seu talento, e os dois trocam presentes (vv. 81-90).



APOLO e DÁFNIS  
(desenho de Dürer)

## BUCÓLICA QUINTA

MENALCAS

Mopso, visto que nos reunimos, ambos hábeis, tu em soprar nas flautas leves, eu em recitar versos<sup>1</sup>, por que não nos sentamos aqui entre os olmos misturados com aveleiras<sup>2</sup>?

MOPSO

Tu és o mais velho: é justo que eu te obedeça, Menalcas, quer penetremos nas sombras incertas devido aos zéfiros que as movem, quer antes na gruta. Vê como a videira silvestre cobriu a gruta de cachos esparsos.

MENALCAS

Em nossos montes só Amintas te desafia.

MOPSO

Que admiração, se ele desafiasse o próprio Febo para vencê-lo [cantando<sup>3</sup>?

<sup>1</sup> Não se trata de mais um canto ao desafio, como na *Buc.* III. Agora um dos pastores (Mopso) é músico, e o outro é poeta (Menalcas), o que não tem grande importância, porquanto ambos declamam seu poema.

A *Buc.* tem forma dramática, é um diálogo. O canto amebou existe de fato, mas em tom muito diferente do da terceira. Não são dísticos em grupos de quatro versos improvisados; são trechos longos, elaborados, visando o mero prazer de recitar, sem compromissos de apostas e árbitro para decidir um vencedor.

Adiante, no v. 14, foi Mopso quem gravou, escreveu e cantou *alternadamente* os seus versos na casca de uma faia.

<sup>2</sup> O cenário não parece siciliano, não obstante a figura central (Dáfnis) pertencer à mitologia e ao folclore da Sicília. A paisagem tanto pode ser man-

## BVCOLICA

V

MENALCAS

*Cur non, Mopse, boni quoniam conuenimus ambo  
tu calamos inflare leuis, ego dicere uersus,  
hic corylis mixtas inter consedimus ulmos?*

MOPSVS

*Tu maior; tibi me est aequom parere, Menalca,  
siue sub incertas Zephyris motantibus umbras,  
siue antro potius succedimus. Aspice ut antrum  
siluestris raris sparsit labrusca racemis.*

MENALCAS

*Montibus in nostris solus tibi certat Amyntas.*

MOPSVS

*Quid, si idem certet Phoebum superare canendo?*

tuana, cisalpina, como daquela ilha. Os animais e as plantas são, na maioria, comuns aos poemas de Virgílio e Teócrito. Mas são referidos alguns exclusivos do Mantuano: javali e peixes do rio; aveleiras, aveias estéreis, joio, cardo, paliúro e tomilho.

<sup>3</sup> Os dois pastores-poetas trocam amabilidades, elogiando-se mutuamente. Amintas, diz Menalcas, é o único rival do companheiro nas cercanias. Porém, Mopso não recebeu muito bem o encômio, respondendo com ironia: "Pudera; Amintas, em sua insolência, até quer competir com o próprio Febo!", e aceita o desafio (v. 15), ao que Menalcas responde de modo a tranquilizar seu companheiro, mediante comparações rústicas muito elegantes (vv. 16-8). Cartault, *op. laud.*, p. 152, nota 1, lembra bem: "O que rivaliza com o deus protetor de sua arte é geralmente punido por isso; cf. Marsias, Tamiaras e as Musas, Miseno e Tritão, etc."

MENALCAS

Começa tu primeiro, Mopso, se tens alguns amores de  
Fílides ou louvores de Alcão ou contestações de Codro<sup>4</sup>;  
começa; Títiro<sup>5</sup> guardará os cabritos que pastam. 10

MOPSO

Antes vou experimentar estes versos que há pouco gravei  
na verde casca de uma faia, escrevendo e cantando  
alternadamente; ordena depois que Amintas contenda [comigo]. 15

MENALCAS

A meu juízo, Amintas tanto fica atrás de ti quanto  
o flexível vimeiro fica da pálida oliveira,  
o nardo<sup>6</sup> humilde das roseiras cor-de-púrpura. Mas  
deixa as demais coisas, moço; entramos na gruta.

MOPSO

As Ninfas choravam Dáfnis<sup>7</sup>, vítima de morte cruel<sup>8</sup> (vós,  
aveleiras e rios, sois testemunhas<sup>9</sup> da dor das Ninfas), 20

<sup>4</sup> A sugestão de temas feita por Menalcas a Mopso parece-me constituir um conselho de mais velho ao novato poeta, que precisa de caminho aberto para exercitar a veia da inspiração. E quiçá estimulá-lo para cantar temas da poesia tradicional. O jovem aceita o convite mas, delicadamente ("immo haec... carmina", vv. 13-4), prefere cantar os versos que há pouco gravou na casca duma árvore.

Fílides era princesa da Trácia e suicidou-se no mar por desgosto amoroso. Alcão, de sangue real, matou com uma flecha uma serpente que se enroscara numa criança. Codro foi o último rei de Atenas; tendo dito o oráculo que seria vencedor o povo cujo rei fosse morto, disfarçou-se de campônio e deixou que um soldado inimigo o matasse.

Baseados nos vv. 22 e 26 da sétima *Buc.*, no comentário de Sérvio e nos Escólios de Verona a *Buc.*, VII, 22, muitos estudiosos vêem em Codro um poeta contemporâneo de Virgílio.

<sup>5</sup> Títiro, este sim, é um simples pastor ou auxiliar de Mopso.

<sup>6</sup> O vimeiro, ou salgueiro, é um arbusto da família das salicáceas, de folhas delgadas, longos e flexíveis ramos (vimes), que servem para a confecção de cestas e outros objetos entrançados para uso rural.

MENALCAS

*Incipe, Mopse, prior, si quos aut Phyllidis ignis  
aut Alconis habes laudes aut iurgia Codri;  
incipe; pascentis seruabit Tityrus haedos.* 10

MOPSVS

*Immo haec in uiridi nuper quae cortice fagi  
carmina descripsi et modulans alterna notauit,  
experiar: tu deinde iubeto certet Amyntas.* 15

MENALCAS

*Lenta salix quantum pallenti cedit oliuae,  
puniceis humilis quantum saliuunca rosetis,  
iudicio nostro tantum tibi cedit Amyntas.  
Sed tu desine plura, puer; successimus antro.*

MOPSVS

*Exstinctum Nymphae crudeli funere Daphnim  
flebant (uos coryli testes et flumina Nymphis),* 20

A oliveira recebeu o epíteto de "pálida" (*pallens*) devido à cor da folhagem; nos olivais domina absolutamente o tom cinza.

Quanto ao nardo, vd. nota n.º 15, à *Buc.* IV.

<sup>7</sup> Mopso canta a morte de Dáfnis em 25 versos. Menalcas irá responder (vv. 56-80) com outros tantos, cantando a apoteose do mesmo personagem. Notáveis trechos de poesia de cunho retórico, embora mantendo o cenário, as imagens e as "realidades rústicas", como convém à pastoral.

A lenda de Dáfnis revestiu muitas formas antes de apresentada por Teócrito no idílio I. O canto de Mopso eleva-se aqui a um gênero parecido com o treno, no qual o herói ocupa o lugar proeminente.

<sup>8</sup> A expressão "crudeli funere" (v. 20) serviu a muitos comentadores para afirmarem ser uma alusão ao assassinio de Júlio César nos Idos de março.

<sup>9</sup> A personificação dos rios, plantas, montes, bosques e animais é comum na poesia de todas as épocas. Sem querer, evoco o mundo rústico onde surgiram os primeiros cantares de amigo da literatura portuguesa. Eram solilóquios em que as graças donzelas pediam novas do amigo ausente no "fossado" às ondas do mar de Vigo, aos cervos do monte ou às avezinhas dos bosques, e convidavam as aveléiras floridas, a sombra dos pinheiros e as fontes de água cristalina a serem testemunhas de suas mágoas. Na Finlândia, em recuadas eras, floresceu um lirismo semelhante ao galaico-português.

quando a mãe, abraçando o corpo miserando do seu filho,  
 chama de cruéis os deuses e os astros. Naqueles dias, ó Dáfnis,  
 ninguém levou os bois saídos do pasto aos frescos rios; 25  
 nenhum quadrúpede provou água ou tocou erva do prado.  
 Dáfnis, até os leões púnicos<sup>10</sup> gemeram da tua morte<sup>11</sup>,  
 dizem os montes selvagens e os bosques. Dáfnis também  
 nos ensinou a atrelar ao carro os tigres armênios<sup>12</sup>;  
 Dáfnis nos ensinou a conduzir os tiasos de Baco  
 e a cobrir os tirso flexíveis de folhas macias<sup>13</sup>. 30  
 Assim como a vide é ornamento para as árvores, a uva  
 para as vides, os touros para as manadas, as searas para os  
 férteis campos, assim também tu és todo o ornamento para os  
 teus<sup>14</sup>. Depois que os fados te levaram, a própria Pales e  
 o próprio Apolo<sup>15</sup> deixaram os campos. O joio infecundo e 35

<sup>10</sup> Os "poeni leones" eram afamados por sua ferocidade. Esse conceito estava na mente de Virgílio ao empregar o símile do leão rugidor quando é atingido pela arma do caçador nos campos cartagineses, para acentuar a fúria de Turno, capitão dos rútuos (*Enéida*, XII, 4-8):

"... Poenorum qualis in aruis  
 saucius ille graui uenantem uolnere pectus  
 tum demum mouet arma leo gaudetque comantis  
 excutiens cervice toros fixunq; latronis  
 impaudus frangit telum et fremit ore cruento."

Porém, o adjetivo pode também ser uma hipérbole: a dor da Natureza foi tão intensa que foi ressentida até na África.

<sup>11</sup> Nestes versos carregados de espondeus, perpassa a profunda tristeza que tomou conta do mundo animal. Mesmo que Dáfnis não seja figuração de César, no subconsciente do poeta pode bem estar a lenda de que os cavalos com que o general das Gálias atravessou o Rubicão e por ele consagrados aos deuses passaram a rejeitar a comida e a bebida quando foi assassinado.

Cartault, *op. laud.*, p. 156, vê erudição e arte na disposição gradativa dos seres que sentiram a morte de Dáfnis: homens, animais domésticos, feras, montes e florestas — do mais ao menos sensível. O sábio virgilianista não mencionou o que me parece abrir e fechar como que um círculo envolvente do processo gradativo à escala cósmica: ninfas, homens (boiadeiros), animais domésticos, feras, montes selvagens, bosques e... nós, os pastores, a quem Dáfnis ensinou a atrelar os tigres ao carro de Baco, a conduzir os tiasos e a cobrir os tirso flexíveis de folhas macias.

No ídílio I de Teócrito, principal fonte desta *Buc.*, Tírsis, v. 70 sq., convida, no refrão, as ninfas a iniciarem o canto bucólico à morte de Dáfnis. Diz que o choraram os chacais, os lobos e o leão; que o lamentaram vacas e touros, novilhas e bezerras; que vieram Hermes, boiadeiros, pastores de ovelhas e de cabras, e finalmente a bela Cípris, a quem Dáfnis dirige a palavra em primeiro lugar.

*cum complexa sui corpus miserabile nati  
 atque deos atque astra uocat crudelia mater.  
 Non ulli pastos illis egere diebus  
 frigida, Daphni, boues ad flumina: nulla neque amnem 25  
 libauit quadrupes, nec graminis attigit herbam.  
 Daphni, tuom Poenos etiam ingemuisse leones  
 interitum montesque feri siluaeque loquentur.  
 Daphnis et Armenias curru subiungere tigris  
 instituit; Daphnis thiasos inducere Bacchi, 30  
 et foliis lentas intexere mollibus hastas.  
 Vitis ut arboribus decori est, ut uitibus, uuae.  
 ut gregibus tauri, segetes ut pinguibus aruis,  
 tu decus omne tuis. Postquam te fata tulerunt,  
 ipsa Pales agros atque ipse reliquit Apollo. 35*

<sup>12</sup> Nos Κῶμαι ou festejos em honra de Baco, o carro do deus era puxado por tigres (cf. *Enéida*, VI, 805; Horácio, *Odes*, III, 5, 13; Ovídio, *Amores*, III, 2, 48, e *Heróides*, II, 80). A Armênia era famosa pela abundância desse felino.

<sup>13</sup> O *thiasos* (vd. a representação do "pintor de Cleófrades" na magnífica ânfora de Munique) era uma dança em honra de Baco (Liber) nas festas denominadas "Liberalia" segundo Sérvio, embora sem inteiro rigor, pois tal designação era dada aos sacrifícios de Baco celebrados no dia XVI das Calendas de abril (cf. Ovídio, *Fastos*, III, 713), ou aos espetáculos, os também chamados "Ludi Liberales".

O tirso era um bastão ornado com heras e pâmpanos e terminado em forma de pinha que Baco empunhava como cetro e as Bacantes levavam nas festas dionisíacas.

<sup>14</sup> Quatro símiles de sabor autenticamente rústico, a corroborar o cunho bucólico do tema, que faz do fabuloso Dáfnis o introdutor do culto báquico no mundo dos pastores.

<sup>15</sup> Pales era deusa dos pastores, dos pastos e rebanhos. Uns identificam-na com Vesta, outros com a própria mãe dos deuses. De qualquer modo, não deve confundir-se com Palas, à qual os romanos chamavam Minerva. O monte Palatino estava sob a proteção de Pales, a quem os latinos sacrificavam nas festas "Palilia", celebradas no XI dia das Calendas de maio, coincidindo com o aniversário da fundação lendária de Roma.

Devido a uma clara associação, o Apolo aqui mencionado é que tem o epíteto de Νόμος, dos pastos. A razão desse epíteto está no episódio de o deus haver pastoreado os rebanhos de Admeto, rei da Tessália, por motivos não concordantes nas versões conhecidas, que têm por base o amor de Alceste, esposa do rei (cf. Eurípides, *Alceste*, *passim*).

Os vv. 34-5, como bem recorda Cartault, *op. laud.*, p. 156, constituem uma "transição que prepara a antítese entre o esplendor da natureza durante a vida de Dáfnis e sua desolação após a morte do herói".



as estéreis aveias<sup>16</sup> nascem nos sulcos aos quais muitas vezes confiamos gradas cevadas<sup>17</sup>; em lugar da violeta delicada, em lugar do purpúreo narciso, surgem o cardo e o paliúro<sup>18</sup> de acerados espinhos. Juncai de folhas o chão, ponde sombras às fontes<sup>19</sup> ó pastores (Dáfnis ordena que tais coisas lhe façam), erguei um túmulo e, sobre o túmulo, gravai estes versos:

NOS BOSQUES EU [FUI] DAFNIS, FAMOSO  
DAQUI ATÉ AOS ASTROS<sup>20</sup>, GUARDADOR DE UM BELO  
REBANHO, EU PRÓPRIO MAIS BELO AINDA<sup>21</sup>.

#### MENALCAS

Teu canto, divino poeta, é para mim como o sono na erva 45  
para os cansados, como matar a sede, no calor, em um rio

<sup>16</sup> O "infelix lolium" (*Lolium temulentum*) e a "sterilis auena" (*Auena fulta*) são gramíneas que sufocam os cereais (cf. *Geórg.*, I, 154). Da última também existe uma espécie útil (*Auena sativa*) que dá sementes ricas em substâncias nutritivas utilizadas como alimento para homens e animais, cuja sementeira é ensinada em Columela, II, 11. Júnio Filargírio, *op. laud.*, p. 97, faz-se eco da crença popular de que fica cego quem comer joio; daí o adjetivo "infelix".

Em *Musa Alentejana*, p. 16, diz o conde de Monsaraz:

*E, quando caia o trigo na mó da azenha,  
não seja o caso que às vezes tenha  
joio ou mistura de grãos de aveia.*

<sup>17</sup> A cevada (*Hordeum vulgare*) pertence à família das gramíneas. Neste verso, Virgílio empregou a expressão "grandia hordea" por sinédoque, pois quer designar todos os cereais, principalmente o trigo e a espelta (cf. *Buc.*, III, 90, e *Geórg.*, I, 210, em cujos comentários Sérvio cita a repreensão feita ao poeta por Bávio e Mévio, por ele dizer "hordea" no plural, em vez de "trítica" — vd. nota n.º 50 à *Buc.* III).

<sup>18</sup> A violeta é nome de flor simbólica das virtudes humanas por, sendo pequenina e humilde, escondida entre as demais ervas e flores, recender suaves e agradabilíssimas fragrâncias.

O narciso é uma erva bolbosa, da família das amarilidáceas, de folhas longas e estreitas, flores grandes, alvas, perfumadas e solitárias, com grande efeito ornamental. O seu étimo está relacionado com *νάρκη*, "torpor", porque o seu forte odor produz uma sensação entorpecente (cf. Plínio, XXI, 5 e 19). Daí proviria o termo "narcótico". Ovídio, *Metam.*, III, 407 sq., narra a fábula de Narciso, jovem formoso, filho de Céfiso e da ninfa Liriope, que um dia, contemplando sua imagem refletida no espelho das águas, foi tomado por um sentimento autolátrico de embevecimento, convertendo-se na flor que até hoje conserva o seu nome.

O cardo é uma planta da família das compostas, de folhas com espinhos e acinentadas e caule ereto, revestido de pêlos. É considerado pelos agricultores uma das maiores pragas das lavras.

*Grandia saepe quibus mandauimus hordea sulcis,  
infelix lolium et steriles nascuntur auenae;  
pro molli uiola, pro purpureo narcisso  
carduos et spinis surgit paliurus acutis.  
Spargite humum foliis, inducite fontibus umbras,  
pastores (mandat fieri sibi talia Daphnis),  
et tumulum facite, et tumulo superaddite carmen:  
DAPHNIS EGO IN SILVIS HINC VSQUE AD SIDERA NOTVS  
FORMOSI PECORIS CVSTOS FORMOSIOR IPSE.*

#### MENALCAS

Tale tuom carmen nobis, diuine poeta, 45  
quale sopor fessis in gramine, quale per aestum

O paliúro, também chamado entre nós de espinho-de-Cristo, é uma arvoretta espinhosa, da família das ramnáceas.

<sup>19</sup> Cobrir o chão de folhagem, plantar árvores em volta das fontes, levantar um túmulo e neste gravar seu epitáfio é a derradeira vontade e a máxima homenagem que o defunto, em patético apelo, pede aos pastores para executarem. As almas dos heróis habitam as fontes e os bosques, comenta Sérvio. O maravilhoso rústico, em minha opinião, encontra aqui seu ponto culminante, na união do mito à realidade.

<sup>20</sup> A expressão "ad sidera" é hiperbólica e muito empregada na literatura latina (cf. Propércio, III, 1, 57; Marcial, VIII, 36 e IX, 62; *Buc.*, IX, 29, Calpúrnio, III, 42).

Na *Buc.* IX, Lícidas repete alguns versos do espoliado Menalcas, aludindo ao "astrum Caesaris" (v. 47). Não creio que a interrogação de Saint-Denis quanto a uma hipotética alusão ao "Sidus Iulium" neste passo da *Buc.* V tenha razão de ser, dada a trivialidade que ele mesmo reconhece à expressão "ad sidera", logo adiante retomada (v. 62) e equivalente a "ad astra" (v. 51).

O "astro de César" foi um cometa que apareceu nos céus da Itália quando se celebravam os jogos fúnebres em honra do general. Sobre ele, Sérvio apresenta um comentário interessante: "Bébio Macer diz que, cerca da oitava hora, surgiu uma enorme estrela, coroada de raios como se fossem fitas. Acreditavam alguns que ela vinha ilustrar a glória do jovem César, que pretendeu ser a alma de seu pai, levantando-lhe no Capitólio uma estátua com uma estrela de ouro sobre a cabeça: foi escrito na base 'A César Emitu'. Mas o arúspice de Vulcano disse numa assembléia tratar-se de um cometa, que significaria o término do século nono e a entrada do décimo; porém, como pronunciasse, contra a vontade dos deuses, os segredos dos acontecimentos, imediatamente iria morrer: e nem havia ainda concluído o discurso quando tombou em plena assembléia. Augusto incluiu também isso no livro segundo das memórias da sua vida..."

<sup>21</sup> Um dos traços comuns às diversas lendas sobre Dáfnis consiste na beleza física, transbordante de sua juventude. Isso atraía-lhe o amor das Ninfas, que sempre lhe proibiam o comércio com outras mulheres.

saltitante de água doce<sup>22</sup>. Não somente igualas o mestre<sup>23</sup> na flauta, mas também na voz; afortunado moço, agora tu serás o segundo depois dele<sup>24</sup>. Entretanto, dir-te-ei, por minha vez, estes meus versos de qualquer maneira<sup>25</sup>, e elevarei o teu Dáfnis até aos astros; Dáfnis até aos astros levarei<sup>26</sup>: também Dáfnis me amou. 50

#### MOPSO

Existe, acaso, para nós algo maior do que tal dom? E o próprio jovem foi digno de ser cantado, e há já muito tempo que Stimicão<sup>27</sup> me elogiou esses teus versos. 55

#### MENALCAS

O cândido Dáfnis contempla maravilhado o limiar insólito do Olimpo e, a seus pés, vê as nuvens e os astros. Portanto, um alegre prazer domina os bosques e o resto dos campos, e Pã e os pastores e as jovens Dríades<sup>28</sup>. Nem o lobo arma ciladas ao rebanho, nem redes algumas tramam engano aos cervos: o bom Dáfnis ama a paz. Os próprios montes cobertos de mato lançam aos astros gritos de alegria; os próprios rochedos entoam versos, até os arbustos repercutem: “Um deus, ele é um deus, Menalcas!”<sup>29</sup> 60

<sup>22</sup> Menalcas elogia o trecho de Mopso empregando imagens gratíssimas ao homem do campo, agrado esse bem visível na quadra popular no Norte de Portugal:

*É um regalo na vida  
à beira d'água morar:  
quem tem sede vai beber,  
quem tem calma vai nadar.*

O rústico, esfalfado pelas lides da lavoura ou do pastoreio do rebanho, nada aprecia mais do que matar a sede com água fresca e estirar-se numa boa sombra.

No texto latino, é manifesta a intenção dos sonidos aliterantes: “sopor fessis” (v. 46) e “saliente sitim” (v. 47).

<sup>23</sup> O “mestre” só pode ser Dáfnis, pastor e tocador de flauta, conforme se vê no verso 51.

<sup>24</sup> “Dáfnis morreu. Serás o seu sucessor, pelo virtuosismo da tua arte.”

<sup>25</sup> Depois do encômio à arte do companheiro, a modéstia elegante do pastor é muito natural.

*dulcis aquae saliente sitim restinguere riuo.  
Nec calamis solum aequiperas, sed uoce magistrum;  
fortunate puer, tu nunc eris alter ab illo.  
Nos tamen haec quocumque modo tibi nostra uicissim 50  
dicemus, Daphnimque tuom tollemus ad astra;  
Daphnim ad astra feremus: amauit nos quoque Daphnis.*

#### MOPSVS

*An quicquam nobis tali sit munere maius?  
Et puer ipse fuit cantari dignus, et ista  
iam pridem Stimichon laudauit carmina nobis. 55*

#### MENALCAS

*Candidus insuetum miratur limen Olympi  
sub pedibusque uidet nubes et sidera Daphnis.  
Ergo alacris siluas et cetera rura uoluptas  
Panaque pastoresque tenet Dryadasque puellas. 60  
Nec lupus insidias pecori, nec retia ceruis  
ulla dolum meditantur: amat bonus otia Daphnis.  
Ipsi laetitiam uoces ad sidera iactant  
intonsi montes; ipsae iam carmina rupes,  
ipsa sonant arbusta: “Deus, deus ille, Menalca!”*

<sup>26</sup> Menalcas dispõe-se a cantar a apoteose de Dáfnis, insistindo entusiasticamente em seu intento.

<sup>27</sup> Mopso responde ao gentil encômio, ao mesmo tempo que incita o companheiro por duas razões: Dáfnis merece o canto, e Menalcas tem arte e reputação para tanto: Stimicão — possivelmente outro pastor — as enalteceu.

<sup>28</sup> As Dríades, de ὄρυς, carvalho, eram ninfas dos bosques (cf. Ovídio, *Metam.*, VI, 453; e *Geórg.*, I, 11).

O botânico alemão Carl von Martius (1794-1869) designou como “Dríade” uma das cinco grandes regiões da flora brasileira (vd. notas n.º 22 à *Buc.* II, e 28 à *Buc.* V).

<sup>29</sup> Dáfnis foi recebido entre os deuses: é a apoteose em seu sentido etimológico. Vd. p. 185. Suetônio (*In Caes. c. ult.*) narra como Augusto instituiu e impôs o culto de Júlio César. Herodiano (IV, 2) descreve pormenorizadamente cada rito do cerimonial da apoteose.

É plausível que Virgílio tivesse na retina esse evento da política imperial.

A morte de Dáfnis trouxe aos três reinos da natureza a tão ansiada pacificação universal. A prosopopéia só reforça esse clima de expectativa.

Oh! sê benigno e propício aos teus. Eis quatro altares: estes dois  
 para ti, Dáfnis, os dois mais altos para Febo<sup>30</sup>. Oferecer-te-ei  
 cada ano duas taças escumantes de leite fresco, e duas crateras<sup>31</sup>  
 de azeite gorduroso, e principalmente alegrando os festins com  
 gorduroso, e principalmente alegrando os festins com  
 muito vinho, diante da lareira, se estiver frio, à sombra,  
 se [for tempo da] ceifa, derramarei das taças vinho de  
 Ariúσιο<sup>32</sup>, um néctar novo. Para mim cantarão Dametas e o líctio  
 Egão; Alfesibeu<sup>33</sup> imitará os sátiros dançantes<sup>34</sup>. Estas  
 honrarias sempre te serão prestadas, quando cumprirmos  
 anualmente votos solenes às Ninfas e quando fizermos a lustração  
 dos campos<sup>35</sup>. Enquanto o javali amar os cumes da montanha,  
 o peixe os rios; enquanto as abelhas se alimentarem de  
 tomilho e as cigarras de orvalho<sup>36</sup>, permanecerão sempre o teu  
 nome, o teu culto e os teus louvores<sup>37</sup>. Tal como  
 a Baco e a Ceres, todos os anos os lavradores te farão votos:  
 e tu os condenarás a [cumprirem esses] votos.

65

70

75

80

<sup>30</sup> Há que estabelecer uma distinção entre *altare* e *ara*. O primeiro vem de *altus*, se dermos fé a Sérvio e Festo, significando uma elevação coberta pela mesa onde se colocava a vítima, que era oferecida exclusivamente aos deuses *súperos*. A *ara* não era elevada e usava-se tanto para sacrifícios aos deuses *súperos* como *ínferos*; nela se queimava incenso e colocavam oferendas de vinho, frutos, leite e flores. No texto, as duas *aras* são para Dáfnis, um mortal elevado à categoria de deus menor; os *altaria* são para Febo (Apolo), um deus *súpero*. Ambos foram pastores e músicos; daí a ligação estabelecida entre eles pelo poeta.

<sup>31</sup> A cratera (*κρατήρ*) é um vaso em forma de taça, com duas alças, onde os gregos e romanos faziam a mistura da água com o vinho, o que era de regra nos banquetes e libações, pois o vinho era excessivamente concentrado para ser consumido puro. Existia o *κρατήρ* de volutas, de cálice, de colunas, de sino, etc. Da cratera servia-se a mistura em taças menores — *pocula*, conforme vemos em Ovídio, *Fastos*, V, 522; “nunc dape, nunc posito mensae nituere Lyaeo: Terra rubens crater, pocula fagus erant”.

Como se verifica no texto de Virgílio, a cratera também era usada para azeite e até água. Era de cerâmica, podendo ser de ouro e prata. No Museu Arqueológico de Florença, encontra-se o famoso *Krater François*, do pintor Clítias (séc. VI a.C.), que apresenta seis planos de silhuetas negras sobre o fundo vermelho do barro descrevendo cenas de caça ao javali, jogos fúnebres em honra de Pátroclo, cortejo de deuses nos esponsais de Peleu e Tétis, perseguição de Aquiles a Troilo, animais diversos e, no pé, a luta dos pigmeus e dos grous.

<sup>32</sup> Sobre *calathus*, vaso, taça, vd. nota n.º 19 à *Buc.* II.

*Ariusium* é o nome de um promontório ao norte de Quios (atualmente Saki-Andassi), famoso por suas vertentes onde se produziam excelentes vinhos.

<sup>33</sup> Dametas já é nosso conhecido das *Buc.* II (tocador de siringe) e III (interlocutor de Menalcas, pastor do rebanho de Egão). Em Teócrito, idílio VI, *Δαμοίτας* disputa com Dáfnis em canto amebau.

*Sis bonus o felixque tuis! En quattuor aras:*  
*ecce duas tibi, Daphni, duas altaria Phoebos.*  
*Pocula bina nouo spumantia lacte quotannis,*  
*craterasque duo statuam tibi pinguis oliui,*  
*et multo in primis hilarans conuiuia Baccho,*  
*ante focum, si frigus erit, si messis, in umbra,*  
*uina nouom fundam calathos Ariusia nectar.*  
*Cantabunt mihi Domoetas et Lyctius Aegon;*  
*saltantis Satyros imitabitur Alphisiboeus.*  
*Haec tibi sempre erunt, et cum sollemnina uota*  
*reddemus Nymphis, et cum lustrabimus agros*  
*Dum iuga montis aper, fluuios dum piscis amabit,*  
*dumque thymo pascentur apes, dum rbre cicadae,*  
*semper honos nomenque tuom laudesque manebunt.*  
*Vt Baccho Cererique, tibi sic uota quotannis*  
*agricolae facient: damnabis tu quoque uotis.*

65

70

75

80

Egão aparece em *Buc.*, III, 2, quando entrega por momentos o rebanho a Dametas a fim de ir cortejar sua amada Neera. Aqui, na *Buc.* V, é pastor-cantor. Tem o epíteto de “líctio”, de Lictos, cidade situada na parte oriental da ilha de Creta. O idílio IV fala longamente de Αίγων, um boiadeiro das cercanias de Crotona. Virgílio inspirou-se no retrato que dele dá Teócrito.

Alfesibeu é também cantor na *Buc.* VIII, onde recita um canto amebau, após o de Damão.

<sup>34</sup> Este verso 73, de fatura e estilo extremamente belos, na opinião de Cartault (*op. laud.*, p. 176), faz alusão ao ritual dos espetáculos romanos em que os sátiros, vestidos de peles de bode e com a fronte cingida de crina, irrompiam em danças frenéticas. Sérvio ajunta que os antepassados quiseram que a religião tomasse a integralidade do homem: o canto é para o espírito, a dança saltitante para a mobilidade do corpo (“saltatio ad animum, saltitatio ad mobilitatem pertinet corporis” — *ad Buc.* V, 73).

<sup>35</sup> Está delineado o culto de Dáfnis, associado às *Liberalia* (vd. nota n.º 13, *supra*) e às *Ambarualia* (vd. nota n.º 43 à *Buc.* III).

<sup>36</sup> Quanto ao *thymum*, tomilho (*Thymus uulgaris*, designação errônea, pois não existe a forma latina em *-us*), é de fato muito apreciado pelas abelhas. Trata-se de uma erva da família das labiadas, muito aromática, de flores pequeninas e racemosas, da qual se extrai um óleo essencial rico em timol, com poder anti-séptico. O nome científico deveria ser *Thymum uulgare*.

Contudo, a afirmação de Virgílio sobre o orvalho como alimento das cigarras cai no domínio da crença popular, que encontra respaldo em Hesíodo, *Escudo de Hércules*, 395, Anacreonte, 43, 3 e Teócrito, 4, 16. A menos que, segundo creio, o poeta tivesse em mente o “ros uitalis” que aparece em Cícero, *De meo Cons.*, I, de *Diuin.*, cap. 12: “paruus Mauortis semine natos uberibus grauidis uitali rore rigabat”.

<sup>37</sup> Mais um exemplo de ἀδώνιατον, desta feita por via positiva. “Os teus louvores e culto permanecerão enquanto o javali amar os cumes...”

## MOPSO

Que prêmios, que presentes te darei por um tal canto?  
Com efeito, nem o sibilo do Austro<sup>38</sup> que se levanta,  
nem as praias batidas pela onda, nem os rios que descem  
correndo por entre os vales pedregosos me deleitam tanto.

## MENALCAS

Em primeiro lugar eu te presentarei com esta frágil flauta; 85  
ela me ensinou: "Coridão estava apaixonado pelo formoso  
Aléxis"<sup>39</sup>, e ainda: "De quem é o rebanho? Acaso de Melibeu?"<sup>40</sup>

Tu, porém, Menalcas, toma este cajado, lindo com seus nós iguais  
e seu bronze<sup>41</sup>, o qual Antígenes<sup>42</sup>, embora muitas vezes  
mo pedisse, não obteve (e então era digno de ser amado). 90

<sup>38</sup> O Austro é um vento meridional, úmido e quente. Em *Geórg.*, IV, 261, o poeta qualifica-o de "frigidus". Macróbio, *In Somn. Scip.*, 5, esclarece que este vento é frio por natureza mas, por atravessar lugares quentes da África, chega quente à Itália. Virgílio não deve querer falar do Austro benfazejo, que traz do sul a "chuva refrescante" (Saint-Denis, *op. laud.*, p. 124). Nem mesmo, quiçá, do Austro violento que desfolha as flores (cf. *Buc.*, II, 58, e respectiva nota n.º 21). Um europeu que vive a maior parte do ano sob a neve, o gelo e o frio, anseia por uma lufada de vento suão que lhe traga um pouco de calor e deleite.

<sup>39</sup> Transcrição parcial do primeiro verso da *Buc.* II.

<sup>40</sup> Transcrição parcial do primeiro verso da *Buc.* III.

<sup>41</sup> É pitoresca a explicação de Sérvio, *ad Buc.* V, 88. Diz ele que o *pedum* é uma haste curva para segurar os pés das ovelhas com seu arco. Os campesinos e os pastores costumam procurar nas matas os ramos ou troncos naturalmente arqueados numa das extremidades. Como esse capricho da natureza é raro, habitualmente cortam uma vergõntea cuja ponta recurvam à força, mantendo-a amarrada por algum tempo até secar, mediante atilhos

## MOPSVS

*Quae tibi, quae tali reddam pro carmine dona?  
Nam neque me tantum uenientis sibilus Austri  
nec percussa iuuant fluctu tam litora, nec quae  
sav osas inter decurrunt flumina uallis.*

## MENALCAS

*Hac te nos fragili donabimus ante cicuta: 85  
haec nos "Formosum Corydon ardebat Alexim",  
haec eadem docuit "Cuim pecus? an Meliboei?"*

## MOPSVS

*At tu sume pedum, quod, me cum saepe rogaret,  
non tulit Antigenes (et erat tum dignus amari),  
formosum paribus nodis atque aere, Menalca. 90*

de casca de árvore. Em seguida, desbastam-lhe as imperfeições e os nódulos, chegando em certos casos a esculpi-la para dela fazerem uma bengala ou um báculo.

O *pedum* dos vv. 88 e 90 é de luxo, para que Mopso retribuía a "cicuta" que lhe "ensinou" tão belos versos. O cajado tem os nós iguais, ou melhor, os entrenós ou meritalos — o que é raro acontecer e, por isso, extremamente apreciado — e está ornado com bronze em sua extremidade superior (castão) ou inferior (conto), ou ambas.

<sup>42</sup> O nome "Antígenes" pode ter sido colhido por Virgílio no idílio IV do Siracusano. Porém, as cenas e caracterizações nada têm a ver uma com outra. Liberdade criativa do nosso poeta? O "et erat tum dignus amari" pode interpretar-se como tendo já idade para não despertar paixões.

Acho fantástico o comentário de Sérvio ao dizer que ou se trata de um formosíssimo pastor ou de um tocador de flauta acompanhado de coros que leu ter sido muito amado por Virgílio ("aut pastorem quendam pulcherrimum dicit; aut choraulam significat, quem legimus admodum a Virgilio fuisse dilectum" — *ad Buc.* V, 89, Mas não diz onde leu, ao contrário do seu hábito.

#### ARGUMENTO DA BUCOLICA VI

A conselho de Apolo, o poeta abandona o devaneio de fazer versos épicos e volta à poesia simples do campo, dedicando-a ao sucessor de Polião no governo da Cisalpina, Alfeino Varo (vv. 1-12). Os jovens sátiros Crómis e Mnasilo e a náide Egle surpreendem Sileno — uma divindade campestre — mergulhado em profunda embriaguez. Cobrem-no de grinaldas e lianas para o forçarem a cantar em troca da liberdade. Ele consente, e seu canto comove a todos os seres animados e inanimados da natureza (vv. 13-30). Sileno, em tom majestoso e quase épico, faz ouvir seu canto, primeiramente de acentos epicuristas sobre a origem do mundo e do cosmos (vv. 31-40) e, depois, de gosto neotérico sobre mitos da tradição alexandrina (vv. 41-81). A natureza embevecida recolhe-se em silêncio, quando Vésper, estrela da tarde, desponta recortando no horizonte a silhueta do Olimpo (vv. 82-86).

#### BUCOLICA SEXTA



SILVA DO CAMPO  
(foto de L. Canguieiro)

## BUCÓLICA SEXTA

A minha Talia<sup>1</sup> primeiro houve por bem divertir-se com  
o verso siracusano, e não corou por habitar os bosques.  
Como eu cantasse os reis e os combates, o Cíntio<sup>2</sup> me tocou  
na orelha e advertiu: "Títiro<sup>3</sup>, um pastor deve apascentar  
ovelhas gordas e cantar um canto simples". Eu agora, 5  
pois terás de sobra, ó Varo<sup>4</sup>, quem deseje celebrar os  
teus louvores e cantar as tristes guerras, vou tentar uma  
canção silvestre na delgada flauta. Não canto o que não me  
mandaram<sup>5</sup>. Se alguém, no entanto, se alguém prisioneiro  
de amor ainda ler estas coisas, os nossos tamarindos, ó Varo, 10  
e todo o bosque te cantarão; nenhuma página é mais grata  
a Febo do que aquela que tem escrito no alto o nome de Varo<sup>6</sup>.  
Prossegui, Piérides! Os jovens Crómis e Mnasilo  
viram Sileno jazente de sono numa gruta, de veias inchadas,  
como sempre, pelo licor de Iaco bebido na véspera; somente 15

<sup>1</sup> Talia é a musa dos banquetes e da comédia. Originariamente, porém, era musa campestre, sendo representada empunhando um cajado. Por isso, a associação da Musa à poesia bucólica.

Atente-se na novidade de forma desta *Buc.* Pela primeira vez nos surge uma espécie de preâmbulo.

Festo diz que o nome "Talia" vem da "flor da idade", segundo uns; de os poemas sempre florescerem, segundo outros. O gramático pensava no étimo *θάλλειν*, "florir".

<sup>2</sup> Apolo, nascido em Delos, nos cumes do Cinto (vd. nota n.º 57 à *Buc.* III).

<sup>3</sup> Aqui o Mantuano se metamorfoseia em pastor, aproveitando o nome que tão bem caracterizou na *Buc.* I. Também há quem o veja disfarçado de Menalcas na *Buc.* V, embora seja um misto de pastor e cantor. Mas é na X que assume a personalidade de verdadeiro pastor, exatamente quando vai despedir-se do gênero bucólico.

Na alusão ao canto de reis, combates, louvores e "tristia bella", o poeta confirma que já entrou na poesia épica: mero projeto (Sérvio)? poemas perdidos? lineamentos da futura *Enéida*? "recado" ao seu "patrono"? O certo é que Virgílio nos revela três fases sucessivas do seu labor poético: dedicou-se à poesia bucólica, à epopéia, e agora retorna ao bucolismo.

<sup>4</sup> Lúcio Alfeno Varo, sucessor de Asínio Polião no governo da Gália Cisalpina. O poeta é-lhe grato por haver mantido e confirmado a devolução da propriedade confiscada que Polião determinara. Em *Buc.*, IX, vv. 26 sq., volta

## BVCOLICA

### VI

*Prima Syracosio dignata est ludere uersu  
nostra, neque erubuit siluas habitare, Thalia.  
Cum canerem reges et proelia, Cynthius aurem  
uellit, et admonuit: "Pastorem, Tityre, pinguis  
pascere oportet ouis, deductum dicere carmen." 5  
Nunc ego (namque super tibi erunt, qui dicere laudes,  
Vare, tuas cupiant, et tristia condere bella)  
agrestem tenui meditabor harundine musam.  
Non iniussa cano. Si quis tamen haec quoque, si quis  
captus amore leget, te nostrae, Vare, myricae, 10  
te nemus omne canet; nec Phoebus gratior ulla est  
quam sibi quae Vari praescripsit pagina nomen.  
Pergite, Pierides. Chromis et Mnasylus in antro  
Silenum pueri somno uidere iacentem,  
inflatum hesternis uenas, ut sempre, Iaccho; 15*

a falar do mesmo Varo, desta vez com maior precisão (Mântua, Cremona, etc.).

No entanto, há quem discorde desta interpretação. A *Buc.* VI seria um poema de boas-vindas ao novo governador da província (Cartault, *op. laud.*, p. 259), lisonjeando sua vaidade poética.

Em seu comentário a este verso 11, Sérvio conta-nos um episódio interessante. Virgílio teria sido instado a declamar a *Buc.* VI em homenagem a Varo. Posteriormente, viria a ser recitada no teatro por uma Citéride, metretiz, à qual, no fim do poema (*Buc.* X), chama de Licóride. Cícero, estupefato, teria perguntado sobre o autor. Ao vê-lo, enfim, conta-se que o grande orador teria dito constituir uma esperança de glória para si mesmo e para a grande Roma. Essa esperança o poeta viria a transferi-la depois para a figura de Ascânio, na *Enéida*.

<sup>5</sup> Seria possível uma dúplice interpretação, de acordo com a incidência da negativa sobre o adjetivo *iniussa*, ou o verbo *cano*. O contexto, porém, esclarece o pensamento do poeta. O deus Cíntio advertiu-o (v. 4) para que deixasse o gênero épico. Por conseguinte, a "duplex negatio" significa que deve cantar ("oportet dicere") um poema rústico. No fundo, Apolo é o seu escudo para esquivar-se a cometer um canto épico.

<sup>6</sup> A *Buc.* VI, dedicada a Varo, tinha por certo este nome como título.

<sup>7</sup> As Musas da Piéria (vd. nota n.º 46 à *Buc.* III) são exortadas a contar o que Sileno recitou para os jovens pastores Crómis e Mnasilo. Sérvio diz que

as grinaldas, caídas da cabeça, estavam no chão longe dele, e um pesado cântaro pendia de sua mão, pela asa já gasta<sup>8</sup>. Tendo-o atacado (pois o velho, muitas vezes, a ambos enganara com a esperança de um canto), amarram-no com as mesmas grinaldas. Egle se junta por companheira e sobrevém aos temerosos, Egle, a mais bela das Náiades<sup>9</sup>, e, logo que ele começa a ver, tinge-lhe a fronte e as têmporas com amoras cor-de-sangue<sup>10</sup>. Ele, rindo da astúcia, diz: "Para que me prendeis com laços? Moços, soltai-me; já basta parecer terdes podido ligar-me<sup>11</sup>. Ouvi os cantos que desejais; para vós, os cantos; para ela, outro prêmio haverá". Imediatamente ele começa. Então poder-se-ia ver faunos<sup>12</sup> e feras folgar em cadência, os hirtos carvalhos balançar as pontas. Nem a rocha do Parnaso<sup>13</sup> se alegra tanto com Febo, nem o Ródope e o Ísmaro<sup>14</sup> admiram tanto a Orfeu<sup>15</sup>.

a intenção do poeta é falar da "secta Epicurea", na qual foram instruídos ele próprio e Varo, pelo mestre Sirão, travestido de Sileno. A náide Egle (v. 20) vem fazer-lhes companhia porque, ainda segundo Sérvio, o poeta expõe a "seita epicuréia" em sua integralidade. Afirma esta não existir perfeição sem o prazer, a voluptuosidade. Acrescenta que a figura de Sileno não é criação virgiliana, mas de Teopompo. Aliás, no comentário ao v. 26, diz mesmo que tudo o que Virgílio diz de Sileno está escrito no livro *Thaumasia* desse autor.

E. de Saint-Denis, "Le chant de Silène à la lumière d'une découverte récente", in *Rev. de Philologie*, 1963, p. 23 sq., refere a descoberta por L. Foucher, em Tysdrus, na Tunísia, de um mosaico representando esta cena de Sileno estirado, envolto em folhas, na qual os dois pastores não são sátiros, contrariamente ao que afirma Sérvio.

<sup>8</sup> Sileno é um semideus, filho de Pã e de uma ninfa leviana, segundo uns; de Mercúrio ou de gotas de sangue de Celo, segundo outros. Representavam-no montado num jumento. Era gordo e calvo e estava permanentemente embriagado. A origem do seu nome estaria ligada ao verbo *σιλλαίνω*, "fazer troça de".

O "licor de Iaco" (um dos nomes de Baco) é metonímia de vinho.

<sup>9</sup> Egle (de *αἴγλη*: fulgor, brilho) é uma das Náiades, filha de Júpiter e Neera. Sobre as Náiades, que presidiam aos rios e às fontes, vd. nota n.º 20 à *Buc. II*.

<sup>10</sup> A amora branca, originária da China (conhecida em Portugal como amora-da-Índia), não era conhecida dos romanos, que apenas tinham a preta, infrutescência da amoreira-preta, e a amora brava ou da silva, hoje industrializada em conservá para cobertura de bolos, conforme vi recentemente na Europa.

Relata Sérvio, no comentário ao v. 22, uma lenda curiosa que afirma ser branco, originariamente, o fruto da amoreira. Teria mudado a cor devido ao sangue que Piramo derramou sobre essa árvore ao suicidar-se, por julgar morta sua amada Tisbe, a qual, ilesa, pouco antes largara a veste que uma leoa furiosa manchara com o sangue de um animal qualquer anteriormente atacado pela fera.

*serta procul tantum capiti delapsa iacebant,  
et grauis attrita pendebat cantharus ansa.  
Adgressi (nam saepe senex spe carminis ambo  
luserat) iniciunt ipsis ex uincola sertis.  
Addit se sociam timidisque superuenit Aegle.  
Aegle, Naiadum pulcherrima, iamque uidenti  
sanguineis frontem moris et tempora pingit.  
Ille dolum ridens: "Quo uincola nectitis?" inquit.  
"Soluite me, pueri; satis est potuisse uideri.  
Carmina quae uoltis cognoscite; carmina uobis,  
huic aliud mercedis erit." Simul incipit ipse.  
Tum uero in numerum Faunosque ferasque uideres  
ludere, tum rigidas motare cacumina quercus.  
Nec tantum Phoebos gaudet Parnasia rupes,  
nec tantum Rhodope miratur et Ismarus Orphea.*

<sup>11</sup> Outras interpretações possíveis: a) "basta-vos o fato do meu semblante de prisioneiro, pois com frágeis grinaldas não conseguis prender-me"; b) "já é suficiente terdes podido ver-me [neste estado]". Sileno, surpreendido embriagado, não tem como recusar o que os jovens pretendem para libertá-lo: ouvir seu canto.

<sup>12</sup> Atente-se na aliteração do v. 27: "faunosque ferasque", a que o português ainda dá mais força com o verbo. Note-se, outrossim, o polissíndeto do latim e a antítese "rigidas motare".

Sérvio aproxima etimologicamente "faunus" de *fañi*, falar, profetizar. Havia um deus, Fatuclus ou Faunus, casado com Fauna, assim chamados por vaticinarem. Daí o nome *fatuus*, "o que fala irrefletidamente" (Sérvio, *Commentarius ad Aen.*, VII, 47, p. 129, vol. II da ed. de Thilo, já cit.).

Ovídio apresenta Fauno com a cabeça cornuda, cingido com uma coroa de agulhas de pinho (*Heróides*, V, 137), meio-homem, meio-bode (*Faustos*, III, 101).

O poeta maranhense Humberto de Campos, em *Poesias Completas*, p. 211, escreveu:

*Doido fauno senil, quebrando as finas  
lianas que se erguem no cipóal em que erro,  
o ar farejo com sôfregas narinas,  
percebo indícios duma ninfa e berro...*

<sup>13</sup> Na Grécia atual tem o nome de Liakoura. É um monte da Fócida, com duplo cume, um dos quais era consagrado a Apolo e outro a Baco. A antiguidade julgava ser ali o centro do mundo, uma espécie de umbigo, cujos píncaros foram os únicos da terra poupados pelas águas do dilúvio universal. No sopé irrompia a fonte Castália, sendo circundado por escarpas rochosas constituindo uma espécie de anfiteatro natural. Em seus flancos localizavam-se o antro de Corícia e as rochas Fedriades, donde eram precipitados os sacrílegos.

Os poetas fizeram desse monte a morada das Musas, sob a presidência de Apolo. Não longe ficava a cidade de Delfos, com o famoso oráculo, e o monte Helicão, bem conhecido de Hesíodo.

Pois ele cantava<sup>16</sup> como, no imenso vazio, haviam-se agregado as sementes das terras, do ar, do mar e do fogo fluido; como, desses princípios, todos os elementos se formaram e como a branda abóbada do mundo tomou consistência; como então o solo começou a endurecer e a encerrar Nereu<sup>17</sup> no mar, e a tomar pouco a pouco as formas dos objetos; e como as terras logo se espantam de que o sol novo brilhe e as chuvas caiam das nuvens erguidas mais alto, enquanto as florestas começam a surgir e os animais erram dispersos pelos montes que os não conhecem.

35

40

Em seguida, ele conta das pedras lançadas por Pirra<sup>18</sup>, dos reinos de Saturno<sup>19</sup>, das aves do Cáucaso e do furto de Prometeu<sup>20</sup>. Acrescenta, a estas coisas em qual fonte os marinheiros tinham gritado por Hilas, deles abandonado, e como toda a margem repercutiu HILAS, HILAS<sup>21</sup>;

45

Tanto Sérvio como Filargírio colocam o Parnaso na Tessália, o que constitui uma inexatidão geográfica muito compreensível em suas épocas. <sup>14</sup> O Ródope e o Ismaro (atualmente Despoto-Dagh e Maro-Dagh) são montes da Trácia, onde morou Orfeu. O segundo era coberto de oliveis e vinhedos; por isso, Virgílio diz em *Geórg.*, II, 37-8: "iuuat Ismara Baccho/conserere". Dali obteve Ulisses o vinho para embriagar o Ciclope (cf. Homero, *Od.*, IX, 196, e Propércio, II, 24, 32: "Tu quoque, o Eurytion, uino, Centaure, peristi/Nec non Ismario tu, Polipheme, mero"). O vinho do Ismaro fora dado a Ulisses por Marão, sacerdote de Apolo Ismário.

<sup>15</sup> Vd. nota n.º 24 à *Buc.* III.

<sup>16</sup> A propósito do canto de Sileno, faz Sérvio uma síntese das teorias filosóficas do chamado "Milagre Grego", de Anaxágoras, Tales de Mileto e Empédocles, para deter-se em Epicuro e seu expositor Lucrécio. A visão serviana do sistema epicúreo é tão perspicaz quanto sucinta. Mas não refere um elemento fundamental na junção dos átomos ou partículas indivisíveis para constituição dos corpos: a teoria do "clinamen", ou desvio da perpendicular, sem cuja intervenção esses átomos cairiam eternamente no vácuo, tal como pingos de chuva que jamais se encontrassem.

A cosmogonia que Virgílio põe no canto de Sileno também sofre dessa limitação. É evidente que o poeta não teve intenções de expor sistematicamente as teorias de Epicuro-Lucrécio, mas não é menos óbvio que tinha sob os olhos o *De Rerum Natura* de seu companheiro de escola neotérica. O seu interesse não era, contudo, desenvolver um sistema filosófico, e sim descrever poeticamente uma concepção cosmogônica muito sugestiva e empolgante.

<sup>17</sup> Filho do Oceano e de Tétis, era deus do mar. Casado com Dóris, é pai das Nereidas. Por metonímia, é tomado como sendo o próprio mar. "Encerrar Nereu no mar" significa estabelecer limites de separação entre terra e água.

<sup>18</sup> Brusca transição de um tema filosófico, científico, para o reino da mitologia. O que importa é a exploração poética do devaneio do cantor.

Pirra, filha de Epimeteu, e seu marido Deucalião, filho de Prometeu, foram os únicos sobreviventes do dilúvio ocorrido na Tessália, onde rei-

*Namque canebat uti magnum per inane coacta  
semina terrarumque animaeque marisque fuissent  
et liquidi simul ignis; ut his exordia primis  
omnia, et ipse tener mundi concreuerit orbis;  
tum durare solum et discludere Nerea ponto  
coeperit, et rerum paulatim sumere formas;  
iamque nouom terrae stupeant lucescere solem,  
altius atque cadant submotis nubibus imbres,  
incipiant siluae cum primum surgere, cumque  
rara per ignaros errent animalia montis.*

35

40

*Hinc lapides Pyrrhae iactos, Saturnia regna,  
Caucasiasque refert uolucris, furtumque Promethei.  
His adiungit Hylan nautae quo fonte relictum  
clamassent, ut litus HYLA, HYLA, omne sonaret;*

navam (cf. Ovídio, *Metam.*, I, 313 sq., e Virgílio, *Geórg.*, I, 62-3). O barco em que se salvaram deixou-os no cume do Parnaso (do Etna, segundo Higinó, fáb. 153; do Atos, de acordo com Sérvio, *ad Buc.* VI, 41), onde consultaram o oráculo de Témis para saber como seria a reconstrução da humanidade. Em resposta, foram convidados a lançar para trás das costas, enquanto fossem caminhando, os "ossos da Grande Mãe". Entenderam tratar-se de pedras, os "ossos" da Terra-Mãe. As lançadas por Deucalião deram homens; as por Pirra, mulheres. E assim renasceu o gênero humano.

<sup>19</sup> Os "saturnia regna" (v. 41) foram obviamente anteriores ao dilúvio, assim como o "furtum Promethei" o foi às "caucasias uolucris". O poeta emprega por elegância o tropo denominado ἱστερον πρότερον, ou "histerologia". Como diz Sérvio, "fabularum ordinem uertit".

<sup>20</sup> Prometeu, filho de Jápeto e da ninfa Ásia ou Clímene, recebeu ordem para formar o homem, tal como seu irmão Epimeteu para formar os animais. O mito diz que ele moldou o homem de barro e o animou insuflando-lhe fogo do céu, aonde subiu com a ajuda de Minerva, para furtá-lo, aproximando uma vara da roda do sol. Os deuses ficaram irritados e mandaram duas pragas aos homens: as mulheres e as doenças (Sérvio, citando Hesíodo). Castigaram Prometeu prendendo-o a um rochedo do Cáucaso, onde um abutre esfaimado continuamente lhe arrancava o fígado, que logo se refazia. Só trinta anos mais tarde foi liberto das correntes por Hércules, que também matou o abutre.

<sup>21</sup> Não se vislumbra a menor ligação entre o episódio anterior e aquele a que agora faz alusão. A transição do discurso poético é marcada pela trivial expressão "his adiungit" (v. 43). Teriam sido razões meramente literárias que decidiram Virgílio a inserir neste ponto a aventura de Hilas (cf. Cartault, *op. laud.*, p. 275). O mesmo posso acrescentar quanto à referência a Pasífae, sem qualquer vínculo com Hilas, a não ser o tema do desespero de amor.

Hilas é o personagem que dá nome ao idílio XIII de Teócrito, que é uma seqüência da conversa travada entre o poeta e seu amigo Nikias, sobre os seus desgostos amorosos. Hércules enamorou-se de Ἰλας ὁ ζανθός e cuidou de sua educação. Os Argonautas, em sua viagem, levaram a ambos por companheiros. Em dada altura, Hilas foi buscar água à nascente do



e conforta com o amor de um touro alvo de neve a Pasífae<sup>22</sup>, feliz se os rebanhos nunca houvessem existido. Ah! virgem infeliz, que loucura se apoderou de ti! As Prétides<sup>23</sup> encheram os campos de falsos mugidos; mas nenhuma delas, todavia, buscou tão torpes acasalamentos, embora houvesse temido o arado sobre o pescoço e muitas vezes procurado chifres em sua testa lisa. Ah! virgem infeliz, agora vagueias pelos montes: ele apoiando o flanco níveo sobre o delicado jacinto, sob um negro carvalho ruma ervas de um verde pálido, ou segue alguma novilha num grande rebanho. "Fechai, Ninfas, Ninfas do Dicteu<sup>24</sup>, fechai imediatamente as saídas dos bosques, para, ver se acaso alguns rastos perdidos de um boi se oferecem aos nossos olhos: talvez algumas vacas o conduzam aos estábulos de Gortínia<sup>25</sup>, atraído pela verde erva ou seguindo o gado."

Canta então a moça que admirou as maçãs das Hespérides<sup>26</sup>; depois rodeia com o musgo de uma casca amarga as irmãs de Faetonte e faz surgir do solo os amieiros elevados<sup>27</sup>.

rio Caico, entre abundantes juncos. No meio da água, as Ninfas, em coro, apaixonadas pelo jovem, puxaram-no para si, a ponto de ele cair de cabeça no fundo das águas. Hércules procurou-o inconsolável, e os nautas solidários gritaram seu nome três vezes, pelas quebradas dos montes. O semideus instituiu sacrifícios anuais em honra de Hílas, altura em que este nome era ritualmente proferido. A isto alude Virgílio no v. 44. Apolônio de Rodes (*Argonaut.*, I, 1207-95) consagrou um longo trecho a Hílas e sua aventura, discutindo-se sobre qual dos dois alexandrinos se inspirou no outro (cf. Ph. E. Legrand, *Bucoliques Grecs*, I, *Théocrite*. Paris, Belles Lettres, 1953, pp. 86-7).

<sup>22</sup> Filha do Sol e de Pérside, esposa do rei Minos de Creta, Pasífae enamorou-se de um touro branco. Por arte de Dédalo, que para ela construiu uma vaca de madeira onde a introduziu, concebeu, segundo um voto, e deu à luz o Minotauro — monstro metade touro e metade homem, que veio a ser morto por Teseu, ajudado por Ariadne (cf. Sérvio, *ad Aen.*, VI, 14, ed. de Thilo, vol. II, pp. 5-8, onde este mito é desenvolvido).

O segundo hemistíquio do verso 47, "quae te dementia cepit!", é exatamente igual ao segundo do v. 69 da *Buc.* II, desta feita referido a Coridão.

<sup>23</sup> As Prétides eram filhas de Preto, rei de Argos, e de Stenebeia, ou Antiopa. Eram três: Lisipe, Hiponoe e Cirianassa, ou Ifianassa. Julgando-se mais belas do que Juno — ou, segundo outra versão, tendo passado a usar o ouro que tiraram da veste da deusa —, foram por ela feridas de loucura, a ponto de se considerarem novilhas e como tal se comportarem. Melampo, pretendendo casar com Ifianassa, fez um pacto com Preto e, aplacada a ira de Juno, inquinou a fonte Clitório onde elas costumavam beber, a fim de purgá-las. Assim recuperaram sua condição original. Segundo Ovídio

*et fortunatam, si numquam armenta fuissent,* 45  
*Pasiphaen niuei solatur amore iuueni.*  
*A! uirgo infelix, quae te dementia cepit!*  
*Proetides implerunt falsis mugitibus agros;*  
*at non tam turpis pecudum tamen, ulla secuta*  
*concubitus, quamuis collo timuisset aratrum,* 50  
*et saepe in leui quaesisset cornua fronte.*  
*A! uirgo infelix, tu nunc in montibus erras:*  
*illue, latus niueum molli fultus hyacintho,*  
*ilice sub nigra pallentis ruminat herbas,*  
*aut aliquam in magno sequitur grege. "Claudite*  
*[Nymphae,* 55  
*Dictaeae Nymphae, nemorum iam claudite saltus,*  
*si qua forte ferant oculis sese obuia nostris*  
*errabunda bouis uestigia: forsitan illum*  
*aut herba captum uiridi aut armenta secutum*  
*perducant aliquae stabula ad Cortynia uaccae." 60*  
*Tum canit Hesperidum miratam mala puellam;*  
*tum Phaethontidas musco circumdat amarae*  
*corticis, atque solo proceras erigit alnos.*

(*Metam.* XV, 325 sq.), Melampo preparou com ervas e palavras mágicas uma beberagem, mediante a qual lhes incutiu horror ao vinho e as tornou abstêmias, livrando-as desta forma da insânia.

<sup>24</sup> Monte da parte leste de Creta. Diz Sérvio que foi neste monte que Pasífae amou o touro branco (cf. nota 22, *supra*).

<sup>25</sup> Cidadela do sul de Creta, onde outrora estiveram os cavalos do Sol (cf. Sérvio, *ad Buc.*, VI, 60).

<sup>26</sup> Fugaz alusão à lenda de Atalante, filha de Esqueneu, rei de Esquiro, na Arcádia. A jovem fugia do casamento, deleitando-se apenas com as matas e caçadas. Um dia propôs a seus pretendentes um desafio: aquele que perdesse a corrida seria morto; o que a vencesse teria sua mão como prêmio. Após vencer a muitos, chegou a vez de competir com Hipômanes, filho de Megareu, o qual, tendo recebido de Vênus três maçãs de ouro, as foi deixando cair uma a uma ao longo da corrida. Atalante perdeu tempo a apanhá-las, sendo por isso vencida (cf. Ovídio, *Metam.*, X, 560 sq., e Sérvio, *ad Aen.*, III, 113).

Teócrito, no idílio III, 40 sq., segue uma versão diferente, a de Filetas, que narra ter-se Atalante apaixonado por seu pretendente.

As Hespérides eram Egle, Aretusa e Hesperetusa, filhas de Héspero, irmão de Atalante. Possuíam na África pomares riquíssimos, com macieiras produzindo maçãs de ouro, guardadas por um dragão. Hércules, a mando de Euristeu, matou o dragão e trouxe as maçãs ao rei.

<sup>27</sup> As Faetontíades ou Heliades, filhas do Sol e de Climene, irmãs de Faetonte, enquanto choravam a morte do irmão foram metamorfoseadas em amieiros ou em choupos (cf. *En.*, X, 190), dos quais perpetuamente vão caindo gotas como se fossem lágrimas, que logo se convertem em goma e endurecem.

Canta em seguida como uma das irmãs conduziu Galo<sup>28</sup> aos montes da Aônia<sup>29</sup>, o qual vagueava junto às águas do Permesse<sup>30</sup>, e como todo o coro de Febo<sup>31</sup> se levantou em honra daquele homem; como o pastor Lino<sup>32</sup>, ornado em seus cabelos de flores e aipo<sup>33</sup> amargo, lhe disse: “Eis aqui, recebe estas flautas que as Musas te dão e que antes deram ao velho Ascreu<sup>34</sup>; com elas costumava, cantando, fazer descer dos montes os freixos<sup>35</sup> imóveis. Graças a eles te seja dita a origem do bosque de Grínio<sup>36</sup>, para que não haja bosque sagrado do qual Apolo mais se glorie”.

Direi como ele cantou Cila<sup>37</sup>, filha de Niso, de quem a lenda conta que as cândidas virilhas estavam rodeadas

Factonte foi precipitado no rio Eridano, ou Pó, por um raio de Júpiter, em virtude de haver incendiado céu e terra por imperícia, quando dirigia o carro do pai (cf. Sérvio, *ad Aen.*, X, 189, pp. 41-2 da ed. de Thilo).

Sobre o amieiro, vd. nota n.º 48 à *Buc.* X.

<sup>28</sup> C. Cornélio Galo Forujuliense, em cuja honra Virgílio escreveu a *Buc.* X. Aqui é enaltecido o seu talento de poeta. Teria deixado quatro livros de elegias (*Amores*), à maneira de Euforíão de Cálcis (cf. *Buc.* X, 50), que traduziu para latim (Sérvio, *ad Buc.* VI, 72), dos quais apenas resta um fragmento *apud* Vibius Sequester, *De Fluminibus*: “Vno tellures diuidit amne duas”, referindo-se à separação entre a Ásia e a Europa.

Num papiro de Quasr Ibrim foram achados recentemente alguns versos de Galo, entre os quais os de um epigrama endereçado a um “Caesar”, de quem diz: “maxima romanae pars eris historiae”, que não deverá ser outro senão Otávio (cf. Santo Mazzarino, in “Cultura”, supl. de *O Estado de S. Paulo*, 02.08.81, p. 4).

<sup>29</sup> A Aônia é propriamente a parte montanhosa da Beócia, onde fica o Helicão, consagrado às Musas. Diz Sérvio (*ad Buc.* VI, 64, e X, 12) que Aônia é também o nome da Beócia, como um todo.

<sup>30</sup> Rio que nasce no Helicão, consagrado a Febo e às Musas e que hoje tem o nome de Panitza. É célebre sua fonte Aganipe, cuja água fazia poetas. O mesmo ocorria com as margens do rio, por onde Galo passou colhendo inspiração.

<sup>31</sup> O coro das nove Musas. A propósito, ninguém melhor que Ausônio, em seu Idílio XX, condensou os nomes e funções delas:

*Clio* gesta canens, transactis tempora reddit.  
*Melpomene* tragico proclamat moesta boatu,  
 Comica lasciuo gaudet sermone *Thalia*.  
 Dulciloquos calamos *Euterpe* flatibus urget.  
*Terpsichore* affectus citharis mouet, imperat, auget.  
 Plectra gerens *Erato*, saltat pede, carmine, uultu.  
 Carmina *Calliope* libris heroica mandat.  
*Vrania* caeli motus scrutatur, et astra.  
 Signat cuncta manu, loquitur *Polyhymnia* gestu.  
 Mentis Apollinae uis has monet undique Musas,  
 In medio residens complectitur omnia Phoebus.

*Tum canit, errantem Permessi ad flumina Gallum*  
*Aonas in montis ut duxerit una sororum,*  
*utque uiro Proebi chorus adsurrexerit omnis;*  
*ut Linus haec illi diuino carmine pastor,*  
*floribus atque apio crinis ornatus amaro,*  
*dixerit: “Hos tibi dant calamos, en accipe, Musae,*  
*Ascraeo quos ante seni; quibus ille solebat*  
*cantando rigidas deducere montibus ornos.*  
*His tibi Grynei nemoris dicatur origo,*  
*ne quis sit lucus quo se plus iactet Apollo.”*

*Quid loquar aut Scyllam Nisi., quam fama secuta est*  
*candida succinctam latrantibus inguina monstis*

Tradução:

*Clio* canta os feitos e dá vida ao passado. *Melpomene* expande sua dor em clamor de tragédia. A cômica *Talia* rejubila com a linguagem lasciva. *Euterpe*, com seu sopro, faz ressoar a flauta com doces acordes. *Terpsichore*, com a cítara, suscita, ordena, aumenta as paixões. *Erato*, segurando a lira, dança com o pé, o canto, o rosto. *Calliope* confia aos livros cantos heróicos. *Urânia* perscruta os movimentos do céu e os astros. *Polimnia* tudo aponta com a mão, e seu gesto é uma linguagem. A força da mente apolínea inspira todas essas Musas: sentado no meio delas, Febo abarca todas essas funções.

<sup>32</sup> Vd. nota n.º 27 à *Buc.* IV.

<sup>33</sup> Erva da família das umbelíferas (*Apium graeolens*), muito odorífera, usada em saladas, molhos, sopas, etc., ou como condimento. O nome provém de *apis*, por ser apreciada pelas abelhas. Existem variedades com raízes carnudas, comestíveis, como o aipo-rábano e o salsão. Informa Horácio (*Odes*, I, 36, 16, II, 7, 23 e IV, 11, 3) que o aipo entrava na confecção das coroas dos convidados para banquetes. O mesmo ocorria na Grécia com as coroas dos vencedores dos jogos de Nemeia, conforme se vê em Plínio, XIX, 46, 1, e Juvenal, VIII, 226. Em XIX, 37, 2, Plínio descreve as três espécies de “*apium*”.

<sup>34</sup> O “velho Ascreu” é Hesíodo, por ser natural de Ascra, na Beócia. Galo teve o mesmo dom que Hesíodo recebera das Musas, consoante este declara em *Teogonia*, 22: *Αἰὶ νύ ποθ' Ἡσίοδον καλὴν ἐδίδασκεν αἰοδὴν.*

<sup>35</sup> Vd. nota n.º 39 à *Buc.* VII. O poder da poesia de Galo é comparado ao de Orfeu (vd. nota n.º 24 à *Buc.* III).

<sup>36</sup> O bosque de Grínio ficava na Jônia e fora consagrado a Apolo por Grínio, filho do deus, segundo uns, ou de Eurípilio, rei da Mésia, segundo outros. Teve esse mesmo nome a cidade onde ficava o bosque (cf. Sérvio, *ad Buc.* VI, 72, p. 78 da ed. de Thilo).

<sup>37</sup> Há dois mitos que Virgílio parece “contaminar”, concernentes a duas Cilas: uma, filha de Niso, rei de Mégara, traiu o pai por amor a Minos de Creta, sitiante da cidade, sendo por isso convertida em garça, depois de amarrada pelo amante ao mastro do seu navio (cf. *Geórg.*, I, 404 sq.); outra, filha de Forco e da ninfa Creteidos, desprezou Glauco, seu apaixonado, tendo sido transformada em monstro marinho, com a parte inferior do corpo circundada de cães uivantes, por artes e ciúmes de Circe (a mesma feiticeira da *Odisséia*), a qual, por sua vez, se enamorara de Glauco. Despeitada,

de monstros uivantes e que maltrataram as naus de Dulíquio<sup>38</sup> e que, no abismo profundo, dilaceraram, ai!, os medrosos nautas com cães marinhos, ou como ele contou dos membros transformados de Tereu<sup>39</sup>, quais festins e dons que Filomela lhe preparou, em que rumo se dirigiu aos lugares ermos, e com que asas a infeliz voou antes sobre a sua própria casa?

80

Ele canta todas as coisas que o feliz Eurotas<sup>40</sup> ouviu, quando Febo outrora compunha, e ordenou aos loureiros que aprendessem (os vales percutidos elevam-nas aos astros), até que Vésper<sup>41</sup> ordenou juntar as ovelhas no aprisco e contá-las, e avançou no Olimpo que tal não queria.

85

*Dulichias uexasse rates, et gurgite in alto,  
a, timidos nautas canibus lacerasse marinis,  
aut ut mutatis Terei narrauerit artus,  
quas illi Philomela dapes, quae dona pararit,  
quo cursu deserta petiuerit, et quibus ante  
infelix sua tecta super uolitaauerit alis?*

80

*Omnia, quae Phoebus quondam meditante beatus  
audiit Eurotas iussitque ediscere laurus,  
ille canit (pulsae referunt ad sidera ualles),  
cogere donec ouis stabulis numerumque referre  
iussit et inuito processit Vesper, Olympo.*

85

Circe envenenou a fonte onde Cila costumava banhar-se. Esta não suportou a sua deformidade, havendo-se atirado ao mar, onde se converteu em escolho perigosíssimo para os navegantes.

<sup>38</sup> Ilha do Mar Jônio (atualmente Neochori), do arquipélago das Equínades, próximas a Itaca, pátria de Ulisses (Sérvio diz ser um monte, ou cidade, no reino de Ulisses). Segundo Homero (*Odisséia*, XII, 235 sq.), só a nau de Ulisses teve problemas com os encantamentos de Cila. Na literatura, é comum empregar-se o nome da ilha para referir tudo o que pertence a Ulisses (cf. Ovídio, *Metam.*, XIII, 425, e XIV, 226).

Sérvio diz haver *tapinose* no emprego da forma "uexasse" em lugar de "eueritisse", citando Catão e Cícero em seu abono.

<sup>39</sup> Rei da Trácia, casado com Procne, filha de Pandião, rei dos atenienses. Um dia, a esposa pediu-lhe que fosse a Atenas buscar sua irmã Filomela. Na viagem de regresso, violou a cunhada, cortou-lhe a língua e encerrou-a nos estábulos, para que a ninguém revelasse o seu ato. A esposa contou que perdera a donzela no mar, quando naufragaram. Mas esta deu notícias a Procne, através de mensagem escrita com o próprio sangue na sua veste. A esposa vingou a afronta, servindo a Tereu, num banquete, o corpo do filho de ambos, Itis. Quando descobriu a verdade, Tereu perseguiu as duas, e os deuses converteram os três em aves: Procne em andorinha, Filomela em rouxinol, e Tereu em poupa.

O poeta coloca Filomela a preparar o banquete, talvez seguindo uma versão que não chegou até nós, ou simplesmente dando asas à sua própria imaginação. A explicação de Sérvio não convence, mesmo dada com alternativa: ou Virgílio errou o nome, ou atribui a Filomela a preparação do festim por ser feito por causa dela ("propter quam factum est", p. 81 da ed. de Thilo).

<sup>40</sup> Rio do Peloponeso, que nasce na Arcádia e deságua no golfo Lacônico. Era célebre por suas margens cobertas de loureiros.

Febo, enamorado de Jacinto, filho do rei de Esparta, compunha poemas à beira-rio.

Bela epopéia do "beatus Eurotas" ensinando às árvores cantos de amor que sobem depois aos astros!

<sup>41</sup> O planeta Vênus anuncia a chegada da noite ou, em outra época do ano, da manhã. Os pastores e lavradores, acostumados a orientar-se pelos astros, deram-lhe nomes sugestivos.

No Brasil, Vênus é conhecida como Vésper, Véspero, Estrela Vésper, Estrela Vespertina, Estrela d'Alva, Estrela do Pastor, Estrela da Tarde, Estrela Matutina, Estrela da Manhã e Papa-Ceia.

#### ARGUMENTO DA BUCÓLICA VII

Conta Melibeu que um dia, cuidando de seus mirtos, o macho do rebanho se tresmalhou; quando o procurava, encontrou Dáfnis, que o convidou a assistir ao canto amebou de dois pastores, Coridão e Tírsis (vv. 1-20). Estes invocam as Musas, Diana-Délia e Priapo, aos quais ofertarão objetos votivos, se atendidos em seus desideratos (vv. 21-36). Passam a cantar seus amores (vv. 37-68), com vitória para Coridão (vv. 69-70).



ALTAR RÚSTICO  
(Mosaico da Vila de Adriano em Tiroli)

## BUCÓLICA SÉTIMA

Dáfnis<sup>1</sup> sentara-se casualmente sob uma rumorosa azinheira<sup>2</sup>,  
e Coridão e Tírsis haviam ajuntado seus rebanhos,  
Tírsis as ovelhas, Coridão as cabras retesadas com  
leite, ambos na flor da idade e ambos árcades<sup>3</sup>,  
iguais no cantar e aparelhados para responder.

Para aqui se me desgarrara o próprio bode, o macho  
do rebanho<sup>4</sup>, enquanto eu estava abrigando do frio<sup>5</sup> os tenros  
mirtos; então vejo Dáfnis. Ele, por sua vez, logo que me vê,  
diz: "Vem cá depressa, ó Melibeu; o teu bode está salvo,  
como os cabritos, e, se podes deter-te um pouco, descansa

5

10

<sup>1</sup> Dáfnis, Coridão, Tírsis e Melibeu são pastores. As dez *Bucólicas* não têm uma seqüência que lhes confira qualquer unidade narrativa. Por isso, o poeta geralmente não retoma personagens. Emprega por vezes nomes idênticos, via de regra tirados de Teócrito, sem compromissos com as caracterizações anteriores.

Cartault, *op. laud.*, p. 185, defende esta mesma tese. Não obstante, inclina-se para julgar Dáfnis como o personagem (divino) da quinta *Buc.* Não vejo razão para tal, em que pesem a autoridade do sábio virgilianista e as alusões de Sérvio, que reputa Dáfnis "quasi diuinus" por salvar o bode e os cabritos de Melibeu (v. 9), o que na realidade poderia ser feito por qualquer mortal.

O quadro é simples: companheiros de pastorícia vão recitar cantos amebus, sob o julgamento de um deles.

Dáfnis, o herói da V *Buc.*, é boiadeiro. Por isso, há quem interprete os "iuuenci" como sendo de Dáfnis: "Voss bemerkt richtig, dass die hier erwähnte Rinderherde die des Daphnis sein müsse" (Kolster, *apud* Cartault, *op. laud.*, p. 188, n. 2). E os bezerras do v. 11 pertencem a Melibeu (Sérvio, *ad Buc.* VII, 11: "intellegimus istum praeter capellarum gregem iuuenos habuisse peculiares"). Em *Buc.*, III, 12, vimos que Dáfnis é um simples pastor, conhecido de Menalcas e Dametas (vd. nota n.º 9 à *Buc.* III). Nada impede que aqui seja outro pastor.

<sup>2</sup> A azinheira (*Quercus ilex*) é uma árvore da família das cupulíferas, do gênero dos carvalhos. Produz bolotas, alimento dos animais (cf. Marcial, XIV, 70: "porcus ilice pastus"). Virgílio qualifica-a de "arguta", traduzindo assim o murmúrio da brisa por entre a folhagem. Outros poetas usam os qualificativos: *hirsuta* (Marcial, VI, 64), *procera* (Horácio, *Epodos*, XV, 5), *ramosa*, *nigra*, *densa* (Ovídio, *De Ar. Am.*, III, 149; *Amores*, II, 6, 49;

## BVCOLICA

### VII

#### MELIBOEVS

*Forte sub arguta consederat ilice Daphnis,  
compulerantque greges Corydon et Thyrsis in unum,  
Thyrsis ouis, Corydon distentas lacte capellas,  
ambo florentes aetatibus, Arcades ambo,  
et cantare pares et respondere parati.*

5

*Huc mihi, dum teneras defendo a frigore myrtos,  
uir gregis ipse caper deerrauerat; atque ego Daphnim  
adspicio. Ille ubi me contra uidet: "Ocius" inquit  
"huc ades, o Meliboe; caper tibi saluos et haedi,  
et, si quid cessare potes, requiesce sub umbra.*

10

*Fastos*, II, 165), *nodosa* (Lucano, III, 440). Adiante, no v. 24, a "fistula" de Coridão é *arguta*, sonora. Em *Geórg.*, I, 143, *arguta* é a serra, e no v. 377 é a andorinha.

<sup>3</sup> No sentido que virá a ser o da literatura. Coridão e Tírsis, às margens do Mincio, são "árcades" por seu culto ao deus Pã, da Arcádia, o mesmo é dizer, por seu gosto do bucolismo.

<sup>4</sup> No idílio VII de Teócrito, a mesma expressão, que Virgílio traduz por "uir gregis". O "uir" é o macho, o guia. Em Marcial, III, 93, como em Teócrito, é o macho ou guia das cabras. Daí o português "varrão" (ou barrão) e "varrasco", para o macho porcino.

<sup>5</sup> Os camponeses europeus ainda hoje têm o costume de cobrir de palha os alfobres e as plantas delicadas da horta, a fim de protegê-los temporariamente das baixas temperaturas.

Por esta indicação do v. 6, podemos situar a cena no fim do outono, quando se avizinham as geadas e neves do inverno. Mas também podemos supor tais precauções ao cair o dia ameno do começo da primavera, para defesa dos rigores da noite ainda muito fria. Diversos autores tomaram uma ou outra posição. Não vejo grande interesse na solução do problema, até pelo fato de o poeta poder escrever a *Buc.* sem uma referência precisa ao momento da estação. Os poetas possuem esse maravilhoso dom de abstração para abrir as comportas da sua veia inspiradora. Há muitos e variados exemplos disso, como o do poeta português Augusto Gil, ao compor num dia cáldo de agosto a primorosa "Balada da Neve", que supõe um ambiente de rigoroso inverno. Nas falas alternadas de Coridão e Tírsis (vv. 45-60), as alusões à natureza ambiente fazem supor tanto a aproximação do estio ("iam uenit aestas torrida") como a do inverno ("hic focus et taedae pingues...").

à sombra. Os bezerros virão por si mesmos através dos prados beber aqui; aqui o Míncio<sup>6</sup> borda as verdes margens com delicada cana, e de um carvalho sagrado<sup>7</sup> vem o zumbido de um enxame". Que fazer? Eu não tinha nem Alcipe nem Filide<sup>8</sup> para encerrar no aprisco os cordeiros desmamados e havia uma grande disputa — Coridão contra Tírsis. 15  
 Ainda, preteri as minhas sérias tarefas pelo divertimento deles. Começaram ambos, portanto, a disputar em versos alternados; as Musas queriam que eles os recordassem alternados. Coridão recitava uns, Tírsis outros, em ordem<sup>9</sup>. 20

#### CORIDÃO

Ninfas da Libetra<sup>10</sup>, amor nosso, concedei-me um canto igual ao do meu Codro<sup>11</sup> querido (ele compõe versos muito semelhantes aos de Febo) ou, se nem todos podemos, aqui minha flauta sonora ficará suspensa do pinheiro sagrado<sup>12</sup>.

#### TÍRSIS

O pastores árcades, ornai de hera o poeta nascente, para que as 25  
 ilhargas de Codro estourem de inveja; ou então, se ele me louvar acima de sua vontade, cingi minha frente de nardo<sup>13</sup>, a fim de que a sua língua maldizente não prejudique<sup>14</sup> o futuro poeta.

<sup>6</sup> O rio Míncio nasce nos Alpes, atravessa o lago Benaco (hoje Garda), banha Mântua e deságua no Pó. Virgílio chama-lhe "ingens" e diz que ele "tardis flexibus errat" (*Geórg.*, III, 14), aludindo aos seus lentos meandros na planura mantuana. Também Plínio se lhe refere (IX, 38, 2): "Lacus est Italiae Benacus in Veronensi agro Mincium amnem transmittens", e o dá como exemplo de águas doces que sobrenadam umas às outras (II, 106, 2).  
 O cenário desta *Buc.* é bem familiar ao poeta, desde a sua infância.

<sup>7</sup> Acerca do "sacra quercus" vd. nota n.º 13 à *Buc.* I.

<sup>8</sup> Melibeu diz que não tinha quem o ajudasse naquele dia. Alcipe e Filide seriam suas servas? Ou estaria ele usando de leve ironia para com os dois pastores seus companheiros, já que um tinha Alcipe, e outro Filide? O verso 59 pode dar-nos uma pista. Tírsis fala em "Phyllidis nostrae", respondendo a "formosus Alexis" (v. 55) de Coridão. Ao que me parece, a segunda hipótese é mais forte. É esta a opinião de Jacques Perret (*op. laud.*, p. 78).

<sup>9</sup> Os vv. 18-20 explicitam o canto amebou (vd. nota n.º 15 à *Buc.* III).

<sup>10</sup> Coridão inicia seu canto invocando as Ninfas da gruta Libetra, nas faldas do Helicão, donde brotava uma fonte consagrada às Musas.

<sup>11</sup> Vd. nota n.º 4 à *Buc.* V. Léon Herrmann, *op. laud.*, pp. 154-56, faz a identificação de Codro com Telefo, depois de rebater todas as identificações dos comentadores e escoliastas, baseando-se no fato de Codro ter-se dedicado à poesia épica e reforçando o seu ponto de vista com a invectiva de Horácio na *Ode* 19, v. 20, do livro III, endereçada ao áugure Murena: "Por

*Huc ipsi potum uenient per prata iuuenti;  
 hic uiridis tenera praetexit harundine ripas  
 Mincius, eque sacra resonant examina quercu."  
 Quid facerem? neque ego Alcippen, nec Phyllida habebam,  
 depulsos a lacte domi quae clauderet agnos, 15  
 et certamen erat, Corydon cum Thyrside, magnum.  
 Posthabui tamen illorum mea seria ludo.  
 Alternis igitur contendere uersibus ambo  
 coepere; alternos Musae meminisse uolebant.  
 Hos Corydon, illos referebat in ordine Thyrsis. 20*

#### CORYDON

*Nymphae, noster amor, Libethrides, aut mihi carmen,  
 quale meo Codro, concedite (proxima Phoebi  
 uersibus ille facit), aut, si non possumus omnes,  
 hic arguta sacra pendebit fistula pinu.*

#### THYRSIS

*Pastores, hedera nascentem ornate poetam, 25  
 Arcades, inuidia rumpantur ut ilia Codro;  
 aut, si ultra placitum laudarit, baccare frontem  
 cingite, ne uati noceat mala lingua futuro.*

que a tua flauta está pendurada com tua lira, silenciosa?" ("Cur pendet tacita fistula cum lyra?"). Seria uma clara reminiscência do v. 24 da *Buc.* VII ("Minha flauta sonora ficará suspensa do pinheiro sagrado").

Sérvio limita-se a dizer que Codro foi um poeta desse tempo, segundo refere Válgio em suas elegias (*ad Buc.*, VII, 22, p. 85 da ed. de Thilo).  
<sup>12</sup> O pinheiro era consagrado a Cibele, mãe dos deuses (Fedro, Macróbio, Sérvio); a Diana (Horácio, Propércio); e a Pã (Propércio).

A imagem atual de alguém pendurar o instrumento de sua profissão, para significar aposentadoria ou despedida de atividade, nada tem de original, como se vê da fala de Coridão.

<sup>13</sup> Sobre a hera e o *baccar* (nardo silvestre) vd. nota seguinte, bem como a n.º 15 à *Buc.* IV.

<sup>14</sup> Saint-Denis, *op. laud.*, p. 129, interroga-se quanto à razão de Tírsis querer a frente cingida de *baccar*. Lembra o parecer de dois especialistas — Forbiger e Plessis —, que dizem servir esta planta de esconjuro contra feitiço; "os elogios exagerados de Codro poderiam despertar o ciúme dos deuses e atrair sua cólera sobre Tírsis". A esse parecer contrapõe a tese de Perret, que cita: "nenhum texto, exceto os escólios a este verso, indica que o *baccar* preservava dos sortilégios". É nada mais diz.

Ora, mais uma vez me parece que a verdadeira interpretação é a que segue a via mais simples. Diz Tírsis, em suma: "Companheiros da Arcádia: se me consagrardes como poeta, o mau-olhado de Codro de nada adiantará". E a "consagração" fazia-se com o ritual da coroa de hera e nardo.

## CORIDÃO

O pequeno Micão a ti consagra, Délia, esta cabeça  
de javali cerdoso e os chifres galhudos de idoso cervo<sup>15</sup>. 30  
Se isto me for estável, surgirás inteira do mármore  
polido, de pés calçados com purpúreo coturno<sup>16</sup>.

## TIRSIS

Basta que tu, ó Priapo<sup>17</sup>, esperes todo ano um tarro<sup>18</sup>  
de leite e estes doces; tu és o guarda do pobre horto.  
Agora fizemos-te de mármore provisoriamente; mas tu, 35  
se a fecundação tiver acrescido o rebanho, serás de ouro.

## CORIDÃO

Ó Galatéia<sup>19</sup>, filha de Nereu, mais doce para mim do que

<sup>15</sup> Em resposta à modéstia de Tírsis ("poeta nascente", futuro poeta), Coridão autodenomina-se de pequeno Micão, um jovem caçador que abate um cerdoso javali e um cervo já idoso. Os troféus de caça eram oferecidos, tradicional e ritualmente, ao templo de Diana-Délia (por haver nascido em Delos), onde ficavam expostos.

<sup>16</sup> Coridão promete a Diana uma estátua inteira, da cabeça aos pés, feita de mármore cuidadosamente burilado, se os seus êxitos continuarem. E fá-lo com uma fórmula ritual (cf. L. Havet, *Rev. Philol.*, 1918, p. 82).

Informa Sérvio ser costume de muitos executar apenas cabeças ou bustos de estátuas.

O coturno era uma espécie de borzeguim ou botina de couro, de cano alto e apertado na frente, que subia até ao meio da perna, muito usado pelos caçadores e atores trágicos. Eram, porém, diferentes: o dos caçadores praticamente raso, para facilitar as longas caminhadas no mato; o dos atores tinha a função de aumentar exageradamente a altura normal, de modo a impressionar os espectadores de tragédias.

<sup>17</sup> Tírsis responde com certa ironia: aos troféus de caça de Coridão contrapõe um tarro de leite e bolos; à estátua prometida de mármore, de Diana, replica com a já existente, se bem que provisória, de Priapo, e a promessa de uma de ouro. A ironia torna-se hiperbólica, de vez que as estátuas de Priapo eram de madeira.

Priapo é filho de Baco, ou de Mercúrio, ou de Adônis, e de Vênus. Nasceu em Lâmpsaco, no Helesponto, onde os habitantes lhe dedicaram um templo e instituíram sacrifícios rituais, tendo-o constituído deus dos jardins, pomares, vinhedos e da luxúria. Representavam-no despido e empunhando uma foice de madeira de salgueiro (cf. *Geórg.*, IV, 111). Imolavam-lhe um jumento, ou porque nas festas de Baco teria pretendido estuprar Vesta, e o asno de Sileno deu o alarme; ou porque, disputando os lampsacenses

## CORYDON

*Saetosi caput hoc apri tibi, Delia, paruos  
et ramosa Micon uiuacis cornua cerui.* 30  
*Si proprium hoc fuerit, leui de marmore tota  
puniceo stabis suras euincta coturno.*

## THYRSIS

*Sinum lactis et haec te liba, Priape, quotannis  
exspectare sat est: custos es pauperis horti.*  
*Nunc te marmoreum pro tempore fecimus; at tu, 35  
si fetura gregem suppleuerit, aureus esto.*

## CORYDON

*Nerine Galatea, thymo mihi dulcior Hyblae*

sobre quem possuía maior membro, se o deus, se o jumento, este venceu (cf. *Rev. Ét. Lat.*, 1950, pp. 196-69).

Horácio descreve Priapo como espantalho de ladrões e pássaros (*Sát.* I, 8, 1 sq.).

Sérvio, *ad Geórg.* IV, 111, p. 328 da ed. de Thilo, acrescenta que Priapo foi expulso de Lâmpsaco pelos habitantes da cidade, "propter uirilis membri magnitudinem". "Diz-se, prossegue o comentador, que presidia às hortas por causa da fecundidade das mesmas: com efeito, quando outro chão está criando algo, as hortas nunca estão sem dar fruto permanente".

<sup>18</sup> No texto, "sinum lactis" (v. 33). O *sinum* ou *sinus* (grego *δῖνος*) era um tipo de vaso para vinho, maior que o *poculum*. O comentário de Sérvio a esta palavra é tirado do mais extenso de Ásper, sem citar a fonte (cf. Alfred Tomsin, *op. laud.*, pp. 49, 83 e 126), conservado nos Escólios de Verona *ad Buc.* VII, 33 (pp. 400-01 da ed. de Thilo). O emprego de Virgílio foi criticado, conforme se deduz daqueles Escólios, porque "sinum" já significaria "tarro de leite". Ásper mostra que o emprego de Virgílio, por catacrese, admite e até reclama a presença do adjunto adnominal "lactis".

<sup>19</sup> *Γαλάτεια*, de *γάλα*, leite, em virtude da brancura. Galatéia é uma ninfa marinha, filha de Nereu e Dóris, que, havendo sido surpreendida pelo seu apaixonado Polifemo em atitude amorosa com Ácis, numa gruta rochosa do sopé do Etna, se lançou no mar fugindo à cólera do Ciclope. Virgílio volta a falar dela em *Buc.*, IX, 39.

Coridão, segundo me parece, estabelece uma curiosa transposição vicariante da pastora humilde ex-companheira de Títilo, para a divindade marinha, mais consentânea com a pompa de seus devaneios amorosos que julga importantes (cf. Américo da Costa Ramalho, "Notas de Investigação, XVI — Nise Nerine em *Lus.*, II, 20, 5", in *Humanitas*, vols. XXXI-XXXII, Coimbra, 1979-80, pp. 242-44).

o tomilho do Hibla<sup>20</sup>, mais alva do que os cisnes, mais bela do que a hera pálda; logo que os touros apascentados voltem aos currais, se algum cuidado do teu Coridão te domina, vem!

40

### TIRSIS

Antes eu te pareça mais amargo do que as ervas sardônias<sup>21</sup>, mais espinhoso do que a gilbarbeira<sup>22</sup>, mais vil do que a alga<sup>23</sup> expelida pelo mar, se este dia não é mais longo para mim do que um ano inteiro. Ide para casa, bezerros apascentados, ide, se tendes [alguma vergonha<sup>24</sup>.

### CORIDÃO

Ó fontes musgosas e erva mais branda do que o sono<sup>25</sup>, e tu, medronheiro verde que nos cobres com rala sombra<sup>26</sup>, protegei o meu rebanho do solstício: está chegando o tórrido estio, já incham os gomos no sarmento flexível<sup>27</sup>.

O pastor chama sua amada imaginária. Ressalte-se a elegância do retrato da nereida (vv. 37-40) bem observada, se bem que parcialmente, por Cartault, *op. laud.*, p. 194: forma grega "Nerine", à cabeça do verso; três comparativos com base em símiles rústicos: "thymo dulcior Hyblae", "candidior cycnis", "hedera formosior alba"; notação de impaciência: "cum primum"; pedido com delicadeza: "si qua... Corydonis habet te cura", e ao mesmo tempo com ternura e confiança: "tui", "te". "Venito", como última pincelada do retrato, adquire grande força no fim da oração principal, condensando-a numa única palavra: "Vem!"

O que escapou a Cartault foi o grande carinho e a suma elegância do sentimento do pastor-poeta em relação aos animais: "logo que os touros apascentados voltem aos currais... vem!" Antes de mais nada, a quietude e o aconchego dos animais fartos; só depois... "o nosso enleio!"

<sup>20</sup> Sobre o tomilho do Hibla, vd. nota n.º 34 à *Buc.* I.

<sup>21</sup> Ou ervas sárdoas, da Sardenha. Segundo os antigos, o suco destas ervas produzia espasmos e contrações dos lábios e do rosto semelhantes aos do riso forçado. Daí a significação de sarcástico para o riso "sardônico" (*σαρδόνιος γέλιος*).

São ervas amaríssimas e, pelo néctar, transmitem seu amargor ao mel das abelhas (cf. Horácio, *Arte Poética*, 375). O pataluco (*Ranunculus sceleratus*) é uma variedade ornamental de tais ervas, mas cujo suco mantém aquelas propriedades.

<sup>22</sup> O *ruscum* ou *ruscus* é uma planta silvestre da família dos liliáceas, de filocládio aguçado, rígido e espinescente. Quando maduro, produz uma бага

*candidior cycnis, hedera formosior alba,  
cum primum pasti repetent praesepeia tauri,  
si qua tui Corydonis habet te cura, uenito.*

40

### THYRSIS

*Immo ego Sardoniis uidear tibi amarior herbis,  
horridior rusco, proiecta uilior alga,  
si mihi non haec lux toto iam longior anno est.  
Ite domum pasti, si quis pudor, ite, iuueni.*

### CORYDON

*Muscosi fontes, et somno mollior herba,  
et quae uos rara uiridis tegit arbutus umbra,  
solstitium pecori defendite: iam uenit aestas  
torrida, iam lento turgent in palmite gemmae.*

45

vermelha e uma a três flores em cada filocládio. Em Portugal é conhecido como gilbarbeira e utilizado na ornamentação da quadra natalina. Seu nome científico é *Ruscus aculeatus*.

<sup>23</sup> A *alga inutilis* de Horácio (*Odes*, III, 7, 10), arremessada pelo mar como se para nada servisse, é uma das surpresas da moderna ciência. Os antigos nem de longe sonharam com a utilidade e riqueza das algas marinhas; segundo muitos cientistas, elas fornecerão à humanidade o alimento do futuro.

A alga empresta ao verso uma cor nitidamente siciliana, já que na região de Mântua os pastores não tinham mar. Em seus devaneios, transportam a fantasia para longes terras: tomilho do Hibla, ervas da Sardenha; ou divagam pelos campos da Itália: cisnes, animais, arbustos. Tudo em correspondentes simetrias de apreciações e gostos pessoais distintos.

<sup>24</sup> Familiaridade e muita vivacidade na apóstrofe aos bois.

<sup>25</sup> Teócrito, no idílio V, v. 51: *αἰ κ' ἐνθης, ὕπνω μαλακότερα*, quando Lacão diz a Cômatis que terá peles de cordeiro e velos de lã mais macios que o sono; e no idílio XV, v. 125: *πορφύρειοι δὲ τὰ πητες ἄνω - Μαλακότεροι ὕπνω*, quando a "mulher cantora" descreve o palácio real de Adônias.

Perret, por conseguinte, não tem razão de fazer de *somno* (v. 45) um dativo: "erva tão branda para o sono" (cf. *op. laud.*, p. 81).

<sup>26</sup> Vd. nota n.º 44 à *Buc.* III.

A copa do medronheiro é muito aberta, devido à redução das folhas e ao relativo afastamento das mesmas.

<sup>27</sup> Os renovos das videiras começam a brotar na primavera. Informa Sérvio que na Venécia, que é uma província mais fria, as vinhas cobrem-se de folhas bem tardiamente.



## TIRSIS

Aqui há uma lareira e tochas resinosas, aqui há sempre uma grande fogueira, e as ombreiras estão enegrecidas de fuligem permanente<sup>28</sup>; aqui nós cuidamos tanto dos frios de Bóreas<sup>29</sup> quanto o lobo do número das ovelhas ou os rios torrenciais [cuidam de suas margens<sup>30</sup>. 50

## CORIDÃO

Erguem-se os zimbros e castanheiros eriçados<sup>31</sup>; jazem por terra os frutos esparsos por aqui e por ali, cada um debaixo de sua árvore; agora tudo ri; porém, se o formoso Aléxis<sup>32</sup> se afastasse destes montes, até os rios verias secos. 55

## TIRSIS

O campo está seco; por corrupção do ar, a erva morre de sede; Líber negou às colinas as sombras dos pâmpanos; com a chegada da minha Fílida, todo bosque reverdecerá e Júpiter descerá abundantíssimo em chuva fecundante<sup>33</sup>. 60

<sup>28</sup> Coridão falou de como proteger seu rebanho do calor estival. Tírsis contrapõe-lhe as medidas que toma para livrar-se do frio do inverno.

Na gélida estação, os camponeses têm a lareira acesa dia e noite, no interior de suas casas. Por serem em geral humildes e também para concentração de calor, as casas não costumam ter chaminé. Por isso, a fuligem da combustão da lenha escurece os umbrais.

<sup>29</sup> Bóreas é a designação grega correspondente à latina "Áquilo", o vento norte, portador do frio e das procelas, das temidas "nortadas", no linguajar dos campônios e marinheiros. Personificava o próprio vento na figura de um velho coberto de cãs, sendo filho de Astreu e da Aurora.

<sup>30</sup> O sentido das imagens de Tírsis é este: não damos (plural enfático) a menor importância ao frio, tal como o lobo, quando ataca as ovelhas, não dá a mínima atenção a que falte alguma delas, ou o rio, na enchente, aos diques naturais de suas margens.

<sup>31</sup> O zimbro ou junípero é uma planta da família das pináceas (*Juniperus communis*), que se dá bem em terrenos arenosos e tem espinhos sempre verdes no lugar de folhas. Os seus frutos têm aplicação no preparo do gim ou da genebra, bem como na aromatização de conservas e carnes defumadas.

## THYRSIS

*Hic focus et taedae pingues, hic plurimus ignis  
semper, et adsidua postes fuligine nigri; 50  
hic tantum Boreae curamus frigora, quantum  
aut numerum lupus aut torrentia flumina ripas.*

## CORYDON

*Stant et iuniperi et castaneae hirsutae;  
strata iacent passim sua quaeque sub arbore poma;  
omnia nunc rident: at, si formosus Alexis 55  
montibus his abeat, uideas et flumina sicca.*

## THYRSIS

*Aret ager; uitio moriens sitiit aeris herba;  
Liber pampineas inuidit collibus umbras;  
Phyllidis aduentu nostrae nemus omne uirebit,  
Iuppiter et laeto descendet plurimus imbri. 60*

Sobre o castanheiro vd. nota n.º 49 à *Buc.* I.

O adjetivo "hirsutae" quadra bem ao zimbro, mas ao castanheiro só por transferência, porquanto os ouriços, em cujo interior ficam alojados os frutos, é que são eriçados de espinhos. Árvore e fruto dizem-se *castanea*.

<sup>32</sup> A estação outonal é sorridente ("omnia nunc rident", v. 55) de frutos maduros caindo das árvores. Porém, se o "formosus Alexis" partisse, tudo ficaria imerso na maior *secura*, na mais completa desolação.

A alusão a Aléxis, paixão de Coridão, leva-nos de volta à *Buc.* II. Isto serviu a muitos estudiosos obcecados pela cronologia da composição para situarem esta *Buc.* VII depois da II, bem como para uma tentativa de identificação do pastor.

<sup>33</sup> A resposta de Tírsis segue a mesma simetria antitética das réplicas anteriores. Sua amada Fílida, ao chegar, fará reviver a natureza morta e ressequida.

Líber seria um deus itálico, posteriormente assimilado a Baco. O pai dos deuses e da luz (daí Ζεύς — Júpiter) comanda todos os fenômenos que ocorrem no céu. Júpiter relampeia, troveja, neva, chove, orvalha.

## CORIDÃO

O choupo é agradabilíssimo ao Alcida<sup>34</sup>, a vide a Iaco<sup>35</sup>, à formosa Vênus o mirto<sup>36</sup>, a Febo o seu loureiro<sup>37</sup>; Fílida ama as aveleiras<sup>38</sup>; enquanto Fílida as amar, nem o mirto nem o loureiro de Febo superarão as aveleiras.

## TIRSIS

O freixo<sup>39</sup> é a mais bela árvore dos bosques; o pinheiro, a dos jardins<sup>40</sup>; o choupo, a dos rios; o abeto<sup>41</sup>, a dos altos montes; mas se tu, formoso Lícidas<sup>42</sup>, com mais freqüência me visitasses, te cederia o freixo dos bosques, o pinheiro dos jardins.

## MELIBEU

Recordo-me destas coisas e de que Tírsis, vencido, contendia em vão. Desde esse tempo, Coridão é para nós Coridão.

<sup>34</sup> Hércules, neto de Alceu. Este é pai de Anfitrão, de cuja mulher Alcmena, enganada por Júpiter, nasceu Hércules.

O choupo é uma árvore da família das salicáceas também denominada álamo. Os antigos conheciam as três variedades: *Populus alba*, *nigra* e *lybisca*. Dá-se bem nas margens dos rios (cf. v. 66, *infra*), elevando-se a grandes alturas. Era consagrado a Hércules (cf. *Enéida*, VIII, 276) porque, segundo Sérvio (*ad Buc.* VII, 61, p. 91, e *ad Aen.* VIII, 276, vol. II, p. 236, da ed. de Thilo), o semideus fez dele uma coroa para si, quando regressava dos infernos.

<sup>35</sup> Um dos nomes de Baco. Provém do grego ἴα, voz, clamor, ou de ἰάχω, vociferar.

<sup>36</sup> O mirto, ou murta, é um arbusto da família das mirtáceas, muito usado em cercas vivas. Produz uma baga de sabor acentuado e agradável odor, da qual os antigos faziam vinho e extraíam óleo, além de a utilizarem como condimento antes da descoberta da pimenta. Dos ramos faziam coroas para os poetas, os heróis, os comensais e os noivos. Era consagrado a Vênus, também denominada Múrcia e Mirteia. Sérvio explica as razões (*ad Buc.* VII, 62 e *ad Georg.* II, 64): A deusa, recém-nascida das águas do mar, saiu nua a terra; para não ser vista, escondeu-se nesse arbusto. Ou, acrescenta o comentador, por o mirto ser frágil como o amor inconstante. Ou ainda por seu agradável perfume. Porém, ao explicar o v. 64 da *Geórg.* II, esquecendo-se das razões que antes alegou, dá novas explicações: "Ou porque esta árvore se dá bem no litoral e diz-se que Vênus foi gerada do

## CORYDON

*Populus Alcidae gratissima, uitis Iaccho,  
formosae myrtus Veneri, sua laurea Phoebo,  
Phyllis amat corylos; illas dum Phyllis amabit,  
nec myrtus uincet corylos, nec laurea Phoebi.*

## THYRSIS

*Fraxinus in siluis pulcherrima, pinus in hortis,* 65  
*populus in fluiuis, abies in montibus altis:  
saepius at si me, Lycida formose, reuisas,  
fraxinus in siluis cedat tibi, pinus in hortis.*

## MELIBOEVS

*Haec memini, et uictum frustra contendere Thyrsim.*  
*Ex illo Corydon Corydon est tempore nobis.* 70

mar, ou porque, segundo apontam os livros dos médicos, esta árvore é boa para muitíssimas necessidades das mulheres" (p. 223 da ed. de Thilo).

<sup>37</sup> Vd. nota n.º 31 à *Buc.* III.

<sup>38</sup> Vd. nota n.º 11 à *Buc.* I.

<sup>39</sup> O *Fraxinus excelsior* é uma árvore que pertence à família das oleáceas. Sua folha é apreciada pelos animais, depois de o pastor ou camponês a riparem dos galhos ou cortarem estes para o chão. A madeira tem vários usos, como na construção de casas e para cabos de lanças e alfaias agrícolas. Era crença dos antigos que a sombra fresca do freixo repelia as cobras. Plínio, XVI, 13, dá muitas informações a respeito dessa crença.

<sup>40</sup> O pinheiro, na sua variedade *Pinus culta*, era muito cultivado e apreciado pelos antigos nos jardins de suas residências e templos.

<sup>41</sup> Abeto é designação comum às espécies dos gêneros *Abies* e *Picea*, plantas ornamentais das regiões temperadas. Hoje, o seu interesse como produtor de celulose superou o ornamental, o que, de resto, aconteceu com outras árvores como o pinheiro e eucalipto.

<sup>42</sup> De acordo com Léon Herrmann, *op. laud.*, pp. 166-68, o pastor Lícidas seria "máscara" do poeta Horácio. O personagem, que aparece neste v. 67, só na *Buc.* IX toma a palavra, como interlocutor de Méris. Escoliastas e eruditos identificam-no, porém, com outros poetas: Filargírio (proêmio à *Buc.* IX, p. 167 da ed. de Hermanus Hagen), com Cornélio Galo; Bethe (cit. por L. Herrmann, p. 168, n. 7), com o próprio Virgílio; Mancini (Id. *ibid.*), com um inimigo do Mantuano.

O nome tirou-o Virgílio do pastor de cabras do idílio VII de Teócrito.

### ARGUMENTO DA BUCÓLICA VIII

Depois de uma introdução onde anuncia que vai relatar os cantos de dois pastores, Damão e Alfesibeu (vv. 1-5), o poeta dedica esta bucólica ao seu protetor Asínio Polião, quando o vencedor da campanha da Ilíria retornava a Roma para celebrar o triunfo (vv. 6-13). Damão entra em cena cantando a desdita de um pastor traído e abandonado que lança mão do suicídio como último recurso de seu amor infeliz (vv. 14-61). Alfesibeu replica descrevendo os gestos mágicos e as cerimônias bizarras de uma mulher que tudo tenta para trazer de volta o perjuro Dáfnis, seu amado (vv. 62-109).



MOSAICO DE CENAS DE VIRGÍLIO,  
achado perto de Langport Somerset (Inglaterra)  
Séc. IV d.C. Castle Museum, Taunton

BUCÓLICA OITAVA

Diremos o canto<sup>1</sup> dos pastores Damão e Alfesibeu<sup>2</sup>,  
dos quais se admirou a novilha esquecida das ervas<sup>3</sup>,  
enquanto disputavam, por cujo canto os lince ficaram  
estupefatos e os rios mudados detiveram seus  
cursos; diremos o canto de Damão e Alfesibeu.

Ó tu, seja que já transponhas para mim<sup>5</sup> as rochas do grande  
Timavo<sup>6</sup>, seja que percorras a costa do mar ilírico, acaso chegará  
em algum tempo aquele dia em que me será permitido cantar  
teus feitos? Virá o dia em que me seja lícito espalhar pelo orbe  
inteiro os teus poemas, os únicos dignos do coturno de  
Sófocles?<sup>7</sup> Por ti principiei; por ti acabarei: aceita os versos

<sup>1</sup> No texto, "Musam" (vv. 1 e 5), repetido "ne longum hyperbaton sensum confunderet" (Sérvio, p. 92 da ed. de Thilo). Virgílio, tal como em *Buc.*, I, 2, e VI, 8, emprega o termo como sinônimo de "canto", etc. (vd. nota n.º 3 à *Buc.* I). Em *Buc.*, III, 60 e 84; IV, 1; VI, 69; e VII, 19, a palavra tem sentido real: a Musa, as Musas.

<sup>2</sup> Dois pastores, tal como em *Buc.*, III, 22, e V, 73.

<sup>3</sup> O canto dos poetas possui o dom maravilhoso da lira de Orfeu: animais domésticos e bravios, rios e todos os seres inanimados são afetados pela magia dos sons, na escala do sensível ao insensível (cf. *Buc.*, III, 46, e nota n.º 24, bem como VI, 27 sq., 71, 86).

<sup>4</sup> O carro de Baco era puxado por tigres, panteras e lince. O lince é um mamífero carnívoro, da família dos felídeos, comum na África e Índia, com a pele sarapintada à maneira da onça ("lynxes Bacchi uariae", *Geórg.*, III, 264). Os antigos diziam que seu olhar atravessava os corpos opacos, donde a expressão "olho de lince" (cf. a expressão de Plínio, XXVIII, 8: "peregriinae sunt et lynces, quae clarissime omnium cernunt").

<sup>5</sup> "Mihi": ein Dat. ethicus: er drückt die gemüthvolle, aufrichtige Freude über die Rückkehr des Pollio aus", na opinião de Glaser, referida por Cartault, *op. laud.*, p. 289 e n. 4.

O poeta dedica esta *Buc.* a Polião, no momento em que este, "imperator et poeta" (Sérvio), voltava da Ilíria a Roma para celebrar seu triunfo sobre os "Parthini" (vd. nota n.º 7, *infra*). O "mihi" revelaria a parte de interesse pessoal de Virgílio nessa comemoração, interrogando-se acerca do tempo em que poderá "tua dicere facta" (v. 8). Penso que nesta pergunta enfática o poeta deixa assomar, uma vez mais, os seus planos de entrar no gênero épico.

BVCOLICA

VIII

*Pastorum musam Damonis et Alphesiboei,  
immemor herbarum quos est mirata iuuenca  
certantis, quorum stupefactae carmine lynces,  
et mutata suos requierunt flumina cursus,  
Damonis musam dicemus et Alphesiboei.*

*Tu mihi seu magni superas iam saxa Timauī,  
siue oram Illyrici legis aequoris, en erit umquam  
ille dies, mihi cum liceat tua dicere facta?  
En erit ut liceat totum mihi ferre per orbem  
sola Sophoclea tua carmina digna coturno?  
A te principium; tibi desinam: accipe iussis*

<sup>6</sup> O Timavo é um rio que divide a Istria da Dalmácia nascendo na região montanhosa e rochosa (*saxa*) de Goritz, e desaguando no Adriático (Mar Ilírico) a norte do golfo de Tergeste (Trieste).

<sup>7</sup> A *Ode* 1 do livro II de Horácio é dedicada ao talento literário — oratório, histórico e poético — de Polião:

... nox, ubi publicas  
Res ordinariis, grande munus  
Cecropio repetes cothurno,  
Insigne moesti praesidium reis  
Et consulenti, Pollio, curiae,  
Cui laurus aeternos honores  
Dalmatico peperit triumpho".  
(vv. 10-6)

"... quando tiveres concluído o teu relato dos acontecimentos históricos, voltarás à tua nobre tarefa e retomarás o coturno cecrópio (= ateniense), ó Polião, insigne defensor dos tristes réus, orador eloquente nas sessões do foro, tu a quem o loureiro proporcionou eternas honras por teu triunfo sobre os dálmatas."

Em *Sát.*; I, 10, 42, Horácio indica os temas genéricos das tragédias de Polião: "Pollio regum / facta canit."

Sobre o *cothurno* como símbolo da tragédia, vd. nota n.º 16 à *Buc.* VII. Sófocles já no tempo de Virgílio desfrutava do maior prestígio como autor de tragédias. Segundo a tradição, teria sido o autor de *Antígona* o introdutor do coturno nas representações dramáticas, a par de outros aperfeiçoamentos da técnica teatral.

começados às tuas ordens<sup>8</sup> e deixa que esta hera serpenteie em torno de tuas tēmporas por entre os louros da vitória<sup>9</sup>.

A sombra fria da noite mal partira do céu quando o orvalho na erva macia é mais agradável ao rebanho: Damão, apoiado na oliveira redonda<sup>10</sup>, começou assim: 15

Surge, Lúclifer<sup>11</sup>, e, precursor do dia benfazejo, trá-lo, enquanto eu, enganado pelo amor infeliz de Nisa<sup>12</sup>, minha companheira, me lamento e, morrendo<sup>13</sup>, invoco todavia na minha derradeira hora aos deuses, embora não tenha ganho nada em [tomá-los como testemunhas. 20

Começa comigo, ó minha flauta, os versos do Ménalo<sup>14</sup>. O Ménalo tem sempre um bosque retumbante e pinheiros que falam; sempre ele ouve os amores dos pastores<sup>15</sup> e Pã, que foi o primeiro a não deixar as flautas ociosas.

Começa comigo, ó minha flauta, os versos do Ménalo. 25 Nisa é dada a Mopso: o que nós, enamorados, não podemos esperar?<sup>16</sup> Já os grifos<sup>17</sup> se unirão aos cavalos e, no século seguinte, os tímidos gamos virão com os cães aos bebedouros.

<sup>8</sup> O poeta confessa que foi exortado por Asínio Polião a compor bucólicas. Em *Buc.*, VI, 9, já declarara: "Non iniussa cano". Há quem julgue (Sonntag) tratar-se de todas as *Bucólicas* já escritas até aqui, i.e., VIII, II, III, IV, V e VII, constituindo um volume oferecido a Polião; e quem pense que o poeta oferece todas as *Bucólicas*, exceto a X (Feilchenfeld). Cartault. *op. laud.*, p. 292, não concorda com nenhuma das teses, porque, na *Buc.* III, o poeta chama Polião simplesmente de seu leitor (v. 85), e ainda porque existe identidade de termos, a indicar identidade de referência, com *Geórg.*, III, 40 sq.: "Interea Dryadum siluas saltusque sequamur/intactos, tua, Maecenas, haud mollia iussa".

Os "carmina" de que se trata aqui foram escritos, por conseguinte, a conselho direto de Asínio Polião. O caso tem sido muito discutido, não existindo interpretação segura, tanto para o "iussis... tuis" (vv. 11-2 da *Buc.* VIII), quanto para o "tua... iussa" (v. 41 da *Geórg.* III).

<sup>9</sup> Sobre a hera e o louro para coroar poetas e heróis, vd. nota n.º 15 à *Buc.* IV. Polião reunia as duas condições para receber uma coroa mista.

<sup>10</sup> Os pastores têm o costume de encostar-se ao cajado, quando tocam e cantam suas árias favoritas. Nos afrescos e baixos-relevos da arqueologia romana, é comum a representação dessa atitude.

Em Teócrito, idílio VII, 18-9, o poeta Lícidas, disfarçado de pastor, *ροικάν δ' ἔχεν ἀργελαῖνον / ὀβριτε*, tem na mão direita um cajado curvo de oliveira brava.

Pode interpretar-se também "tereti... oliuae" (v. 16) como sendo a própria oliveira à qual se encostava o pastor, opinião de Cartault (*op. laud.*, p. 295). Com base no costume tradicional dos pastores que perdura até hoje, opto pela primeira interpretação, tanto mais que o "incumbens" aponta nesta direção, o que, aliás, o mesmo estudioso admite.

*carmina coepta tuis, atque hanc sine tempora circum  
inter uictricis hederam tibi serpere laurus.*

*Frigida uix caelo noctis decesserat umbra,  
cum ros in tenera pecori gratissimus herba, 15  
incumbens tereti Damon sic coepit oliuae:*

"Nascere, praeque diem ueniens age, Lucifer, almum  
coniugis indigno Nysae deceptus amore  
dum queror, et diuos (quamquam nil testibus illis  
profeci) extrema moriens tamen adloquor hora. 20

*Incipe Maenalius mecum, mea tibia, uersus.  
Maenalus argutumque nemus pinosque loquentis  
semper habet; semper pastorum ille audit amores  
Panaque, qui primus calamos non passus inertis.*

*Incipe Maenalius mecum, mea tibia, uersus. 25  
Mopso Nysa datur: quid non speremus amantes?  
Iungentur iam grypes equis, aeuoque sequenti  
cum canibus timidi uenient ad pocula dammae.*

<sup>11</sup> Vênus, estrela d'alva, etc. (vd. nota n.º 41 à *Buc.* VI).

<sup>12</sup> Nisa, sua amada, não corresponde ao seu amor ("indigno amor", v. 18).

<sup>13</sup> Suicídio de amor? Tema introduzido na poesia alexandrina por Teócrito. No final do seu canto (vv. 59-60), Damão, dizendo adeus às florestas, confirma sua intenção de auto-aniquilar-se. Cf. atrás, p. 188, n. 5.

<sup>14</sup> Refrão a pontuar o canto do pastor, a exemplo de Teócrito que, na sua obra-prima, "uma das obras-primas da poesia grega", "uma obra-prima da literatura de amor universal" (Legrand, *op. laud.* p. 94) — o idílio II —, emprega dois refrões, um por vez, na boca de Simaita, em frases sucessivas de seus queixumes de amor não correspondido.

O Ménalo (atualmente Diaforti) é um monte da Arcádia, pátria de pastores e poetas, consagrado a Pã e às Musas. Em *Buc.*, X, 14, 15, tem o epíteto de "pinifer". Os "maenalius uersus" são, portanto, os versos arcádicos e bucólicos.

<sup>15</sup> Mais um exemplo da simbiose homem-natureza. O monte e a mata participam dos amores e sentimentos dos pastores, além do próprio deus Pã.

<sup>16</sup> Mopso é o rival de Damão. Na *Buc.* V, ele é pastor de cabras e músico, cantando versos amebeus com Menalca.

<sup>17</sup> O grifo é um animal fabuloso, de focinho e asas de águia, e de corpo e garras de leão, ave e quadrúpede ao mesmo tempo, que nasce nos montes hiperbóreos. Era consagrado a Apolo.

Por constituir o símbolo da vigilância, representavam-no sobre os sarcófagos como sentinela do Além. Narra Heródoto, em III, 116 e IV, 13, que os grifos eram guardiães dos tesouros contra os assaltos dos arismapos, os quais possuíam um único olho e andavam sempre a galope em cavalos extremamente velozes. Daí as más relações entre grifos e cavalos.

Sérvio interroga-se quanto à interpretação: a união dos grifos aos cavalos será no jugo, ou será no coito? O verso a seguir dá a resposta: "os tímidos

Começa comigo, ó minha flauta, os versos do Ménalo. 28a  
Mopso, talha novas tochas: a esposa te é trazida; esparze  
as nozes<sup>18</sup>, ó marido: por ti, Vésper deixa o Eta<sup>19</sup>. 30

Começa comigo, ó minha flauta, os versos do Ménalo.  
Oh desposada com um digno marido<sup>20</sup>, enquanto a todos  
desprezas e enquanto a minha flauta e as minhas cabras e o meu  
supercílio eriçado e a minha barba crescida te causam horror,  
e acreditas que nenhum dos deuses cuida das coisas mortais! 35

Começa comigo, ó minha flauta, os versos do Ménalo.  
Em nossos cercados eu te vi, em pequena, colher com  
tua mãe maçãs cobertas de orvalho (era eu o vosso guia);  
já então eu entrara no primeiro ano depois do undécimo<sup>21</sup>;  
eu já podia, do chão, alcançar os ramos frágeis: mal te vi, 40  
logo me perdi, logo um funesto desvario me arrebatou!<sup>22</sup>

Começa comigo, à minha flauta, os versos do Ménalo.  
Agora sei o que é o amor: O Tmaro ou o Ródope ou

gamos virão com os cães aos bebedouros". Em minha opinião, é mais um exemplo de *ἀδουατία*, para enfatizar o desconcerto dos apaixonados quando acontece o impossível com seus amores.

Ao concluir a primeira parte de *Mensagem*, Fernando Pessoa intitula os versos dedicados ao Infante D. Henrique, o Navegador, de "A Cabeça do Grypho"; os a D. João II, de "Uma Asa do Grypho"; e os dedicados a D. Afonso de Albuquerque, de "A Outra Asa do Grypho".

<sup>18</sup> Ritual dos esponsais, extensamente comentado por Sérvio. As tochas destinam-se a alumiar o cortejo que leva a noiva a casa do noivo; as nozes espalhadas simbolizam a renúncia do noivo aos brinquedos e jogos da infância, para dedicar-se tão-somente aos deveres do seu novo estado (cf. Catulo, LXI, 128 sq., e a expressão proverbial "nucis relinqueret" — Plínio, I, 10); acrescenta Sérvio que os "catamiti", jovens efeminados que se prostituíam, espalhavam nozes, i.e., os folguedos da infância, para significar seu desdém por tudo quanto pertencia à idade pueril, quando se apartavam da "turpi seruitio" (p. 97 da ed. de Thilo). Segundo outros, as nozes, também ditas "inglandes" ou "glandes de Júpiter", atraíam a proteção do deus para que a noiva se tornasse uma respeitável matrona como Juno (Varrão, citado por Sérvio). Dizem outros ainda que espalhar nozes abafava a voz da donzela no momento de depor a virgindade; e outros, por último (*u. g. Festo*), que, ao lançar as nozes pelo chão, podia tirar-se um presságio, como quando se examinam os grãos deixados cair pelas aves, nos rituais divinatórios de origem etrusca.

Sérvio fala também dos que reputam a noz como afrodisíaco, narrando

*Incipe Maenlios mecum, mea tibia, uersus.* 28a  
*Mopse, nouas incide faces: tibi dicitur uxor;*  
*sparge, marite, nucis: tibi deserit Hesperus Oetam.* 30

*Incipe Maenlios mecum, mea tibia, uersus.*  
*O digno coniuncta uiro, dum despicias omnis,*  
*dumque tibi est odio mea fistula dumque capellae*  
*hirsutumque supercilium promissaque barba,*  
*nec curare deum credis mortalia quemquam!* 35

*Incipe Maenlios mecum, mea tibia, uersus.*  
*Saepibus in nostris paruam te roscida mala*  
*(dux ego uester eram) uidi cum matre legentem;*  
*alter ab undecimo tum me iam acceperat annus;*  
*iam fragilis poteram a terra contingere ramos:* 40  
*ut uidi, ut perii, ut me malus abstulit error!*

*Incipe Maenlios mecum, mea tibia, uersus.*  
*Nunc scio quid sit Amor: duris in cautibus illum*

a história de Cária, filha do rei Dião da Lacônia, a qual foi convertida em nogueira por Baco, seu amante.

<sup>19</sup> Vésper é o planeta Vênus, estrela vespertina, neste caso (vd. nota n.º 41 à *Buc.* VI).

O Eta é um monte da Tessália, do alto do qual parecia ver-se o ocaso das estrelas. A retirada de Vésper anunciava a chegada da noite e, com ela, o início do cortejo que levaria a noiva à casa do noivo.

<sup>20</sup> Exclamação carregada de ironia e indignação, por despeito. Os epítetos *hirsutum* (eriçado) e *promissa* (crescida) reforçam o contraste com *digno*, para traduzir o estado de desespero em que se encontra o pastor.

<sup>21</sup> Perífrase ao gosto (e necessidade métrica) dos poetas, significando doze anos. Sérvio não tem razão ao interpretar que o pastor quer dizer que tinha 13 anos por estar perto da puberdade (?), "quod de duodecimo anno procedere non potest" (ed. de Thilo, p. 97). Como se houvesse uma idade fixa para ingressar na puberdade!

<sup>22</sup> Definição sintética do sortilégio do amor. Comentando estes versos, diz Sellar (*The Roman Poets of the Augustan Age — Virgil*, 3.ª ed., p. 150): "The lines of most exquisite grace and tenderness in the poem — lines which have been pronounced the finest in Virgil and the finest in Latin literature by Voltaire and Macaulay".

A repetição anafórica da conjunção, aliada ao emprego dos verbos no mesmo tempo e ao crescendo intensivo das palavras do verso, dá a nítida impressão de um amor turbulento e fatal que inesperadamente irrompeu no coração do apaixonado.

os garamantes<sup>23</sup> dos confins dão à luz em duras rochas  
um filho que não é da nossa raça nem do nosso sangue. 45

Começa comigo, ó minha flauta, os versos do Ménalo.

O fero amor ensinou a mãe a manchar suas mãos com  
o sangue dos filhos<sup>24</sup>; também tu, ó mãe, foste cruel: foi  
mais cruel a mãe, ou mais pérfido aquele filho?  
Pérfido o filho; cruel tu o foste igualmente, ó mãe. 50

Começa comigo, ó minha flauta, os versos do Ménalo.

Agora que o lobo fuja espontaneamente das ovelhas;  
que os duros carvalhos produzam maçãs de ouro; que o olmo  
floresça com narciso, o âmbar untuoso exsude da casca do  
tamarindo, as corujas disputem com os cisnes, Títiro seja 55  
um Orfeu nos bosques, um Arião entre os golfinhos<sup>25</sup>.

Começa comigo, ó minha flauta, os versos do Ménalo.

Que tudo se torne alto-mar<sup>26</sup>. Adeus, bosques:  
do píncaro elevado eu me precipitarei nas águas;  
fica com este último dom de um moribundo. 60

Deixa, deixa imediatamente, ó flauta, os versos do Ménalo.”

Estas coisas Damão cantou. Vós, Piérides<sup>27</sup>, dizei  
o que Alfesibeu replicou: nem tudo podemos todos.

<sup>23</sup> O Tmaro é um monte do Epiro, célebre por seu bosque de cem fontes consagrado a Júpiter.

O Ródope fica na Trácia, sendo famoso por suas neves. Os garamantes são um povo africano do Sul da Numídia.

<sup>24</sup> Prosseguem as imprecações contra o Amor. Após dar mostras de seus conhecimentos geográficos, o pastor faz alusões mitológicas. A mãe que mancha suas mãos com o sangue dos filhos é Medeia, a qual os degolou por ciúme de Jasão, a fim de castigá-lo com a morte dos dois filhos de ambos, depois de ter sido trocada por Glauce, ou Creusa, filha de Creonte, rei de Corinto (vd. nota n.º 41, *infra*).

<sup>25</sup> Sequência de ἀδύνατα, tão ao gosto do nosso poeta, para realçar quão desesperada e irreversível é a sua condição de apaixonado traído. Foi vítima de tal perfídia que pouco lhe importa o desconcerto universal das leis da natureza!

Arião foi um célebre cantor e poeta lírico, natural de Metimna, na ilha de Lesbos. Conta-se que foi o inventor do ditirambo. Emigrou para a Magna Grécia, estabelecendo-se em Tarento, onde enriqueceu com sua arte. No retorno à pátria, os marinheiros decidiram matá-lo para ficarem com seus bens. Pediu que o deixassem cantar, como desejo derradeiro. No alto da popa, entoou um canto órtio aos deuses marinhos, findo o qual se lançou ao mar. Acorreu um golfinho, que o tomou no dorso, levando-o a salvo

*aut Tmaros aut Rhodope aut extremi Garamantes  
nec generis nostri puerum nec sanguinis edunt. 45*

*Incipe Maenlios mecum, mea tibia, uersus.*

*Saeuos Amor docuit natorum sanguine matrem  
commaculare manus; crudelis tu quoque, mater:  
crudelis mater magis, an puer improbus ille?  
Improbus ille puer; crudelis tu quoque, mater. 50*

*Incipe Maenlios mecum, mea tibia, uersus.*

*Nunc et ouis ultro fugiat lupus; aurea durae  
mala ferant quercus, narcisso floreat alnus,  
pinguia corticibus sudent electra myricae,  
certent et cynis ululae, sit Tityrus Orpheus, 55  
Orpheus in siluis, inter delphinas Arion.*

*Incipe Maenlios mecum, mea tibia, uersus.*

*Omnia uel medium fiat mare. Viuite, siluae:  
praeceps aerii specula de montis in undas  
deferar; extremum hoc munus morientis habeto. 60*

*Desine Maenlios, iam desine, tibia, uersus.”*

*Haec Damon. Vos, quae responderit Alpheisiboeus,  
dicite, Pierides: non omnia possumus omnes.*

até ao promotório Tenaro da Lacônia. O tirano Periandro de Corinto acolheu-o e mandou perseguir os marinheiros, aos quais infligiu pesado castigo. Júpiter premiou o golfinho transformando-o em constelação (cf. Ovídio, *Fastos*, II, 80 sq., e Aulo Gélíio, *Noites Áticas*, XVI, 19).

<sup>26</sup> “Diluuium fiat!” (Sérvio). Que o mar invada a terra, após a minha morte! Damão reafirma seu propósito, o suicídio. Os críticos apontam as fontes desta *Buc.* como sendo, basicamente, os idílios III (para a primeira parte) e II (para a segunda) de Teócrito, mas o Mantuano colhe impressões em diversas partes de distintos idílios (*u. g.* I e XI). No idílio III, vv. 25 sq., o pastor de cabras, apaixonado por Amarilide, tenta recuperar seu amor mediante queixumes, ameaças de suicídio, promessas, provocações de ciúme, e um canto, terminando por deitar-se no chão à espera dos lobos que virão comê-lo. Quando anuncia o suicídio, diz que vai saltar para as ondas e, se morrer da queda, sua amada ficará satisfeita.

Virgílio supera a fonte em realismo. O pastor de Teócrito faz uma simples ameaça; o de Virgílio dá a impressão clara de ir cumprir a ameaça; pára de cantar, dizendo dramaticamente, antes do refrão alterado para remate: “extremum hoc munus morientis habeto” (v. 60).

<sup>27</sup> Vd. nota n.º 46 à *Buc.* III. O tema que vai tratar excede suas forças; por isso, o poeta apela às Musas da Piéria para relatarem o canto de Alfesibeu.

“Trazê água e circunda este altar com uma fita flexível e queima verbenas carnudas e incenso macho, para que eu tente com ritos mágicos desvairar a sã razão do meu amante: nada falta aqui a não ser os encantamentos<sup>28</sup>.”

65

Encantamentos meus, conduzi Dáfnis, conduzi-o da cidade a minha casa. Os encantamentos podem até fazer descer a lua do céu; por meio de encantamentos, Circe metamorfoseou os companheiros de Ulisses<sup>29</sup>; nos prados, a gelada serpente [arrebenta<sup>30</sup> por efeito de encantações.

70

Encantamentos meus, conduzi Dáfnis, conduzi-o da cidade [a minha casa. Primeiro, eu te circundo com estes três fios diferentes de tríplice cor<sup>31</sup>, e conduzo três vezes a tua imagem em torno deste altar: a divindade<sup>32</sup> se compraz com o número ímpar<sup>33</sup>.

75

Encantamentos meus, conduzi Dáfnis, conduzi-o da cidade [a minha casa. Ata com três nós,<sup>34</sup> Amarílde, cada uma das três cores; ata-as logo, Amarílde, e dizê: “Ato os laços de Vênus”.

Encantamentos meus, conduzi Dáfnis, conduzi-o da cidade [a minha casa.

Assim como esta argila endurece e está cera se derrete

80

<sup>28</sup> A magia, na época de Virgílio, estava muito em voga. A cena é imitada do idílio II de Teócrito (vd. nota n.º 26, *supra*). A mágica anônima diz à serva que traga água lustral, coloque em torno do altar a fita ritual de lã e queime ervas e incenso, a fim de, com tais poderes, influir na mente do seu amado Dáfnis e trazê-lo de volta da cidade ao campo e ao seu amor.

<sup>29</sup> Famoso episódio narrado por Homero (*Odisséia*, X, 203 sq.), no qual a feiticeira Circe transforma em porcos os companheiros de Ulisses.

<sup>30</sup> Alusão a uma prática ritual característica dos marsos, um povo do Lácio muito dado a encantamentos e adivinhações (cf. Plínio, VII, 2) e que, por sinal, era oriundo de Marso, filho de Circe. Este povo, dominado pelos samnitas, conhecia processos de confeccionar remédios à base de ervas, contra o veneno das cobras que abundam naquela região.

<sup>31</sup> Com os fios enrolados em torno da imagem, a mágica pretende amarrar seu amado infiel à sua vontade. As três cores rituais eram branco, rosa e negro.

“Effer aquam, et molli cinge haec altaria uitta, uerbenasque adole pinguis et mascula tura, coniugis ut magicis sanos auertere sacris experiar sensus: nihil hic nisi carmina desunt.”

65

Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.  
Carmina uel caelo possunt deducere lunam;  
carminibus Circe socios mutauit Ulixi;  
frigidus in pratis cantando rumpitur anguis.

70

Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.  
Terna tibi haec primum triplici diuersa colore  
licia circumdo, terque haec altaria circum  
effigiem duco: numero deus impare gaudet.

75

Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.  
Necte tribus nodis ternos, Amarylli, colores;  
necte, Amarylli, modo et “Veneris” dic “uincula necto”.

Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.  
Limus ut hic durescit, et haec ut cera liquescit

80

<sup>32</sup> A deusa das práticas de magia era Hécate, de tríplice poder (denominada Tergêmina e Triforme pelos poetas): nos céus é *Lua*; na terra, *Diana* e *Lucina*; nos infernos, *Prosérpina*.

<sup>33</sup> O número três, indivisível por inteiro, na filosofia pitagórica é o número perfeito, atribuído ao deus supremo, começo, meio e fim. Lembra Sérvio uma longa série de exemplos: o raio de Júpiter é trifido, o bastão de Netuno é tridente, o cão de Plutão é tricípite, as Parcas são tríplexes, etc. Acrescenta Sérvio que o poeta empregou “ímpare” por causa da métrica, quando deveria ser “ab hoc impari”. É que, penso eu, números ímpares como 9, 15, 25, 27, etc., são divisíveis por outros ímpares...

<sup>34</sup> Exemplo de *βατερον πρότερον*, pois os nós precedem naturalmente o envolvimento da efígie com as fitas. De outro modo, estas poderiam desfiar-se e neutralizar, e até inverter, o sortilégio. A menos que os nós se destinassem à amarração das fitas em torno da imagem, para mantê-las firmes no lugar certo; mesmo neste caso, o gesto precederia a condução em torno do altar.



por um só e mesmo fogo,<sup>35</sup> assim acontece com Dáfnis pelo meu amor. Esparze a farinha<sup>36</sup> e acende com betume<sup>37</sup> os loureiros frágeis. Dáfnis me queima, o malvado; eu queimo  
[este loureiro sobre Dáfnis.

Encantamentos meus, conduzi Dáfnis, conduzi-o da cidade  
[a minha casa.

Que um amor possua Dáfnis como à novilha<sup>38</sup> que, 85  
cansada de procurar o touro através das pastagens e dos bosques profundos, se deita à beira de um regato, na espadana<sup>39</sup> verde, perdida, nem se lembrando de esquivar-se à noite avançada; que um amor assim o domine, sem que eu me preocupe em  
[lhe dar remédio.

Encantamentos meus, conduzi Dáfnis, conduzi-o da cidade 90  
[a minha casa.

Estes despojos,<sup>40</sup> caros penhores do seu amor, um dia me deixou aquele pérfido; agora eu tos confio, ó terra, no próprio limiar: estes penhores me devem restituir Dáfnis.

<sup>35</sup> A simbologia é patente: o fogo faz endurecer o barro, tal como a operação da mágica torna duro e insensível para outras mulheres o seu amado, e firme e constante para ela; o fogo derrete a cera, assim como o amor recuperado o torna meigo, terno e inclinado para ela.

<sup>36</sup> A "mola salsa", farinha sagrada, de trigo torrado misturado com sal, a qual se espalhava sobre a cabeça das vítimas, nos sacrifícios. Também era, por vezes, oferecida sem mais nada. Daí o termo *immolare*, polvilhar de farinha com sal para o sacrifício.

<sup>37</sup> Sérvio refere uma convicção dos antigos sobre a origem do betume, que seria produzido pelo raio. Dá como exemplo a região da Babilônia, rica nesse material devido à frequência da queda de raios, e onde os lagos o expellem. Conta-se que a rainha Semíramis mandou usá-lo em vez de areia na construção das muralhas da cidade (cf. Justin., I, 2, e Vitruvius, VIII, 5).

Na Palestina existe o lago Asphaltite, atravessado pelo Jordão e no qual desembocam as torrentes de Arnon, Vibon e Zered, assim chamado pelos gregos (*Ἀσφαλτίτης*) por conter betume, um lodo untuoso e sulfuroso que ardia com facilidade.

Os geógrafos e naturalistas gregos e romanos ficavam estupefatos ante o petróleo nativo, a que os persas davam o nome de *naft*, a nossa *nafta*. Refira-se, como curiosidade, o relato bíblico, no estilo dos escritores hebraicos, do *Livro II dos Macabeus* (cap. I, vv. 18-36), de como foi preservado o fogo que permanentemente deveria arder no Templo de Jerusalém (cf. *Levitico*, VI, 5-6). Quando os judeus foram levados para a Pérsia, os sacerdotes ocultaram o fogo num poço esgotado, sem ninguém saber. Decorridos muitos anos, Neemias regressou para reedificar o templo e pediu aos descendentes dos sacerdotes que procurassem e trouxessem o fogo sa-

*uno eodemque igni, sic nostro Daphnis amore.  
Sparge molam et fragilis incende bitumine laurus.  
Daphnis me malus urit; ego hanc in Daphnide laurum.*

*Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.*

*Talis amor Daphnim, qualis cum fessa iuuentum 85  
per nemora atque altos quaerendo bucula lucos,  
propter aquae riuom, uiridi procumbit in ulua  
perdita, nec serae meminit decedere nocti,  
talis amor teneat, nec sit mihi cura mederi.*

*Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim. 90*

*Has olim exuias mihi perfidus ille reliquit,  
pignora cara sui; quae nunc ego limine in ipso,  
terra, tibi mando: debent haec pignora Daphnim.*

grado. Estes não o acharam, referindo ao chefe que o poço apenas continha uma água espessa. Neemias ordenou que aspergissem com ela a lenha e o altar dos sacrifícios. O sol incidente produziu a chama que logo consumiu a vítima, perante a admiração geral. O rei persa, informado, veio comprovar o fato, declarou sagrado o local e passou a explorar a "água espessa" com grandes lucros, diz o texto bíblico, que conclui: "Os companheiros de Neemias deram a esse líquido o nome de neftar, que quer dizer 'purificação', mas por muitos é chamado de nafta".

O betume é uma mistura líquida, sólida ou semi-sólida de hidrocarbonetos. O chamado "betume natural" é o asfalto obtido na natureza. Também é conhecido por "betume da Judéia", por ser retirado na antiguidade do lago Asphaltite.

<sup>38</sup> É muito expressivo o símile da novilha, possuída pelo amor do touro, a qual esquece tempo e lugar, absorta em sua paixão arrasadora.

<sup>39</sup> A espadana (*Sagittaria acutifolia*) é uma planta herbácea, aquática ou palustre, da família das alismatáceas, que tem aplicações ornamentais.

<sup>40</sup> É prática usual dos rituais mágicos servir-se das vestimentas ou dos objetos da pessoa sobre a qual recaem as encantações.

O perjuro será forçado a voltar para casa, a transpor o limiar que abandonou.

Virgílio segue de perto o modelo teocritiano. No idílio II, vv. 53-4, a mágica Simaita lança no fogo, aos poucos, a franja do manto perdida por seu infiel amante, para atraí-lo.

No IV livro da *Enéida*, vv. 493-98, a rainha Dido, para enganar sua irmã Ana, finge que uma feiticeira lhe prometeu curá-la de sua paixão, se queimar numa pira acesa no palácio todo o espólio do "ímpio" Enéias, as armas, as vestes e o próprio tálamo nupcial onde ela se perdeu.

Encantamentos meus, conduzi Dáfnis, conduzi-o da cidade  
[a minha casa.

Estas ervas e estes venenos colhidos no Ponto,<sup>41</sup> o próprio 95  
Mérís mos deu (nascem em grande quantidade no Ponto);  
eu vi Mérís muitas vezes se transformar em lobo<sup>42</sup> graças  
a eles e embrenhar-se nos bosques, muitas vezes eu o vi evocar  
as almas do fundo dos sepulcros e transportar para outro  
[campo as searas semeadas.<sup>43</sup>

Encantamentos meus, conduzi Dáfnis, conduzi-o da cidade 100  
[a minha casa.

Leva as cinzas para fora, Amarílíde, e lança-as na  
correnteza do regato, por cima da cabeça, sem te voltares.<sup>44</sup>  
Com isto eu atingirei a Dáfnis; ele não cuida de deuses nem de  
[encantações.

Encantamentos meus, conduzi Dáfnis, conduzi-o da cidade  
[a minha casa.

Olha: a mesma cinza, enquanto eu demoro a levá-la, 105  
espontaneamente envolveu o altar de chamas tremulantes.

<sup>41</sup> O Ponto é uma região da Ásia Menor, na orla meridional do Mar Negro (Pontus Euxinus), entre a Paflagônia, Armênia Menor e Armênia Maior. Foi o reino de Mitridates, vencido por Pompeu.

Pela serra Pariadres, o Ponto toca na Cólquida, pátria de Medeia (vd. nota n.º 24, *supra*), perita na confecção de poções venenosas como a que enviou a Creonte e a sua filha Glauce, esposa de Jasão. Era tão renomada a sua arte que Plínio (XXXVII, 10) lhe atribuiu a fama de ter inventado uma gema negra da qual escorria um líquido com sabor de vinho.

<sup>42</sup> Mérís é um pastor. Será o mesmo que recita versos de Menalcas para Lícidas, na *Buc.* IX? Nos vv. 53-4, Mérís confessa que sua memória está frouxa, a voz lhe falta e que os lobos o viram primeiro (vd. nota n.º 27 à *Buc.* IX). Esta alusão aos lobos induziu alguns comentadores a identificar os dois personagens (vd. nota n.º 2 à dita *Buc.*).

Os antigos (cf. Plínio, VIII, 22, 34) e, ainda hoje, a credice dos aldeões das serranias nordestinas de Portugal afiançam haver homens que se metamorfoseiam em lobos e vagueiam pela calada das noites de sexta-feira pelos caminhos e encruzilhadas, atemorizando os transeuntes até acharem quem os desencante desferindo-lhes golpes. São as conhecidas histórias de lobisomens.

<sup>43</sup> Mais duas crenças populares, no clima de magia que envolve o canto de Alfesibeu: a evocação das almas do Além e o malefício lançado sobre as sementeiras que as fazia mudar de campo, de proprietário.

*Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.*

*Has herbas atque haec Ponto mihi lecta uenena* 95  
*ipse dedit Moeris (nascuntur pluruma Ponto);*  
*his ego saepe lupum fieri et se condere siluis*  
*Moerim, saepe animas imis excire sepulcris,*  
*atque satas alio uidi traducere messis.*

*Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite* 100  
*[Daphnim.*

*Fer cineres, Amarylli, foras, riuoque fluenti*  
*transque caput iace, nec respexeris. His ego Daphnim*  
*adgrediar; nihil ille deos, nil carmina curat.*

*Ducite ab urbe domum, mea carmina, ducite Daphnim.*

*Aspice: corripuit tremulis altaria flammis* 105

Era tão comum e temida essa arte mágica que a própria Lei das XII Tábuas cominava severa punição contra quem ousasse lançar tal malefício sobre as culturas (cf. Plínio, XXVIII, 2, 4).

<sup>44</sup> Teócrito, idílio XXIV, 93-6, põe na boca do adivinho Tirésias instruções a Alcmena, mãe de Hércules, para que ordene a uma serva que lance num regato as cinzas das duas serpentes que o menino estrangulou no berço, recomendando a esta que retorne sem se voltar para trás.

Este gesto de lançar as cinzas por cima da cabeça, sem se voltar, descrito por Virgílio é diferente do descrito por Teócrito. Contudo, o Mantuano deve ter-se inspirado neste passo do idílio intitulado *Ἡρακλίσκος*.

Quando os sacerdotes atiravam na água os restos dos sacrifícios e também quando, de noite, de pés descalços e após lavadas as mãos três vezes seguidas, se lançavam favas pretas pela porta fora como se fossem assim alijados de casa os terrores das sombras ou dos espectros dos mortos, nas festas "Lemuria" celebradas pelos romanos no 7.º, 8.º e 9.º dia dos Idos de maio — tais gestos eram executados de costas, sem olhar para trás (cf. Ovídio, *Fastos*, V, 421 sq.).

É prática popular que já presenciei entre europeus a de atirar para trás das costas, sem se voltar, louça quebrada, que deve ouvir-se estilhaçar antes de a pessoa se afastar do local ermo adrede selecionado. Tal superstição provém, pois, do fundo dos tempos.

Que seja um bom augúrio!<sup>45</sup> Não sei ao certo o que será, e Hílix  
ladra na soleira.<sup>46</sup> É de acreditar? Ou os que amam fingem  
[sonhos eles próprios?  
Cessai, cessai logo, encantamentos meus: Dáfnis volta da  
[cidade.”

<sup>45</sup> O súbito reacender das chamas no altar é prenúncio favorável nos rituais das operações de magia.

<sup>46</sup> O cão Hílix, ladrando na soleira da porta, onde a mágica enterrara os

*sponte sua, dum ferre moror, cinis ipse. Bonum sit!  
Nescio quid certe est, et Hylax in limine latrat.  
Credimus? an qui amant ipsi somnia fingunt?  
Parcite, ab urbe uenit, iam parcite, carmina, Daphnis.”*

despojos de Dáfnis, fareja o dono que deve chegar. Estará confirmado o augúrio, ou será apenas uma ilusão de amor?

O refrão, alterado, dá a resposta: Dáfnis está de volta!

### ARGUMENTO DA BUCÓLICA IX

No calmo diálogo de mais dois pastores, Lícidas e Méris, está presente todo um drama produzido pela expropriação do patrimônio do amo ausente, Menalcas (vv. 1-16). O tema está intimamente ligado ao da *Buc.* I, tendo como cenário a mesma paisagem andino-mantuana que viu nascer o nosso poeta. Os dois amigos elogiam a arte de Menalcas (Virgílio), recitando seus versos que falam da vida simples do campo e dos amores rústicos de pastores e pastoras, aos quais não falta o pungir acerbo dos infelizes mantuanos e cremonenses expulsos de suas terras, para satisfazer aos soldados veteranos das guerras civis (vv. 17-50). O velho Méris, por sentir a memória abandoná-lo, deixa a Menalcas, seu amo, a tarefa de cantar seus próprios poemas, quando voltar (vv. 51-67).



### ALTAR RÚSTICO

em frente de um templo ornamentado com grinaldas.  
(alto-relevo romano executado em estuque)

## BUCÓLICA NONA

### LÍCIDAS<sup>1</sup>

Para onde, ó Méris,<sup>2</sup> teus pés te conduzem? acaso aonde leva  
[a estrada, à cidade?

### MÉRIS

Ó Lícidas, chegamos vivos para ouvir um estrangeiro (o que nunca tememos) proprietário do nosso pequeno domínio nos dizer: "Isto é meu; ide-vos embora, antigos cultivadores".<sup>3</sup> Agora vencidos e tristes, pois que a fortuna tudo subverte, nós lhe mandamos estes cabritos (que lhe façam mau proveito!).

### LÍCIDAS

Certamente eu ouvira dizer que o vosso Menalcas havia conservado tudo graças aos seus versos,<sup>4</sup> desde o local onde as colinas começam a abaixar-se e a inclinar o cimo em suave declive até à água e às velhas faias, cimos agora quebrados.<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Lícidas é um pastor jovem (cf. v. 66, *infra*), apaixonado por Amarílide (v. 22) e pela poesia pastoril (vv. 64 sq.), admirador do talento poético de Menalcas (vv. 17 sq.), e ele mesmo um poeta cômico de suas limitações na arte das Musas (vv. 32 sq.). Em *Buc.*, VII, 67, Lícidas aparece, de passagem, como "formosus" (vd. nota n.º 42 *ad loc. laud.*).

<sup>2</sup> Méris é um velho (vv. 51 sq.) servo fiel de Menalcas, quiçá o mesmo que aparece em *Buc.*, VIII, 96 e 98 (vd. nota n.º 42 *ad loc. laud.*) e que, contrafeito, leva cabritos à cidade de Mântua, ao beneficiário da espoliação de seu amo (vv. 2-6). No processo de desapropriação, esteve a ponto de ser morto junto com Menalcas (v. 16).

<sup>3</sup> O sentido é este, por antífrase: antes morrêssemos que ouvirmos a amarga afronta da expulsão do que é nosso.

"Haec mea sunt" (v. 4) era uma fórmula jurídica de "uindicatio rei": "Die solemne Formel lässt darauf schliessen, dass die Inanspruchnahme

## BVCOLICA

### IX

### LYCIDAS

*Quo te, Moeri, pedes? an, quo uia ducit, in urbem?*

### MOERIS

*O Lycida, uiui peruenimus, aduena nostri  
(quod nunquam ueriti sumus) ut possessor agelli  
diceret: "Haec mea sunt; ueteres migrate coloni."  
Nunc uicti, tristes, quoniam fors omnia uersat,  
hos illi (quod nec uertat bene!) mittimus haedos.*

### LYCIDAS

*Certe equidem audieram, qua se subducere colles  
incipiunt mollique iugum demittere cliuo,  
usque ad aquam et ueteres, iam fracta cacumina, fagos,  
omnia carminibus uestrum seruasse Menalcan.*

im Wege eines Prozesses erfolgt ist" (M. Sonntag, *Vergil als bucolischer Dichter*. Leipzig, B. G. Teubner, 1891, p. 143).

Ao que se deduz do v. 14 ("nouas... litis"), houve uma ação judicial pela posse das terras confiscadas de Menalcas.

<sup>4</sup> Correrá a fama de que foi a condição de poeta e seus versos que valeram a Menalcas a conservação de sua propriedade. Num belo simile, Méris vai desmentir o boato com o reconhecimento de que a arte literária pouco vale diante da força das armas (vv. 11-3). A este propósito, Sêrvio lembra bem a expressão de Cícero no *Pro Milone*, 4, 11: "silent enim leges inter arma", que me faz evocar, antifrasticamente, aquela veemente e irada exclamação de protesto do grande orador: "Cedant arma togae!" (*In Pison.*, 30).

<sup>5</sup> O poeta compraz-se em descrever a paisagem do seu *agellus* à beira do Míncio, notando com nostalgia que as pontas cimeiras das velhas faias já foram cortadas pelo usurpador (v. 9).

Tinha-lo ouvido, e o rumor se espalhou; mas os nossos versos, ó Lícidas, têm tanta força entre as armas de Marte quanto dizem ter as pombas da Caônia<sup>6</sup> à aproximação da águia. E se, do côncavo de um carvalho, a gralha sinistra<sup>7</sup> não me tivesse advertido para cortar de vez, de qualquer forma, com novas demandas,<sup>8</sup> nem este teu [amigo] Méris nem o próprio [Menalcas estariam vivos.

15

## LÍCIDAS

Ah! caberá na cabeça de alguém tão grande crime? Ah! Menalcas, estivemos a ponto de ser privados, junto contigo, das tuas consolações!<sup>9</sup> Quem agora cantaria as Ninfas? Quem juncaria o chão de ervas flóridas ou cobriria as fontes de verde sombra?<sup>10</sup> ou quem faria os versos que há pouco apanhei

20

<sup>6</sup> A Caônia é uma região do Egito habitada pelos caônios, povo descendente de Caon, irmão do troiano Heleno (cf. *Enéida*, III, 334), e famosa por suas matas de carvalhos, muito procuradas pelas pombas por causa das bolotas.

Ali ficava a cidade de Dodona, em cujas proximidades havia um bosque, um templo, um oráculo e uma fonte consagrados a Júpiter (cf. *Geórg.*, I, 149, e *Enéida*, III, 446, com os comentários de Sérvio, pp. 167, da ed. de Thilo, e 423, vol. I, ed. de Thilo e Hagen, respectivamente).

O fato de as pombas da Caônia terem fama de responder às consultas do oráculo induziu Sérvio a supor que o poeta estabelece um confronto entre "minora auguria" (da pomba) e "maiora auguria" (da águia). Julgo que a interpretação correta é mais simples, constituindo "chaonias" apenas um epíteto de excelência: a força de argumentação da poesia (de Virgílio) é nula perante a força bruta (do militar usurpador), assim como é nula a força das pombas (do bosque sagrado) quando a águia (do mato) se aproxima.

<sup>7</sup> Os áugures dividiam o espaço celeste em quatro partes com a varinha ritual (*lituus*) e davam-lhes nomes: *antica*, *postica*, *dextra* e *sinistra*. Observavam o *templum*, ou quadrado, assim dividido (daí "contemplar") até que surgisse alguma ave.

Previne Sérvio de que *ante* é indiviso de *sinistra* (v. 15), para daí concluir que a gralha não voou de nenhuma das quatro partes, mas da parte "antica" para a "sinistra", e pousou num carvalho oco, o que era ruinoso para os campos. A árvore estragada demonstraria o "vício" da posse pelos soldados, que se regozijam com os gritos e os processos, tal como a gralha, que gosta de palrar e costuma invadir os ninhos das outras aves. Especiosa interpretação, que por certo dimana de reflexões induzidas na mente do leitor. Sortilégio da boa poesia!

O pensamento do poeta é, porém, muito mais claro e retilíneo. O "ante" é simples advérbio de "monuisset". E o agouro da gralha voando da esquerda foi benéfico para o velho servo e seu amo (v. 10).

*Audieras, et fama fuit; sed carmina tantum  
nostra ualent, Lycida, tela inter Martia, quantum  
Chaonias dicunt aquila ueniente columbas.  
Quod nisi me quacumque nouas incidere litis  
ante sinistra caua monuisset ab ilice cornix,  
nec tuos hic Moeris nec uiueret ipse Menalcas.*

15

## LYCIDAS

*Heu! cadit in quemquam tantum scelus? Heu! tua nobis  
paene simul tecum solacia rapta, Menalca?  
Quis caneret Nymphas? quis humum florentibus herbis  
spargeret, aut uiridi fontis induceret umbra?  
uel quae sublegi tacitus tibi carmina nuper,*

20

A "cornix improba" anuncia e até provoca a chuva com seu importuno crocito (cf. *Geórg.*, I, 388; Horácio, *Odes*, III, 17, 16: "augur aquae annosa cornix").

O que vem da esquerda (*sinistrum*) é contrário, maléfico, funesto, fatídico. A razão disso proviria do fato de comumente o homem ser menos hábil com a mão esquerda do que com a direita (daí "destro" e "déstreza", como sinônimos de ágil e agilidade, desembaraçado e desembaraço). Todavia, nos auspícios dos romanos recebidos dos etruscos, *sinistrum* significava próspero, feliz, benéfico, enquanto para os demais povos quer dizer o oposto, o que, aliás, também aparece entre os próprios romanos (cf. Valério Máx., IV, 7, 2).

Segundo Tito Lívio, I, 18, o rei Numa, ao tomar os augúrios, volta-se para o meio-dia, ficando, portanto, com o nascente à esquerda e o poente à direita. Ora, no Oriente nasce o sol, a luz, o bem, ao passo que do Ocidente vêm as trevas, sinônimo do mal.

Acontece, porém, que os gregos, para tomarem os augúrios, voltavam-se para o Setentrião. Por isso, o que para os romanos é direita é esquerda para os gregos, e vice-versa. Sérvio, *ad. Aen.*, II, 693, e VI, 631, aduz outra causa dessa inversão: o que para os homens é direita, para os deuses, que mandam os augúrios, é esquerda, e vice-versa. Daí as confusões de orientação que passaram às palavras *dextra* e *laeuca* (do grego *λαία*) ou *sinistra*.

<sup>8</sup> Parece notório que a usurpação do domínio do poeta não foi pacífica. O "nouas litis" (v. 14) dá a entender que houve interposição de recurso para Roma da decisão da autoridade local. É que na Cisalpina reinava uma espécie de anarquia ("quoniam fors omnia uersat", v. 5), com o mais forte impondo sua vontade pelas armas ("tela inter Martia", v. 12). Nesse meio tempo, o poeta fugiu possivelmente para Roma, com duplo objetivo: poupar a vida e apelar para Otaviano.

<sup>9</sup> Os "solacia" são proporcionados pela arte do poeta, traduzida nos seus versos, os quais "aduersis perfugium ac solatium praebent" (Cícero, *Pro Archia*, 7).

<sup>10</sup> Reminiscência de *Buc.* V, 40.

furtivamente de ti, sem dizer palavra, quanto te dirigias para  
[junto de Amarílde, nosso bem?<sup>11</sup>  
“Títiro, até à minha volta (o caminho é curto) apascenta as  
cabrinhas; e leva-as a beber, Títiro, depois de apascentadas e,  
ao conduzi-las, toma cautela para não encontrares o bode 25  
[(ele fere com o corno).”<sup>12</sup>

#### MÉRIS

Ou antes estes, ainda não acabados, que ele cantava para Varo:<sup>13</sup>  
“Varo, se Mântua nos restar, Mântua demasiado próxima,  
ah!, da infeliz Cremona,<sup>14</sup> os cisnes, cantando, levarão  
teu nome sublime até aos astros.”<sup>15</sup>

#### LÍCIDAS

Assim os teus enxames evitem os teixos cirneus,<sup>16</sup> assim 30  
as tuas vacas apascentadas de codesso<sup>17</sup> distendam os

<sup>11</sup> Amarílde parece encarnar o “eterno feminino”, a mulher amada de todos os pastores. Daí o “delicias nostras” (v. 22), e não porque o amor de Amarílde seja partilhado pelos dois rivais, Menalcas e Lícidas.

<sup>12</sup> Já Sérvio notou que estes versos 23-5 constituem uma tradução de Teócrito (idílio III, 1-3). Todavia, o comentador exagerou ao qualificar o tipo de tradução de “uerbum ad uerbum”, embora conceda que Virgílio pôs nesses versos uma questão pessoal (“sed tamen Virgilii negotium continentes”). É certo que o Mantuano deixou-nos uma tradução ao pé da letra do seu modelo, chegando mesmo a conservar o quiasmo “Tytire... Tytire”, conforme observa G. A. Gebauer, *De poetarum graecorum bucolicorum imprimis Theocriti in eclogis a Vergilio expressis libri duo*, vol. I, Lipsiae, H. Mendelsohn, s. d., *apud* Cartault, *op. laud.*, p. 365, n. 1. Mas deixou de lado algumas coisas, como a expressão *το καλὸν περιλαμνέει*, além de não se ater à letra dos vv. 1, 2 e 5. Virgílio, com suas “traduções”, ou melhor, “equivalências”, é uma esplêndida fonte para uma válida teoria da tradução, que tanto seduz os modernos. Aulo Gélcio, em *Noites At.*, IX, 9, fez o cotejo da tradução e do modelo, estabelecendo as bases do processo virgiliano de elaborar seus versos a partir de motivos poéticos que recolhia às vezes junto com a expressão do original. Aliás, parece ter sido esse o processo utilizado por outros poetas latinos que recorriam aos modelos helênicos.

<sup>13</sup> O mesmo Lúcio Alfeno Varo a quem o poeta dedicou a *Buc.* VI (vd. nota n.º 4 a essa *Buc.*).

<sup>14</sup> Varo sucedera a Polião no governo da Gália Cisalpina. A cidade de Cremona, a meio caminho entre o Ticino e Mântua, seguiu nas guerras civis o partido de Cássio e Bruto, contra Otaviano. Após a batalha de Filipos e a conseqüente distribuição de terras aos veteranos, às custas dos cremonenses, Virgílio, cujas terras pertenciam ao termo de Mântua, ficara isento das taxas compensatórias do confisco, graças à proteção de Polião. Como este cedera o lugar ao novo governador, o poeta inquietou-se. É este o

*cum te ad delicias ferres Amaryllida nostras?*  
“Tityre, dum redeo (breuis est uia) pasce capellas;  
et potum pastas age, Tityre, et inter agendum  
occursare capro (cornu ferit ille) caueto.” 25

#### MOERIS

*Immo haec quae Varo, necdum perfecta, canebat;*  
“Vare, tuom nomen, superet modo Mantua nobis,  
Mantua uae misere nimium uicina Cremonae,  
cantantes sublime ferent ad sidera cycni.”

#### LYCIDAS

*Sic tua Cyrneas fugiant examina taxos,* 30  
*sic cytiso pastae distendant ubera uaccae,*

momento preciso da *Buc.* IX que justifica “superet... Mantua” (v. 27). E essa vizinhança veio a ser ocasião de novas espoliações de terras, porque as de Cremona não foram suficientes para contemplar todos os veteranos.  
<sup>15</sup> Mântua, à beira do Mincio, era famosa por seus cisnes, aves consagradas a Apolo (cf. Cícero, *Tuscul.*, I, 30), em virtude de possuírem, segundo a lenda, um instinto premonitório que as leva a entoar um canto harmonioso na iminência da morte.

Os velhos poetas gregos e latinos deram curso à lenda, cujo fundamento encontraram na escrita hieroglífica do antigo Egito, onde um cisne representava um velho músico.

Apolo teria convertido o cisne em constelação, localizada entre o círculo polar ártico e o trópico de Câncer, e cujas estrelas principais desenhavam enorme cruz em plena Via Láctea. Nesta constelação, podemos reconhecer a figura de uma ave de asas abertas precisamente no ponto em que a Via Láctea é dividida em dois braços distintos por uma nuvem alongada de matéria interestelar.

Sobre a fórmula hiperbólica “ad sidera”, vd. nota n.º 20 à *Buc.* V.

Promessa de epopéia, contra a salvação de Mântua da espoliação de terras? Será que o canto dos cisnes brancos do Mincio exprimiria adequadamente os feitos de Varo? A solução está intimamente associada à determinação da data de composição da *Buc.* IX.

<sup>16</sup> A Córsega era denominada *Κύρνη* ou *Κύρνος* pelos gregos.

O teixo (*Taxus baccata*) é um arbusto da família das taxáceas, espontâneo, muito ornamental. Produz uma baga que contém veneno letal. É muito abundante na Espanha, Córsega e Grécia. O mel das abelhas da Córsega era amaríssimo devido à flor dos teixos (cf. Ovídio, *Am.*, I, 12, 20). Em *Geórg.*, IV, 47, Virgílio recomenda que não haja teixos na circunvizinhança das colméias.

<sup>17</sup> Sobre o codesso, vd. nota n.º 47 à *Buc.* I.

úberes. Começa, se tens algo para cantar.<sup>18</sup> Também a mim as Piérides<sup>19</sup> me fizeram poeta; também eu sei versos; também a mim os pastores me chamam vate: mas não creio neles; pois me parece que ainda não disse coisas dignas nem de Vário nem de Cina<sup>20</sup> mas que grasno como um pato<sup>21</sup> 35  
[entre os cisnes canoros.]

#### MÉRIS

Nisso eu penso na verdade, ó Lícidas, e, calado, revolve eu próprio comigo, se posso recordar-me; e não é um poema desprezível: “Vem aqui, ó Galatéia:<sup>22</sup> que divertimentos, pois, há para ti nas ondas? Aqui é uma primavera purpúrea; aqui à volta dos rios a terra se desentranha em flores variegadas; aqui o choupo branco está sobranceiro à minha gruta e as videiras flexíveis entrelaçam um caramanchel. Vem aqui; deixa que as doidas vagas [firam a praia.”<sup>23</sup> 40

<sup>18</sup> Lícidas está impaciente por ouvir os versos de Menalcas recitados por seu fiel servo, já que ele, embora poeta, ainda não compôs obra digna de um grande poeta como Menalcas, Vário e Cina.

<sup>19</sup> Vd. nota n.º 46 à *Buc.* III.

<sup>20</sup> Lúcio Vário Rufo, amigo de Virgílio, poeta épico, reputado o maior especialista no gênero até ao surgimento da *Enéida*. Dedicou-se igualmente à tragédia, dando-nos Quintiliano referência de uma: *T'iste* (cf. *Inst. Orat.*, X, 1, 98). Junto com Tuca, foi incumbido por Otaviano de publicar a *Enéida* após a morte do nosso poeta.

Caio Hélvio Cina, também contemporâneo de Virgílio, era um poeta muito estimado, integrando a escola de Calvo e Catulo. Escreveu uma epopéia alexandrina intitulada *Smirna*, que foi muito discutida, constituindo uma das obras mais representativas do movimento literário daquela escola. No epigrama XXI, v. 4 do livro X, Marcial atribui a Sexto a opinião de que Cina foi superior a Virgílio, para depois ironizar: “*Sic tua laudentur*” (v. 5).

<sup>21</sup> Diz Sêrvio que o poeta alude a um tal Anser, poeta áulico de Marco Antônio, encarregado de escrever as glórias do triúmviro. E cita as *Filípicas* de Cícero (XIII, 5, 11), onde diz: “de Falerno Anseros depellantur”. Anser fora presenteado com uma casa de campo na Campânia, em Falerno, que pertencia a Pompeu.

*incipi, si quid habes. Et me fecere poetam  
Pierides; sunt et mihi carmina; me quoque dicunt  
uatem pastores: sed non ego credulus illis;  
nam neque adhuc Vario uideor nec dicere Cinna  
digna, sed argutos inter strepere anser olores.* 35

#### MOERIS

*Id quidem ago et tacitus, Lycida, mecum ipse uoluto,  
si ualeam meminisse; neque est ignobile carmen:  
“Huc ades, o Galatea: quis est nam ludus in undis?  
Hic uer purpureum, uarios hic flumina circum  
fundit humus flores; hic candida populus antro  
imminet et lentae texunt umbracula uites.  
Huc ades; insani feriant sine litora fluctus.”* 40

O “anser” é propriamente o nosso ganso. Preferi traduzir por “pato” em virtude de esta palavra manter em português a conotação de tolo, bobo, que se coaduna bem com a intenção de Virgílio em aludir ao mau poeta. Ovídio, *Trist.*, II, 435: “Cinna quoque his comes est, Cinnaque pro-cacior Anser”.

<sup>22</sup> Sobre Galatéia, vd. notas n.º 7 e 18 à *Buc.* I, n.º 32 à III, e 19 à VII.

<sup>23</sup> Pergunta Saint-Denis, *op. laud.*, nota aos vv. 39-40, p. 135, se esta composição é de Menalcas ou de Méris. Não vejo razão para hesitações. Méris é servo de Menalcas, recitador dos versos do amo, aos quais Lícidas atribui a manutenção de suas terras (v. 10). O velho servo responde-lhe que os “carmina... nostra” são de pouca valia, na defesa de seus direitos de propriedade, diante das armas (vv. 11-2). Se coloca o possessivo no plural é por identificação com o senhor, já que os versos cantam o mundo comum à família heril.

Adiante, vv. 26 sq., o servo recorda três versos ainda não limados (“*necdum perfecta*”).

Por que razão não há de continuar a recordar-se (“se ualeam meminisse”, v. 38) dos versos da autoria de Menalcas? As falhas de memória apoquentam a velhice. Daí declarar que o próprio autor, Menalcas, recitará os versos que Lícidas deseja ouvir (v. 55).



## LÍCIDAS

E estes versos que eu te ouvira cantar sozinho numa noite serena?  
 Recordar-me-ia da toada, se retivesse as palavras [na memória]: 45  
 “Dáfnis,<sup>24</sup> por que espreitas os nascimentos antigos das  
 constelações? Eis que surgiu o astro de César Dioneu,<sup>25</sup> o astro  
 sob o qual as searas devem regozijar-se com seus frutos e sob  
 o qual a uva deve tomar cor nas colinas soalheiras.<sup>26</sup> Ó Dáfnis,  
 enxerta as pereiras: os [teus] netos colherão teus frutos.” 50

## MÉRIS

A idade tudo leva, até mesmo a memória; eu me lembro de,  
 em menino, muitas vezes passar cantando longos dias:  
 agora esqueci todos esses poemas, e até a própria voz já foge  
 a Méris: os lobos foram os primeiros<sup>27</sup> a ver Méris.  
 Mas, entretanto, estes versos Menalcas os repetirá muitas vezes. 55

## LÍCIDAS

Aduzindo pretextos, vais prolongando os meus desejos.  
 E agora, vê, toda a superfície [da água] aplanada<sup>28</sup> silencia  
 para ti, e amainaram todos os sopros da brisa murmurante.  
 Eis-nos exatamente na metade do caminho, pois o túmulo  
 de Bianor<sup>29</sup> começa a aparecer. Cantemos aqui, ó Méris, 60  
 aqui onde os lavradores desbastam as folhas densas:

<sup>24</sup> Sobre Dáfnis, nome como que epítetico de pastor, vd. nota n.º 1 à *Buc.* VII e, sobretudo, a nota n.º 14 à *Buc.* II, que remete às da *Buc.* V, *passim*.

<sup>25</sup> Quanto ao “astro de César”, vd. nota n.º 20 à *Buc.* V. A ninfa Dione, filha do Oceano e de Tétis, é mãe de Vênus. Esta deusa é mãe de Enéias, no qual entroncaria a *gens Iulia*, a que pertencia Júlio César (cf. *Enéida*, III, 19).

<sup>26</sup> Referência ao *Iulius mensis*, o antigo *Quinctilis*, assim denominado em homenagem a Júlio César e no qual, em pleno verão, os frutos amadurecem (“Tostamque feruens Iulius coquit messem”, Marcial, X, epigr. 62, v. 7).

<sup>27</sup> Diz Sêrvio que os naturalistas confirmam o fato de faltar a voz àquele a quem o lobo vê primeiro. Acrescenta vir daí o ditado “lupus in fabula”, para significar que a aproximação daquele de quem se fala numa roda de amigos corta a palavra ao murmurador, inibindo-o.

## LYCIDAS

*Quid, quae te pura solum sub nocte canentem  
 audieram? Numeros memini, si uerba tenerem:* 45  
 “*Daphni, quid antiquos signorum suspicis ortus?  
 Ecce Dionaei processit Caesaris astrum,  
 astrum quo segetes gauderent frugibus et quo  
 duceret apricis in collibus uua colorem.*  
*Inserere, Daphni, piros: carpent tua poma nepotes.*” 50

## MOERIS

*Omnia fert aetas, animum quoque; saepe ego longos  
 cantando puerum memini me condere soles:  
 nunc oblita mihi tot carmina, uox quoque Moerim  
 iam fugit ipsa: lupi Moerim uidere priores.  
 Sed tamen ista satis referet tibi saepe Menalcas.* 55

## LYCIDAS

*Causando nostros in longum ducis amores.  
 Et nunc omne tibi stratum silet aequor, et omnes,  
 aspice, uentosi ceciderunt murmuris aerae.  
 Hinc adeo media est nobis uia; namque sepulcrum  
 incipit apparere Bianoris. Hic, ubi densas 60  
 agricolae stringunt frondis, hic, Moeri, canamus:*

Trata-se de uma velha crença popular cujo fundamento experimentei na adolescência. A surpresa, o pânico, fazem gelar o sangue nas veias ou, como diz Camilo em “A Morte do Lobo”, episódio de *Eusébio Macário*. Porto, Chardron, 6.ª ed., p. 18, põem “vibrações na espinha” do próprio caçador! (vd. nota n.º 42 à *Buc.* VIII).

<sup>28</sup> Pelo rumo que levam, os dois cantores estão passando às margens do lago Benaco (atualmente Garda), atravessado pelo rio Mincio.

<sup>29</sup> Bianor, ἀπὸ τῆς βίας καὶ ἠνορέης (Sêrvio), foi o legendário fundador de Mântua. Virgílio chama-o também de Ocno, filho do rio Toscano e da profetisa Manto, (cf. *Enéida*, X, 198-200).

Há, porém, quem não aceite a atribuição do túmulo ao fundador de Mântua, e sim ao poeta bitínio Bianor, amigo de Catulo (Léon Herrmann, *apud Saint-Denis. op. laud.*, nota ao v. 60).

depõe aqui os cabritos; chegaremos assim mesmo à cidade.<sup>30</sup>  
Ou então, se receamos que a noite nos apanhe antes da chuva,  
possamos continuar a andar cantando (o caminho custará menos):  
para caminharmos cantando, eu te aliviarei dessa carga.<sup>31</sup>

65

#### MÉRIS

Não insistas mais, ó jovem, e façamos o que urge agora.  
Cantaremos melhor os versos quando ele próprio<sup>32</sup> chegar.

<sup>30</sup> Mântua.

<sup>31</sup> Constituída de cabritos (cf. v. 6. *supra*).

*hic haedos depone, tamen ueniemus in urbem.*  
*Aut, si nox pluuiam ne colligat ante ueremur,*  
*cantantes licet usque (minus uia laedit) eamus:*  
*cantantes ut eamus, ego hoc te fasce leuabo.*

65

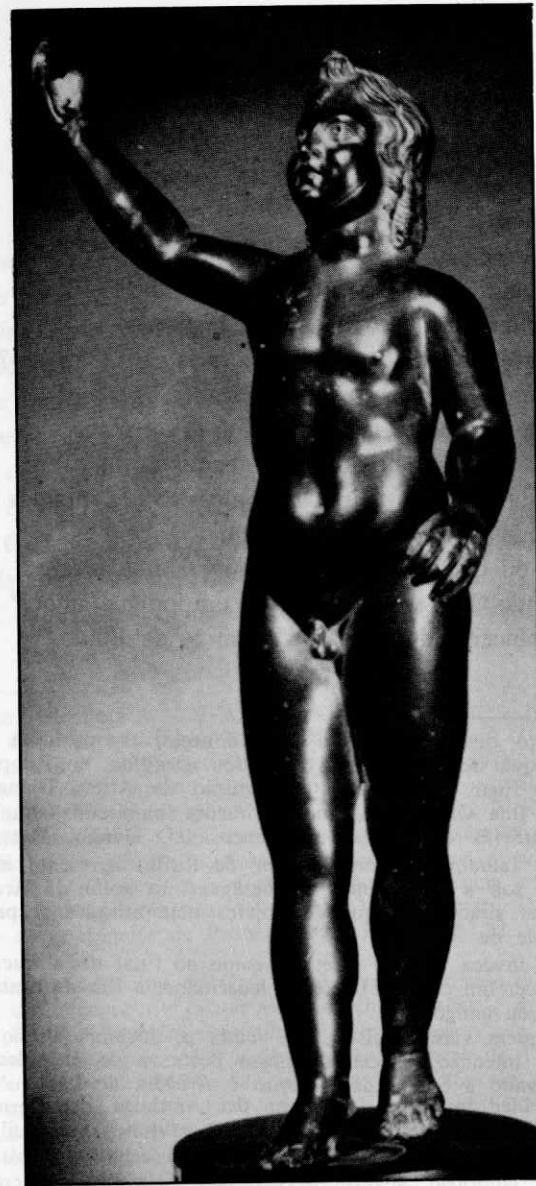
#### MOERIS

*Desine plura, puer, et quod nunc instat agamus.*  
*Carmina tum melius, cum uenerit ipse, canemus.*

<sup>32</sup> Menalcas, o autor dos versos que Lícidas deseja ouvir. Sêrvio, sempre preocupado com ver alegorias, admite tratar-se do próprio Augusto, que nesse tempo estivera ocupado com a batalha de Ácio.

### ARGUMENTO DA BUCÓLICA X

Como derradeiro esforço de compositor de bucólicas, o poeta invoca a ninfa Aretusa para cantar os amores infelizes do seu amigo Cornélio Galo, traído e abandonado por Licóride (vv. 1-8). Para mitigar seu desespero amoroso, Virgílio coloca o amigo num cenário de rebanhos, pastores e deuses campestres, na Arcádia distante, onde todos procuram consolá-lo (vv. 9-30). Se tivesse vivido sempre nesse ambiente rústico e puro, não teria sido traído (vv. 31-41). Mas o pensamento voa-lhe para a cruel Licóride, ausente nos gelados Alpes e no brumoso Reno (vv. 42-50). Os bosques servir-lhe-ão de refúgio. Ali, para esquecer os males de amor, irá entregar-se ao sortilégio da poesia e à vida saudável da natureza selvagem (vv. 51-60). Porém, o amor é mais forte do que ele; seus esforços de evasão fracassam (vv. 61-69). Virgílio despede-se da poesia bucólica e testemunha a seu amigo uma afeição redobrada (vv. 70-77).



ESTATUETA DE CUPIDO

## BUCÓLICA DÉCIMA

Ó Aretusa,<sup>1</sup> concede-me este último esforço;<sup>2</sup> poucos versos hão de ser ditos ao meu Galo,<sup>3</sup> mas que a própria Licóride<sup>4</sup> possa ler: quem recusaria versos a Galo?<sup>5</sup> Assim, quando correres sob as ondas sicanas,<sup>6</sup> possa a amarga Dóride<sup>7</sup> não misturar contigo sua água; começa; digamos os amores inquietos de Galo, enquanto as cabras de narinas chatas roem as tenras vergôntes. Não cantamos para surdos: os bosques tudo repercutem. Que florestas ou que pastagens vos retiveram, ó jovens Náiades,<sup>8</sup> quando Galo se consumia por um indigno amor?<sup>9</sup> Pois nem os píncaros do Parnaso,<sup>10</sup> nem os do Pindo,<sup>11</sup>

<sup>1</sup> Conta o mito que Aretusa era uma donzela, companheira de caça de Diana, pela qual se apaixonou o rio Alfeu da Elida, no Peloponeso. Como não pudesse fugir à impetuosa perseguição de Alfeu, Diana converteu-a em fonte na ilha Ortígia, próximo a Siracusa, para onde aquele rio dirigiu seu curso, através de canais subterrâneos (cf. Ovídio, *Metam.*, V, 572).

O Alfeu (atualmente com o nome de Rufia) apresenta alguns trechos do seu leito sob a terra, antes de desaguar no golfo da Arcádia. Dizem antigas lendas siracusanas que os objetos nele atirados reapareciam mais tarde na fonte de Aretusa.

O poeta invoca a ninfa Aretusa, como no final desta *Buc.* as Piérides, para estabelecer um cenário bucólico, teocritiano, a fim de cantar os amores infelizes do seu amigo.

Houve quem visse (Kolster, *op. laud.*, p. 208) na alusão à lenda de Aretusa uma intenção especial do nosso poeta: a de estabelecer um traço de união ligando a Sicília de Teócrito à Arcádia de Pã — "Der Dichter beginnt sein Lied mit einer Anrufung der Arethusa, der Vermittlerin zwischen Arkadien, wo der Hirtengesangzuerst geblüht, und Sicilien, wo ihn des Vergil Muster Theokritos in Aufnahme gebracht hatte, bittend..."

<sup>2</sup> Não por ser laborioso, adverte Sérvio, pois escrever é divertimento para os poetas, e sim por ferir o pudor da ninfa, a qual faz profissão de virgindade. A mentalidade puritana da época torna compreensível a explicação do comentador.

Na realidade, Virgílio quer aludir à sua decisão de dizer adeus à composição de bucólicas. Outros desígnios lhe inculcaram seus patronos Mecenas e Otaviano: ser poeta a serviço da política imperial da "Pax Romana". E isto implicava outros vãos pelo espaço do mundo das realidades que à fantasia e ao mito apenas concedem um papel secundário, ornamental.

## BVCOLICA

### X

*Extremum hunc, Arethusa, mihi concede laborem:  
pauca meo Gallo, sed quae legat ipsa Lycoris,  
carmina sunt dicenda: neget quis carmina Gallo?  
Sic tibi, cum fluctus subterlabere Sicanos,  
Doris amara suam non intermisceat undam; 5  
incipere; sollicitos Galli dicamus amores,  
dum tenera attondent simae uirgulta capellae.  
Non canimus surdis: respondent omnia siluae.  
Quae nemora aut qui uos saltus habuere, puellae  
Naides, indigno cum Gallus amore peribat? 10  
Nam neque Parnasi uobis iuga, nam neque Pindi*

<sup>3</sup> Sobre Galo, vd. nota n.º 28 à *Buc.* VI. No possessivo toda a força da amizade e do afeto que lhe votava o Mantuano, o que é reiterado no v. 73.

<sup>4</sup> Liberta do senador Volúmnio, tinha por isso o nome de Volúmnia. Dedicou-se ao teatro, com o apelativo artístico de Citéride, representando mimos. Foi sucessivamente amante de Antônio, Bruto e Galo. Traiu o amor deste último viajando para a Gália com um oficial do exército de Agripa.

Cornélio Galo não se conformou; compôs sobre a sua infeliz paixão os quatro livros de *Amores* que eram autênticas elegias (cf. a enumeração dos poetas elegíacos romanos, feita por Ovídio, *Trist.*, IV, 10, vv. 51-4, bem como as referências de Propércio, II, 34b, vv. 87-92, e de Quintiliano, X, 1, 93).

<sup>5</sup> O poeta escreve a pedido de Galo. A profunda amizade que os ligava não permitiria uma recusa de cantar os "sollicitos Galli... amores" do v. 6.

<sup>6</sup> A Sicânia é a Sicília, assim chamada do nome "Sicano" do rei de um povo da Hispânia que emigrou para a ilha antes da guerra de Tróia (cf. *Enéida*, V, 293), ou do assim denominado filho da Terra (Sérvio, *ad. Buc.*, X, 4).

<sup>7</sup> A "Doris amara" é a mãe das Nereidas. Era filha do Oceano e de Tétis, tendo casado com seu irmão Nereu. Por metonímia significa o mar salgado, que, segundo o mito, misturava suas águas com as do rio Alfeu, no encaço de Aretusa (vd. nota n.º 1, *supra*).

<sup>8</sup> Sobre as Náiades vd. nota n.º 22 à *Buc.* II.

<sup>9</sup> "Indigno amor" ou por Licóride não merecer o afeto de Galo, ou por este não ser merecedor de tal perjúrio.

<sup>10</sup> Sobre os píncaros do monte Parnaso vd. nota n.º 13 à *Buc.* VI.

<sup>11</sup> O Pindo (atualmente Mezzovo) fica entre a Tessália e o Epiro. Estende-se dos Acroceraúnios às Termópilas, deixando o Parnaso na Fócida, a meio caminho, e terminando no Helicão, na Beócia. Os poetas misturam os nomes dos três montes como sede das Musas e de Apolo.

nem a aônia Aganipe<sup>12</sup> vos detiveram. Os próprios loureiros, os próprios tamarindos<sup>13</sup> o choraram; também o Ménalo pinífero e os rochedos do frio Liceu<sup>14</sup> o choraram enquanto jazia sob uma rocha solitária.<sup>15</sup> Em volta estão as ovelhas (elas não nos desdenham, e tu, divino poeta, não desprezes o rebanho: também o formoso Adônis<sup>16</sup> pastoreou ovelhas ao longo dos rios); veio igualmente o pastor; vieram os vagarosos porqueros; veio Menalcas,<sup>17</sup> molhado pela colheita da bolota.<sup>18</sup> Todos perguntam: “De onde te veio esse amor?” Veio Apolo e disse: “Galo, por que enlouqueces? Licóride, objeto do teu cuidado,<sup>19</sup> seguiu um outro através das neves e dos eriçados acampamentos.”<sup>20</sup> Veio também Silvano,<sup>21</sup> com o ornamento agreste da cabeça, brandindo varas floridas e grandes lírios. Veio Pã, deus da Arcádia; vimo-lo com os próprios olhos, enrubescido pelas bagas cor-de-sangue do ébulo e pelo mínio:<sup>22</sup> “Haverá, porventura, um limite”, disse, “o Amor não cura tais coisas, nem o

<sup>12</sup> Aganipe é uma fonte do Helicão, na Beócia, ou Aônia.

A tradição mítica dizia que sua água dava inspiração, por ser consagrada às Musas (vd. notas n.º 29 e 30 à *Buc.* VI).

<sup>13</sup> Os loureiros e tamarindos eram consagrados a Febo/Apolo, conforme ficou dito na nota n.º 31 à *Buc.* III.

<sup>14</sup> O Ménalo e o Liceu são montes da Arcádia. O primeiro já foi mencionado pelo poeta na *Buc.* VIII, no refrão do canto de Damão (vd. nota n.º 14 a essa *Buc.*). Suas matas de pinheiros acoitavam grande abundância de lobos (*λύκοι*), donde teria provindo seu nome. Santo Agostinho, em *De Ciuit. Dei*, XVIII, 17, diz que nesse monte os homens se convertiam em lobos, por malas-artes dos demônios.

<sup>15</sup> Note-se o vigor da prosopopéia, como em *Buc.*, I, 38-9, e V, 62-4, bem como adiante, v. 63. As plantas, os rochedos, as ovelhas, os deuses, os pastores choraram a desdita de Galo. E também o vigor da hipálage “sola sub rupe” do v. 14.

<sup>16</sup> Adônis nasceu do amor incestuoso do rei Ciniras de Chipre e de sua filha Smirna, ou Mirra. Dotado de grande beleza, dedicou-se à vida pastoril. Foi amado por Vênus, e ele retribuiu esse amor a ponto de suscitar o ciúme de Marte, que mandou um javali dilacerá-lo. Vênus converteu o sangue do jovem numa flor de coloração sangüinolenta, e chorou-o amargamente.

Existem outras versões do mito que o dão como amado por Prosérpina, nos infernos. Júpiter ter-lhe-ia concedido o privilégio de passar meio ano sobre a terra. Foi cultuado na Síria, onde as mulheres executavam ritos em sua homenagem.

<sup>17</sup> O nome do pastor mais vezes repetido ao longo das *Bucólicas*. Está presente na II, III, V, IX e X.

<sup>18</sup> A apanha do fruto do carvalho, para sustento dos porcos e bois na invernia.

*ulla moram fecere, neque Aonie Aganippe.*  
*Illum etiam lauri, etiam fleuere myricae;*  
*pinifer illum etiam sola sub rupe iacentem* 15  
*Maenalus et gelidi fleuerunt saxa Lycae.*  
*Stant et oues circum (nostri nec paenitet illas,*  
*nec te paeniteat pecoris, diuine poeta;*  
*et formosus ouis ad flumina pauit Adonis);*  
*uenit et upilio; tardi uenere subulci;* 20  
*uuidus hiberna uenit de glande Menalcas.*  
*Omnes “Vnde amor iste” rogant “tibi?” Venit Apollo:*  
*“Galle, quid insanis?” inquit; “tua cura Lycoris*  
*perque niues alium perque horrida castra secuta est.”*  
*Venit et agresti capitis Siluanus honore,* 25  
*florentis ferulas et grandia lilia quassans.*  
*Pan deus Arcadiae uenit, quem uidimus ipsi*  
*sanguineis ebuli bacis minioque rubentem:*  
*“Ecquis erit modus?” inquit “Amor non talia curat,*

é executada na estação chuvosa e fria. O pastor chega molhado devido a essa tarefa de inverno. Também pode interpretar-se de outro modo. Catão, *De Agric.*, 54, e Columela, VII, 9, 8, informam que os rústicos conservavam as bolotas em água para uso posterior.

<sup>19</sup> A expressão “tua cura”, já empregada pelo poeta em *Buc.*, I, 57, é típica da linguagem erótica. Sérvio anota que, neste verso 22, é utilizada com tom de irrisão, pois chama Licóride de “teu cuidado”, quer dizer, por quem tu és solícito e... abandonado em paga. E isto é Apolo, o deus da adivinhação, que responde aos que perguntam...

<sup>20</sup> Vd. nota n.º 4, *supra*, e vv. 46 e 47, *infra*.

<sup>21</sup> Silvano é deus das florestas, dos rebanhos e das propriedades rurais (“tutor finium”, na expressão de Horácio, *Epod.*, II, 21). Confunde-se por vezes com Pã e com Fauno. Narram as fábulas que amou o jovem Cipariso, ou Cipseste, o qual possuía uma corça que domesticou. Silvano, por imprudência, matou-a com uma flecha, e o jovem caiu vítima da dor, tendo depois sido convertido em árvore com o seu nome. Silvano passou a ser considerado um deus funéreo, e o cipseste sua árvore predileta (cf. *Breuis Expositio* de autor anônimo, *ad Georg.*, I, 20, p. 206 da ed. de Thilo-Hagen).

Silvano é representado com ramos floridos e lírios nas mãos, ou então empunhando um pé de cipseste.

<sup>22</sup> O ébulo é uma planta de folhas parecidas com as do sabugueiro e que produz bagas vermelhas. O mínio, confundido pelos antigos com o cinábrio, que é um mineral trigonal vermelho, um sulfeto de mercúrio, é hoje denominação de um óxido vermelho de chumbo, utilizado como pigmento na indústria química, e que os romanos extraíam das minas de prata da Espanha.

O rosto dos deuses e semideuses campestres, como Pã e Priapo, era pintado de vermelho berrante.

cruel Amor se sacia de lágrimas nem os prados de ribeiros  
 nem as abelhas de codesso<sup>23</sup> nem as cabras de folhagem". 30  
 Ele, porém, disse entristecido: "Apesar de tudo, árcades,  
 vós cantareis estas coisas aos vossos montes, pois só vós,  
 árcades, sabeis cantar. Oh quão docemente repousariam  
 os meus ossos, se um dia a vossa flauta dissesse os meus  
 amores! E oxalá tivesse eu sido um de vós ou guarda do vosso 35  
 rebanho ou vindimador da uva madura! Por certo, ou Fílida<sup>24</sup>  
 ou Amintas,<sup>25</sup> ou qualquer outra paixão (que importa,  
 se Amintas é escuro? negras são também as violetas<sup>26</sup> e são  
 negros os jacintos-das-searas), comigo se deitaria  
 entre os salgueiros debaixo de uma vide flexível: para mim, 40  
 Fílida colheria grinaldas, Amintas cantaria.  
 "Aqui, Licóride, há frescas fontes, aqui macios prados;  
 aqui um bosque; aqui eu consumiria contigo os meus dias.  
 Agora um amor insensato me detém sob as armas do duro  
 Marte,<sup>27</sup> em meio aos dardos e em face dos inimigos. Tu, longe 45  
 da pátria (possa eu não acreditar em tão horrível coisa!), vês  
 sozinha e sem mim, ah! cruel, as neves dos Alpes e as neblinas  
 do Reno.<sup>28</sup> Ah! que as neblinas não te molestem! Ah! que  
 o áspero gelo não corte as plantas delicadas dos teus pés!<sup>29</sup>  
 Irei e cantarei na flauta do pastor siciliano<sup>30</sup> os poemas 50  
 que por mim foram compostos em verso calcídico.<sup>31</sup>  
 Está decidido que prefiro sofrer nos bosques entre os covis  
 das feras e gravar os meus amores nas árvores tenras:  
 elas crescerão e vós, meus Amores, também crescereis.<sup>32</sup>

<sup>23</sup> Sobre o codesso, vd. nota n.º 47 à *Buc.* I.

<sup>24</sup> Nome de pastora, que já figura nas *Bucs.* III, V e VII.

<sup>25</sup> Nome de pastor que já figura nas *Bucs.* II, III e V.

<sup>26</sup> Cf. *Buc.*, II, 16-8.

<sup>27</sup> Galo soltou as rédeas do sonho e agora volta à realidade crua da situação presente: seria maravilhosa a vida com sua amada na Arcádia, num bucolismo sadio e calmo; mas Licóride o abandonou enquanto ele estava na guerra (vd. nota n.º 4, *supra*).

A figura de Galo aqui delineada por Virgílio é mero artifício poético para estabelecer um marcado contraste entre o homem de guerra ativo e participante das lutas civis e o homem derrotado pelo amor que se evade entre os pastores-poetas da Arcádia, entregue aos devaneios de uma bela hipótese de paixão. Este contraste foi bem assinalado por Sellar, *op. laud.*, p. 151.

*nec lacrimis crudelis Amor nec gramina riuis  
 nec cytiso saturantur apes nec fronde capellae.*" 30

*Tristis at ille: "Tamen cantabitis, Arcades, inquit,  
 montibus haec uestris, soli cantare periti  
 Arcades. O mihi tum quam molliter ossa quiescant,  
 uestra meos olim si fistula dicat amores!  
 Atque utinam ex uobis unus uestrique fuissem 35  
 aut custos gregis aut matura uinitor uuae!  
 Certe siue mihi Phyllis siue esset Amyntas,  
 seu quicumque furor (quid tum, si fuscus Amyntas?  
 et nigrae uiolae sunt et uaccinia nigra),  
 mecum inter salices lenta sub uite iaceret: 40  
 sarta mihi Phyllis legeret, cantaret Amyntas.*

*"Hic gelidi fontes, hic mollia prata, Lycori;  
 hic nemus; hic ipso tecum consumerer aeuo.  
 Nunc insanus amor duri me Martis in armis  
 tela inter media atque aduersos detinet hostis. 45  
 Tu procul a patria (nec sit mihi credere tantum)  
 Alpinas, a, dura, niues et frigora Rheni  
 me sine sola uides. A, te ne frigora laedant!  
 a, tibi ne teneras glacies secet aspera plantas!*

*Ibo et Chalcidico quae sunt mihi condita uersu 50  
 carmina pastoris Siculi modulabor auena.  
 Certum est in siluis inter spelaea ferarum  
 malle pati tenerisque meos incidere Amores  
 arboribus: crescent illae, crescetis, Amores.*

<sup>28</sup> Na companhia do oficial do exército de Agripa, em campanha na Gália (vd. nota n.º 4, *supra*).

<sup>29</sup> A paixão frustrada de Galo transcende o natural despeito num êxtase amoroso que deseja, acima de tudo, o bem do ser amado, em total abnegação e despojamento de si próprio. Subjacente ao apontamento do fenômeno amoroso, a alma sensível e rica de Virgílio.

<sup>30</sup> Isto é, no estilo de Teócrito, no gênero bucólico.

<sup>31</sup> Quer dizer, à maneira do poeta de Cálcis, na ilha Eubéia. Alusão muito provável ao poeta elegíaco Euforião, natural de Cálcis, que Galo traduziu para latim.

De acordo com Sérvio, havia quem pensasse que "calcídico" se referia igualmente a Teócrito, porque dessa cidade partiram os fundadores de Naxos, na Sicília; outros diziam que Teócrito teria emigrado da Sicília para a Eubéia.

<sup>32</sup> Como se observa, é muito remota a prática dos apaixonados escreverem os nomes dos entes amados nas cascas das árvores. À medida que estas forem crescendo, crescerão também os versos e o nome inscritos sobre elas.

Entretanto, eu percorrerei o Ménalo<sup>33</sup> no meio das 55  
 Ninfas,<sup>34</sup> ou caçarei os ferozes javalis; nenhuns frios me  
 impedirão de cercar com os cães os matagais do Partênio.<sup>35</sup>  
 Já me vejo andando através das rochas e dos bosques  
 retumbantes;<sup>36</sup> apraz-me lançar com o chifre parto<sup>37</sup> flechas  
 de Cidônia;<sup>38</sup> como se isto fosse remédio para a nossa 60  
 paixão, ou aquele deus<sup>39</sup> aprendesse a enternecer-se com os  
 males dos homens! Nem as Hamadriades<sup>40</sup> nem os próprios  
 versos nos agradam mais; retirai-vos de novo, ó florestas.  
 Os nossos trabalhos não podem mudá-lo, nem que bebamos  
 o Hebro<sup>41</sup> em pleno frio ou enfrentemos as neves sitônias<sup>42</sup> do 65  
 inverno chuvoso, nem que, quando a casca morre de segura no  
 alto olmo, conduzamos as ovelhas dos etíopes<sup>43</sup> sob a  
 constelação do Câncer.<sup>44</sup> O Amor tudo vence:  
 também nós cedamos ao Amor.<sup>45</sup>  
 Bastará, divinas Piérides,<sup>46</sup> que o vosso poeta haja cantado 70  
 estes versos, enquanto sentado foi entrelando uma cestinha

<sup>34</sup> No texto, "mixtis... Nymphis" (v. 55), por "immixtus Nymphis": mais um caso de hipálage.

<sup>35</sup> O monte Partênio fica na Arcádia, nos confins da Argólida, assim chamado por causa das virgens (*παρθένοι*) que em suas matas costumavam caçar, ou então de Partênio, filho de Júpiter e irmão de Arcade.

<sup>36</sup> Os bosques são retumbantes (*sonantis*) por repercutirem os passos e ruídos das caçadas; em *Buc.*, II, 123, ressoam (*resonant*) com as roucas cigarras. Em *Buc.*, VIII, 22, o mesmo epíteto para significar a retumbância dos cantos dos pastores, assim como a eloquência (*loquentis*) dos pinheiros. Em *Buc.*, VII, 1, a azinheira é rumorosa (*arguta*) por rêssoar com o murmúrio da brisa.

Em todos os exemplos, o binômio homem/natureza, numa existência perfeitamente simbiótica (vd. nota n.º 7 à *Buc.* I).

<sup>37</sup> Os partos (da Pártia, na Ásia Central; por extensão, os persas) eram famosos cavaleiros e arqueiros. Fabricavam os arcos de chifres de animais.

<sup>38</sup> Cidônia, ou Cidão, ficava na ilha de Creta. Seus habitantes também eram, como os partos, arqueiros célebres na antiguidade. Faziam as flechas de canas gênero bambu.

<sup>39</sup> Esse deus é Amor, como se vê nos vv. 28 sq., *supra*.

<sup>40</sup> As Hamadriades são ninfas dos bosques que nascem, crescem e morrem com a árvore que a cada uma delas coube por destino. As Dríades são ninfas que habitam entre as árvores; Oréades, nos montes; Perimélides, entre as ovelhas; Náíades, nos rios e fontes; Limônides, nos prados.

O viajante e naturalista alemão Carl von Martius designou por "Hamadriade" uma das cinco grandes regiões da flora do Brasil — a cáldio-seca —, tal como designou outra como "Dríade" (vd. nota n.º 28 à *Buc.* V) e outra ainda como "Náíade" (vd. nota n.º 22 à *Buc.* II).

*Interea mixtis lustrabo Maenala Nymphis,* 55  
*aut acris uenabor apros; non me ulla uetabunt*  
*frigora Parthenios canibus circundare saltus.*  
*Iam mihi per rupes uideor lucosque sonantis*  
*ire; libet Partho torquere Cydonia cornu*  
*spicula; tamquam haec sit nostri medicina furoris,* 60  
*aut deus ille malis hominum mitescere discat!*  
*Iam neque Hamadryades rursus nec carmina nobis*  
*ipsa placent; ipsae rursus concedite, siluae.*  
*Non illum nostri possunt mutare labore,*  
*nec si frigoribus mediis Hebrumque bibamus,* 65  
*Sithoniasque niues hiemis subeamus aquosae,*  
*nec si, cum moriens alta liber aret in ulmo,*  
*Aethiopum uersemus ouis sub sidere Cancri.*  
*Omnia uincit Amor: et nos cedamus Amori."*  
*Haec sat erit, diuae, uestrum cecinisse poetam,* 70  
*dum sedet et gracili fiscellam textit hibisco,*

<sup>41</sup> O Hebro (atualmente Maritza) é um rio da Trácia, que deságua no mar Egeu.

No Hebro foram lançadas a cabeça e a lira de Orfeu, quando este foi dilacerado pelas Bacantes (vd. nota n.º 24 à *Buc.* III).

<sup>42</sup> A Sitônia é uma região da Trácia voltada para a Macedônia. Por sinédoque designa a própria Trácia, até mesmo o Norte.

Sérvio fala do monte Sitão e de um povo da Trácia assim chamado do nome do rei Sitão, pai de Fílidade, que amou Demofonte.

<sup>43</sup> Na concepção dos romanos, a Etiópia era a parte do mundo conhecido que ficava no extremo sul.

<sup>44</sup> O Câncer é o quarto signo do Zodíaco. Conta o mito que Hércules, num momento em que parou de lutar no pântano contra a Hidra de Lerna, foi mordido no pé por um caranguejo. O deus matou-o imediatamente. Juno, arrebatada pela ira, transportou o crustáceo para os céus e fez dele a constelação que tem seu nome (cf. Higino, *Astron.*, II, 23, e Lucrécio, *De R. Nat.*, V, 616).

Outros explicam o nome do signo pelo fato de que o sol, ao chegar perto dele, começa a retroceder à guisa de caranguejo (cf. Macróbio, *Saturn.*, I, 17).

A aplicação do termo à úlcera maligna que irrompe na pele e consome a carne devorando-a como que rastejando está documentada em Celso, V, 26, 31: "Omnis autem cancer non solum id corrumpit, quod occupauit, sed etiam serpit", e VI, 18, 3: "Exciso cancro uulnus esse adurendum".

<sup>45</sup> A renúncia de Galo fá-lo entregar-se de maneira total e decisiva aos arroubos da paixão que o domina. Síntese perfeita da vitória do Amor no conflito que travou dentro de si.

<sup>46</sup> Vd. notas n.º 46 à *Buc.* III e n.º 1 à *Buc.* X.

com o esguio malvaíscio:<sup>47</sup> vós torná-los-eis magníficos para Galo, por quem o meu amor cresce tanto de hora em hora quanto, na nova primavera, se eleva o amieiro<sup>48</sup> verdejante.

Ergamo-nos: a sombra costuma ser nociva aos cantores, nociva a sombra do zimbro;<sup>49</sup> as sombras também causam dano às searas.

Ide para o aprisco, ide, cabrinhas fartas: a estrela Vésper<sup>50</sup>  
[se levanta.

75

*Pierides: uos haec facietis maxima Gallo,  
Gallo, cuius amor tantum mihi crescit in horas,  
quantum uere nouo uiridis se subicit alnus.*

*Surgamus: solet esse grauis cantantibus umbra,  
iuniperi grauis umbra; nocent et frugibus umbrae.  
Ite domum saturae, uenit Hesperus, ite, capellae.*

75

<sup>47</sup> Sobre o malvaíscio vd. nota n.º 16 à *Buc.* II.

<sup>48</sup> O amieiro, ou alno (*Alnus glutinosa*), é uma árvore da família das betuláceas, que se dá bem em terrenos pantanosos e à beira dos rios, cuja madeira, bastante macia, é ótima para obras hidráulicas, marcenaria comum, pontes, etc. Sua casca, adstringente, é usada para combater a angina e para curtume.

Plínio, XVI, 42, diz servir para fazer tubos de aquedutos. Virgílio, *Georg.*, I, 136, afirma que as primeiras pequenas barcas para travessia dos rios eram feitas de amieiro escavado ("alno cauata").

Em amieiros foram convertidas as Faetontíades (vd. nota n.º 27 à *Buc.* VI).

<sup>49</sup> Quanto ao zimbro, vd. nota n.º 31 à *Buc.* VII.

<sup>50</sup> Estrela da tarde, etc. Vd. nota n.º 41 à *Buc.* VI.